



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

**A DIÁSPORA E A IMPRENSA AÇORIANA: O CASO DO
"MERCADO NOTICIOSO DA SAUDADE"**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Comunicação na vertente de Media e Jornalismo**

Por

Marta Azevedo Silva

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2016



**UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA**

**A DIÁSPORA E A IMPRENSA AÇORIANA: O CASO DO
“MERCADO NOTICIOSO DA SAUDADE”**

**Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação na
vertente de Media e Jornalismo**

Por

Marta Azevedo Silva

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação do Professor Doutor Rogério Santos

Setembro de 2016

Resumo

Esta dissertação propõe-se, ao desconstruir o jornalismo açoriano, observar as relações que se estabelecem entre os emigrantes radicados nas comunidades da diáspora e os jornais açorianos com o objetivo de apreender a importância da imprensa local na preservação dos laços afetivos dos migrantes com os seus pontos de partida. Como tal, pretende-se compreender como se materializa o “mercado noticioso da saudade”, de modo a aferir se a imprensa funciona como uma forma de imortalizar, na memória dos açorianos “lá de fora”, a essência de ser insular, ao sustentar as saudades dos migrantes das suas raízes ancestrais e não deixando cair no esquecimento a mística de viver nas ilhas atlânticas que delimitam o ponto mais ocidental da Europa.

Palavras-chave: imprensa, *açorianidade*, emigração, “mercado noticioso da saudade”.

Abstract

Based on the deconstruction of the Azorean press, the purpose of this study is to analyse the links between emigrants who live in the communities of the diaspora and the Azorean newspapers, in order to understand the significance of the local press as a way of preserving the emotional bonds between the migrants and their origin. The aim is to understand how the “saudade news market” is materialized, trying to perceive if the press is in fact a way of immortalizing, in the Azoreans memory, the essence of being an islander not letting them forget the mystique of living in the westernmost Atlantic islands.

Key-words: press, *açorianidade*, emigration, “saudade news market”.

Résumé

Cette thèse vise, à travers la déconstruction du journalisme des Açores, l'observation des rapports qui se nouent entre les émigrants qui habitent dans les communautés de la diaspora et les journaux des Açores dans le but de comprendre l'importance de la presse locale en tant que moyen de préserver les liens affectifs des migrants avec leur point de départ. Ainsi, on veut comprendre comment le “marché informatif de la *saudade*” se matérialise, dans le but d'évaluer si la presse est une façon de rendre immortelle dans la mémoire des Açoréens « d'ailleurs » l'essence de ce que signifie être un insulaire, étant donné qu'elle contribue la nostalgie des migrants para rapport à leurs racines ancestrales e puisqu'elle empêche l'oubli de ce qui est le vécu mystique des îles atlantiques qui délimitent le point le plus occidental de l'Europe.

Mots-clés: presse, *açorianidade*, émigration, “marché informatif de la *saudade*”.

Agradecimentos

Ao professor Doutor Rogério Santos, pela amabilidade e companheirismo nas horas difíceis,

Ao meu pai por me ter ensinado o que é ser ilhéu,

E a minha mãe por me ter feito perceber que “não serei aldeia se puder ser mundo”.

Aos açorianos “de cá” e “lá de fora”,

Ao Faial, “ilha azul”, meu ponto de partida,

A Roma, “cidade eterna”, pela inspiração e,

Por fim, mas não menos importante, aos jornais açorianos e aos seus jornalistas por terem preservando, ao longo dos anos, a cultura e a história do meu povo.

“Para se dar um salto além do horizonte quando a ilha aperta os sapatos; para se ir à ilha
quando aperta a saudade.”

Onésimo Teotónio de Almeida (1989)

Índice

Resumo	iii
Abstract.....	iv
Résumé	v
Agradecimentos.....	vi
Introdução.....	1
1. Antropologia (cultural e social) Açoriana	5
1.1. A importância dos religiosos para a fruição de manifestações culturais	7
1.2. Insularidade	9
1.3. A relação dos ilhéus com o mar	11
1.4. Condições meteorológicas – o “Azorean Torpor”	13
1.5. O conceito de <i>Açorianidade</i> de Vitorino Nemésio.....	15
2. A emigração nas ilhas: enquadramento histórico	17
2.1. A diáspora açoriana	20
2.2. A emigração para a América	22
2.3. Mercado da saudade	24
3. A imprensa nos Açores: história diacrónica	28
3.1. O surgimento da imprensa no arquipélago açoriano	30
3.2. O contributo da Imprensa para a Cultura Açoriana.....	32
3.3. A imprensa nos Açores: história sincrónica	34
3.4. O jornalismo online nos Açores	37
4. Metodologia de pesquisa	45
4.1. Objetivos de pesquisa	45
4.2. Tipo de investigação – métodos e técnicas.....	46
4.3. Caracterização da amostra	48
5. Análise de resultados	56
5.1. Integração na comunidade	56
5.2. Relação com a imprensa	59
5.3. O movimento associativo e a imprensa	71
5.4. Os emigrantes e o regresso	78
Conclusão	82
Bibliografia.....	85
Web links.....	89
Anexos.....	95
Anexo 1- Proporção de agregados familiares com ligação à internet e ligação através de banda larga em casa, NUTS II, 2015.....	95

Anexo 2- Famílias com acesso a computador, ligação à Internet e ligação através de banda larga em casa, total e por regiões NUTS II, 2012.	95
Anexo 3- Inquérito realizado para a Dissertação “A Diáspora e a Imprensa Açoriana: O Caso Do “Mercado Noticioso da Saudade””.....	96
Anexo 4- Distribuição da amostra segundo a idade dos inquiridos.	98
Anexo 5- Cruzamento de variáveis entre o género e a localidade onde residem os inquiridos.....	98
Anexo 6- Cruzamento de variáveis entre a idade e a localidade onde residem os inquiridos.	99
Anexo 7- Distribuição da amostra segundo as unidades federativas do Brasil.	99
Anexo 8- Número de emigrantes açorianos emigrados no estrangeiro, disponibilizado no <i>website</i> do governo dos Açores.....	100
Anexo 9- Cruzamento de variáveis entre e o género e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.	101
Anexo 10- Cruzamento de variáveis entre e a idade e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.	101
Anexo 11- Cruzamento de variáveis entre os inquiridos com e sem assinatura e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.....	102
Anexo 12- Cruzamento das variáveis género dos respondentes e assinatura de um jornal.	102
Anexo 13- Cruzamento das variáveis idade dos respondentes e assinatura de um jornal.	103
Anexo 14- Percentagem do número de emigrantes que partilha o jornal que assina com alguém do seu agregado familiar ou círculo de amigos.	103
Anexo 15- Cruzamento de variáveis entre o género dos inquiridos e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.	104
Anexo 16- Cruzamento de variáveis entre a idade dos respondentes e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.	104
Anexo 17- Cruzamento de variáveis os anos de ausência e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.	105
Anexo 18- Cruzamento de variáveis entre o género e as notícias que os indagados mais gostam de ler.....	105
Anexo 19- Cruzamento de variáveis entre a idade e as notícias que os indagados mais gostam de ler.....	106
Anexo 20- Cruzamento de variáveis entre o género e o meio de comunicação que os inquiridos, com assinatura, utilizam para aceder às notícias.	106
Anexo 21- Cruzamento de variáveis entre o género e o meio de comunicação que os inquiridos, sem assinatura, utilizam para aceder às notícias.	107
Anexo 22- Questionário realizado para a Dissertação “A Diáspora e a Imprensa Açoriana: O Caso Do “Mercado Noticioso da Saudade””.....	107
Anexo 23- Percentagem do número de emigrantes que assinam periódicos que pretende regressar ao arquipélago.	108

Anexo 24- Percentagem do número de emigrantes que não assinam periódicos que pretende regressar ao arquipélago.	108
Anexo 25- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes com assinatura e o regresso.	109
Anexo 26- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes sem assinatura e o regresso.	109
Anexo 27- Cruzamento de variáveis entre a idade dos migrantes com assinatura e o regresso.	110
Anexo 28- Cruzamento de variáveis entre a idade dos migrantes sem assinatura e a o regresso.	110
Anexo 29- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes com assinatura e o tempo de ausência do território português.	111
Anexo 30- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes sem assinatura e o tempo de ausência do território português.	111
Anexo 31- Principais atores envolvidos na decisão de regressar aos Açores, por motivo do regresso (%).	112

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Percentagem do número de jornais por ilha.....	41
Gráfico 2- Usos das Potencialidades da Internet nas redações açorianas.....	43
Gráfico 3- Distribuição da amostra segundo o género.	48
Gráfico 4- Distribuição da amostra segundo zona de residência.....	51
Gráfico 5- Distribuição da amostra por Estados.....	52
Gráfico 6- Distribuição da amostra segundo as províncias do Canadá.	53
Gráfico 7- Distribuição da amostra segundo o tempo em que os inquiridos estão a habitar fora de Portugal.	54
Gráfico 8- Distribuição da amostra segundo as maiores dificuldades dos emigrantes ao integrar as comunidades.	58
Gráfico 9- Percentagem dos motivos que levam os emigrantes a conservarem uma assinatura de um jornal do arquipélago.	61
Gráfico 10- Opções para obtenção de informação sobre o arquipélago.	62
Gráfico 11- Notícias mais lidas por açorianos emigrantes com assinatura de um jornal açoriano.	64
Gráfico 12- Notícias mais lidas por açorianos emigrantes sem assinatura de um jornal açoriano.	64
Gráfico 13- Meios de comunicação mais utilizados no acesso às notícias por emigrantes com assinatura de um jornal insular.	65
Gráfico 14- Meios de comunicação mais utilizados no acesso às notícias por emigrantes sem assinatura de um jornal insular.....	66
Gráfico 15- Percentagem dos jornais que as organizações associativas recebem.	73
Gráfico 16- Percentagem do tipo de jornais mais lidos.....	74
Gráfico 17- Percentagem de periódicos lidos nas comunidades.	74
Gráfico 18- Percentagem dos assuntos noticiosos que os filiados destas sociedades apreciam mais de ler.	75
Gráfico 19- Percentagem dos assuntos que os membros destas associações gostam mais de discutir.	76
Gráfico 20- Grupos que se formam dentro das organizações.....	77
Gráfico 21- Regularidade com que os emigrantes que assinam periódicos visitam os Açores.....	79
Gráfico 22- Regularidade com que os emigrantes que não assinam periódicos visitam os Açores.....	80

Índice de Quadros

Quadro 1- Jornais objeto de estudo.....	37
Quadro 2- Data do aparecimento dos primeiros jornais em cada ilha do arquipélago.....	67
Quadro 3 - Estimativas de tiragens, número de assinantes, leitores e jornais enviados para o estrangeiro.	71

Introdução

A história da sociedade açoriana é pautada pela emigração e pelas comunidades da diáspora pois os Açores são detentores de um das mais expressivas parcelas da diáspora portuguesa, sendo que esta transcende fronteiras e perfaz um número de aproximadamente 1,5 milhões de emigrantes açorianos, muito superior ao número de habitantes das ilhas e extremamente significativo quando comparado com o total de emigrantes portugueses que residem no estrangeiro (4,5 milhões).¹

Estas comunidades, embora estejam distantes geograficamente, mantêm-se ligadas às ilhas e são estruturantes não só na construção mas também no progresso de diversas sociedades, colaborando, de certa forma, para colocar os Açores e, concomitantemente, Portugal, no mapa. Segundo Carlos César, político açoriano, “(...) as comunidades emigrantes açorianas não são apenas consequência da nossa História e vestígios do DNA açoriano. Elas são parte da nossa História e extensões da nossa condição contemporânea.”²

A emigração açoriana, apesar de ter possibilitado que os Açores estejam, atualmente, representados um pouco por todo o Mundo, através não só dos feitos dos migrantes mas também de diferentes instituições/organismos que foram criados, e de ser um fator relevante na promoção da pátria e cultura açoriana, é também um condicionalismo. Assim, torna-se complicado, sobretudo para os emigrantes, perpetuarem elos de ligação com as ilhas, visto que o distanciamento inerente e a descentralização afetiva dificultam as ligações dos migrantes radicados em comunidades da diáspora aos seus pontos de partida.

E para estas pessoas o que resta, em termos de identidade, quando à família esta longe? A ligação com a terra.

¹ Estes dados foram extraídos do seguinte artigo do jornal Mundo Português (2011), “Diáspora açoriana representa 1,5 milhões de pessoas” in *Mundo Português*. Disponível em: <http://www.mundoptugues.org/article/view/59275> [Consultado a 24-10-2015].

² Mundo Português (2011). Diáspora açoriana representa 1,5 milhões de pessoas in *Mundo Português*. Disponível em: <http://www.mundoptugues.org/article/view/59275> [Consultado a 24-10-2015].

É aqui que a imprensa e outros meios de comunicação desempenham um papel fulcral e funcionam como uma espécie de laço, sobretudo emocional, que, consciente ou inconscientemente, através da informação, unem o emigrante à ilha, pois representam uma fiel fonte de repercussão daquilo que se passa nestas ilhas da Macaronésia.

Sendo os emigrantes açorianos uma facção tão vasta e importante para o arquipélago levantam-se certas questões: Os emigrantes são leitores a ter em conta? Como é que os emigrantes se mantêm informados do que se passa no arquipélago? As novas tecnologias terão alterado o consumo de notícias dos emigrantes? Estará o jornal dito físico a perder a sua importância?

Com a pretensão de responder às questões anteriormente colocadas, esta dissertação ambiciona, ao desconstruir o jornalismo açoriano, compreender qual a relação que é estabelecida entre os jornais regionais (imprensa) e os emigrantes açorianos (diáspora) com o objetivo de confirmar ou infirmar se existe um “mercado noticioso da saudade”. Para tal, será realizado um estudo de receção sobre os usos e consumos dos meios de comunicação sociais açorianos por parte dos emigrantes enraizados nas comunidades da diáspora açoriana.

A falta ou até mesmo inexistência de dados e estudos sobre o tema aumentou a urgência e a determinação de exploração desta matéria como uma forma de contribuir com um estudo de caso para a Região Autónoma dos Açores e com a possibilidade da conceptualização de uma expressão - mercado noticioso da saudade - que defina o consumo de notícias do emigrante açoriano, através da memória, saudade e revivalismo, e possa ser uma particularidade daquilo que é ser ilhéu. Apesar de, como açoriana, este fator ter pesado para a escolha do tema não foi determinante nem um fator isolado. A causa desta explanação prende-se principalmente com o enorme interesse na área, leia-se imprensa em geral, interesse esse que se esconde por detrás não só da Licenciatura em Comunicação Social e Cultural como do presente Mestrado em Ciências da Comunicação na vertente de Media e Jornalismo.

De modo a não perder recursos significativos, entenda-se tempo e energia, tornou-se indispensável centrar o estudo, com o propósito de atestar a pertinência teórica do mesmo. Assim, foram circunscritos os objetivos pessoais, práticos e de pesquisa desta dissertação.

As motivações/justificações que levaram à seleção deste tema explicitam-se em termos pessoais, como foi anteriormente referido, dado que é um ramo de interesse. Por outro lado, a nível profissional, o facto de ter realizado um estágio curricular no jornal *Observador* fez aumentar o anseio pela construção de uma dissertação sobre a imprensa, desejo esse que foi tido como garantido após um estágio, ao abrigo do programa Estagiar U, no jornal regional *Tribuna das Ilhas*, sediado na ilha do Faial.

O último estágio referido permitiu um afunilar do tema e delimitou o objeto de estudo para a imprensa regional, cingindo a investigação ao arquipélago dos Açores e às comunidades da diáspora açoriana. O facto de nesse jornal termos passado por todo o processo de produção que envolve a imprensa escrita, desde a criação de artigos até à dobragem dos jornais, aquando da sua chegada da gráfica, com a respetiva colocação das moradas e deslocação aos correios, levou-nos a constatar que uma grande percentagem dos jornais era enviada para o estrangeiro e despertou o interesse para validar ou invalidar se o fenómeno também se passava nas outras ilhas do arquipélago, bem como compreender o consumo noticioso desta franja da sociedade.

Os dois estágios foram de certa forma tidos como comparativos e levaram ao desenvolvimento da ideia para este trabalho, especialmente após nos apercebermos das particularidades do jornalismo em meio insular e das lacunas ao nível académico sobre o tema, nomeadamente, a falta de investigação.

Estruturalmente, o trabalho encontra-se dividido em duas partes, uma de desenvolvimento mais teórico onde se apresenta uma abordagem da revisão literária e de informação recolhida através de entrevistas exploratórias, e outra, de semblante prático.

A nível prático, o objetivo desta dissertação é, através de entrevistas a especialistas na área e de inquéritos aos emigrantes, perceber o consumo de notícias destes migrantes, sobretudo o consumo dos jornais insulares.

O grande objetivo de pesquisa deste estudo é compreender a relação que os emigrantes estabelecem com os jornais para podermos verificar se existe, ou não, um “mercado noticioso da saudade”.

A primeira parte do trabalho engloba os diferentes conceitos de cultura açoriana: “insularidade”, “açorianidade” e “Azorean Torpor” que são capitais para se entender o

povo açoriano. Em seguida, é exposta teoricamente a história da emigração açoriana e da sua diáspora e, por fim, a imprensa açoriana.

Posteriormente, na segunda parte do trabalho, é traçado o procedimento da metodologia utilizada e são apresentados os dados recolhidos, procedendo-se ainda à análise dos mesmos. É também nesta parte da explanação que é conceptualizado o conceito “mercado noticioso da saudade” e que se apresentam os resultados obtidos. Por fim, as conclusões, que, para além de exporem os basilares contributos do trabalho para a literatura, alargam horizontes e, espera-se, a possibilidade de futuros estudos e desenvolvimentos sobre o tema.

No fundo, os Açores, a imprensa açoriana e a diáspora são um tema pouco desenvolvido que nos surge como um interessante laboratório de estudo para a compreensão e observação da relação emocional que os emigrantes, que habitam em comunidades da diáspora, estabelecem com a imprensa insular. Este trabalho ambiciona ser um novo olhar sobre a imprensa regional açoriana, olhar esse que pretende ser um ponto de partida para um conhecimento das relações bidirecionais entre a imprensa regional e os emigrantes açorianos.

1. Antropologia (cultural e social) Açoriana

A palavra cultura adquiriu diferentes aceções ao longo dos anos. Atualmente, o Homem já não é um mero transmissor de cultura mas também um produtor. Raymond Williams, um dos grandes pensadores sobre o que é a cultura, definiu-a como um “whole way of life” (cf. Williams, 1963), ou seja, a cultura é algo de todos, mutável por todos e que está patente em toda a sociedade. A cultura é o que a sociedade faz no dia-a-dia, é o quotidiano, é “ordinary” (cf. Williams, 1963) e existe em todos os elementos de uma sociedade.

Apesar dos Açores fazerem parte de Portugal, por estarem afastados por mais de mil e quinhentos quilómetros da costa continental, considera-se que as ilhas são detentoras de uma cultura própria, com certas particularidades e condicionalismos que definem o espírito açoriano na sua coletividade.

E dizemos as mais impressionantes, tendo em atenção a circunstância de se tratar de um arquipélago que, embora adjacente de Portugal Continental, nem por isso deixou, no decurso de todo esse tempo, de estar condicionado a factores pouco propícios àquele desenvolvimento que seria para desejar (Rosa & Trigo, 1987: 287).

A cultura açoriana encontra-se demarcada na literatura, no jornalismo e noutras áreas de produção. O ser açoriano é uma forma distinta, particular e peculiar de ser português. O poeta Marcolino Candeias descreve de uma maneira extraordinária o facto dos produtos culturais serem inevitavelmente açorianos.

Eu não vejo como possamos escapar a este fatum de sermos açorianos no que se escreve, o que não quer dizer que sejamos regionalistas, no sentido folclórico, e que queiramos, isolando-nos do mundo, criar o mito açoriano-melhor-que-os-outros. Quem não compreender que somos uma maneira de sermos portugueses sendo diferentes, não entende nada. Eu que resisto à ideia de Literatura Açoriana...fiquei arrepiado quando vi as provas de Na Distância Deste Tempo, porque só na altura das provas, só depois de impressos [os poemas] é que vi o que não tinha sido capaz de ver antes, porque sempre tinha buscado o caminho contrário ao do regionalismo...quando os meus versos, malgré moi mème, eram açorianos (Candeias *apud* Freitas, 2002: 55).

Para Nemésio, através da sua extensa obra, podemos depreender que a palavra “«cultura» significa o cultivo do espírito através da busca de entender melhor tudo o que o rodeia” (Almeida, 1989: 33). E o que ele assimilou e tão bem nos descreveu foi a diversidade cultural que existe nos Açores, não apenas na Praia da Vitória, na Terceira, ilha onde nasceu em 1901, mas em todas as outras ilhas, ao perspetivar o arquipélago como um todo, em toda a sua universalidade geográfica. Onésimo Teotónio de Almeida afirmou que

o condicionalismo geográfico terá sido o fator mais influente na transformação (nalguns casos, porém, tratar-se-á apenas da preservação) do comportamento cultural da população açoriana, oriunda fundamentalmente do próprio continente português (Almeida, 1989: 22)

pois a geografia tem um peso tão ou mais importante que a própria história destas ilhas.

A cultura herdada pelo povo açoriano foi a cultura portuguesa mas que se reformulou devido à evolução natural. “Mas a cultura portuguesa, dizemos nós, se impôs porque foi ela em todos os tempos que dominou e absorveu quantos elementos estrangeiros aqui se fixaram” (Rosa & Trigo, 1987: 288).

Assim sendo, nesta secção do trabalho, propomo-nos definir, de uma forma antropológica, entenda-se culturalmente e sociologicamente, algumas características que consideramos definidoras e basilares para a compreensão do que é a cultura açoriana: a religiosidade, a insularidade, a relação dos ilhéus com o mar, as condições meteorológicas - o *azorean torpor* - e a *açorianidade*. Estes conceitos foram escolhidos por serem considerados mais abrangentes e ambíguos que outras máximas sintomáticas que definem o povo deste arquipélago.

1.1. A importância dos religiosos para a fruição de manifestações culturais

Apesar de não ser passível de precisar o grau de cultura dos primeiros homens que povoaram e se estabeleceram nos Açores é indiscutível que intimamente ligada à narrativa das manifestações culturais açorianas está o vocábulo instrução, visto este ter sido um pujante agente de desenvolvimento nas ilhas. Sejam estas manifestações de cariz literário, científico, religioso ou manifestações que dizem respeito ao património histórico e natural, as festas populares e aos meios de comunicação social, neste caso, a imprensa. Todas estas manifestações permitiram a fundação de um ecossistema cultural, com características muito próprias, nas ilhas.

Carreiro da Costa afirmou que os Açores tiveram alguns obstáculos no que diz respeito à evolução cultural. Estes entraves não só decorreram de apreensões de natureza social e política como também económica e religiosa. Para o autor foi

(...) precisamente nessa fragmentação, nessas preocupações e nessas dificuldades que vamos encontrar o seu maior valor, o principal estímulo para todas as manifestações culturais que aqui germinaram e frutificaram e que daqui irradiaram” (Costa, 1978: 288).

Os religiosos, sobretudo inicialmente os frades Franciscanos, a partir do século XV, tiveram uma grande responsabilidade na incrementação de certas manifestações culturais nas ilhas pois através da instrução e da criação de conventos e escolas permitiram alargar as mentes dos habitantes ao expandirem os seus conhecimentos. É nesse século que se inicia o movimento cultural nos Açores mas é apenas no século seguinte que este não só se expande como se consagra apesar de certos entraves não só políticos, sociais e económicos como flagelos não mensuráveis decorrentes da vulcanização e da sismologia.

Estas precauções foram sobretudo ultrapassáveis pelo espírito de luta e resistência dos açorianos, bem como de consciência “(...) não só a grande vontade de aprender e de conhecer mas também a indiscutível capacidade de recepção, de elaboração e de transmissão” (Costa, 1978: 293).

A partir do século XVII a instrução alastra-se pelas ilhas e amplamente nos principais centros urbanos, ou seja, na ilha de São Miguel e na ilha Terceira através dos frades agostinhos e, mais tarde, em 1652, na ilha do Faial, quando os jesuítas se instalaram. Este facto fez com que este século fosse extremamente importante para as manifestações culturais e permitisse uma adesão cada vez maior de estudantes açorianos nas universidades peninsulares.

Carreira da Costa, no livro «Esboço Histórico dos Açores», descreveu a importância destes católicos para o arquipélago.

Nos Açores, o trabalho dos jesuítas estava limitado a Angra, Ponta Delgada e Horta, onde os respectivos colégios se comportavam como autênticos institutos de ensino superior. Quando as suas portas se encerraram definitivamente, continuaram a servir a causa da cultura e do ensino, as instituições dos franciscanos e dos agostinhos - sobretudo dos franciscanos que, como é sabido, possuíam escolas por quase todas as ilhas- e escolas com os melhores mestres do tempo (Costa, 1978: 297/298).

Os últimos anos do século XVIII foram um período conturbado para o ensino e a cultura na Região Autónoma dos Açores apesar de terem continuado a ser desenvolvidas manifestações culturais. Contudo, este século “trata-se de um período de extraordinário interesse quanto à revelação de valores, à concretização de velhas aspirações e à aquisição de melhores instrumentos de trabalho” (Costa, 1978: 302).

As casas franciscanas, inacianas e gracianas nas ilhas foram possantes motores de cultura a diferentes níveis. Os açorianos tiraram partido nessas instituições para se instruírem visto que a educação era provida não só para os ricos como também para os pobres.

A história dos Açores sempre esteve muito ligada à fé, às práticas cristãs e à expansão sobretudo do cristianismo católico, a religião predominante em todo o arquipélago: “(...) arquipélago que enalheira na mística religiosa do século XVI” (Melo, 2010: 41).

As festividades locais, como o Espírito Santo, e tradições, como o domingo de “missa conventual” com “arrematação de oferenda” (cf. Nemésio, 1956) comprovam a importância da religiosidade para este povo sendo que esta é um condicionalismo definidor

desta gente. “Este homem é um produto de isolamento e da religião, e são as regras católicas que conseguem esta uniformidade e a monotonia das almas” (Brandão, 2009: 84). Esta religiosidade também foi transplantada para as manifestações culturais, como foi o caso da imprensa, onde uma grande parte de títulos pertencia a igreja, entre os vários exemplos possíveis, destacamos o jornal “O Dever”, na ilha do Pico ou do “Correio da Horta”, na ilha do Faial.

A nível das manifestações culturais e no panorama português, a Região Autónoma dos Açores é ímpar e idiossincrática, particularmente ao nível da imprensa escrita. “Para quem vem de fora, é espantoso descobrir que as ilhas tiveram mais de seiscentos jornais e revistas diferentes ao longo da sua história” (Almeida, 1989: 71).

1.2. Insularidade

O neologismo insularidade alude a certas particularidades de quem é habitante de uma ilha. Em Portugal, os Açores são um bom exemplo de insularidade por estarem sujeitos a certas circunstâncias diferenciadoras em relação ao território continental.

No livro da *Insularidade à açorianidade: algumas reflexões*, os autores defendem que embora a insularidade seja um obstáculo está não é “(...) um elemento regressivo ou mesmo paralisante. Antes, certamente, um agente de defesa e até de estímulo, na medida em que o isolamento poderá ser propício à meditação e ao estudo, a criação e à elaboração” (Rosa & Trigo, 1987: 287).

Intrínseco a este conceito, está a ligação ao mar visto que uma das características da insularidade é o facto de a ilha ser definida pelo mar, sendo que o olhar dos seus habitantes se perde na vastidão do horizonte, onde se dá o eterno reencontro entre o céu e o mar. “O mar, não tanto como espaço líquido envolvente das diferentes ilhas, mas mais como factor condicionante da existência” (Rosa & Trigo, 1987: 188/189).

Ao contrário de um continental, um açoriano tem uma noção perfeita dos limites da sua terra, visto que consegue perceber exatamente onde a ilha começa e acaba. Já dizia

Vitorino Nemésio que “(...) É com os próprios olhos que tiramos do mar a terra que nos faltou” (Nemésio, 1956: 47).

A insularidade é assim pautada por uma dimensão geográfica e um tempo cronológico, ao contrário da *açorianidade* que é demarcada por uma dimensão e tempo psicológico. A insularidade apenas acontece quando o continental se “descontinentaliza” e adquire não só novos hábitos mas também costumes e tradições e sobretudo ganha a noção que é açoriano e o que isso implica (cf. Rosa & Trigo, 1987).

No fundo, essa “descontinentalização” não decorre da chegada física às ilhas

(...) uma vez que ela é um processo de aculturação ao meio dos diferentes grupos de povoadores que, entretanto, perderam a sua especificidade regional de origem para se fundirem num verdadeiro melting-pot, formando em cada ilha (ou grupos de ilhas) uma subcultura homogeneizada pela dinâmica de interação social (Rosa & Trigo, 1987: 194).

O vocábulo insularidade acarreta sentimentos de isolamento, solidão, limite. Vitorino Nemésio, pai do conceito *açorianidade*, descreveu caricaturalmente essa sensação de insularidade ao comprovar que é o mar que define a insularidade e não propriamente as ilhas açorianas.

(...) Sentíamos o que há de vulnerável e frágil em ser-se ilha, e com muito mais forte razão, em ser-se ilhéu. Os continentais, sempre um pouco malignos connosco, bem davam a imagem do nosso estreitamento neste Mundo, dizendo: «Vocês, quando acordam, não estendem as pernas, com medo de que o mar vos molhe as pontas dos pés»... (Nemésio, 1956: 46).

Para refutar o pensamento dos continentais, Nemésio clarifica a relação do açoriano com este neologismo ao afirmar que os açorianos não se importam com a constrição das ilhas pois não temem o mar nem o fim da terra (...) temos sempre presente, com salutar advertência, a sensação do que o Mundo é curto, e o tempo mais curto ainda” (Nemésio, 1956: 46).

Contudo, esta insularidade concerne um certo isolamento que hoje em dia tende a diluir-se com o acesso à informação e as melhorias nos acessos às ilhas. Remontando ao tempo precedente, e ao romance Gente Feliz com Lágrimas de João de Melo, essa sensação de isolamento é facilmente compreendida sobretudo quando a personagem Nuno Miguel e os seus irmãos saíram da ilha de São Miguel para o Território Continental. “Nunca mais a minha vida ia ser fechada nessa redoma invisível, de onde apenas se viam o mar, as nuvens paradas e a distância infinita” (Melo, 2010: 20). Numa altura em que a saída da ilha era de difícil acesso, “sair da Ilha, só a nado, e não se sabe com que rumo nem em que direcção” (Melo, 2010: 232), o “Continente” era um sonho desconhecido e desejado que “desaguava afinal num mundo teórico, sem existência nos Açores, aprendido nos mapas e livros de Geografia” (Melo, 2010: 18).

1.3. A relação dos ilhéus com o mar

O mar é delineador do comportamento e da evolução dos Açores e um elemento basilar da vida de um ilhéu. Se, por um lado, o mar apazigua a alma, transmite um sentimento de vastidão e permite a ligação com o exterior, por outro lado, é um condicionalismo que limita a fuga e dá uma noção avassaladora da finitude da ilha e por vezes, do arquipélago. Estes dois polos fazem com que o mar seja conseqüentemente uma benesse e uma restrição e cultiva nos açorianos “(...) uma forte relação de amor-ódio, uma vez que a sua imensidão é, por um lado, a amarra e a certeza do confinamento e, por outro lado, a fuga e a ligação ao mundo” (Burnay, 2010: 140). Ou seja, tal como o próprio mar, por vezes calmo, outras vezes revoltado, ele também proporciona nas pessoas sentimentos ambíguos e dicotómicos pois se por um lado, é um

elemento de separação inter-ilhas, tem sido, na mesma medida, elo de ligação com o exterior devido, fundamentalmente, à posição geográfica das ilhas e, portanto, à importância que assumiram no apoio às ligações transatlânticas, principalmente nas épocas da navegação à vela e a vapor (Cordeiro, 1992: 9).

Apesar do mar ter uma importância não quantificável, aquando do povoamento das ilhas, os seus habitantes volveram as costas ao mar e destinaram o seu tempo e empenho “(...) ao desbastamento das florestas e ao conseqüente arroteamento de terras” (Aguilar, 1976: 5).

Todavia, atualmente o mar traz às ilhas um manancial de oportunidades, seja como fonte de rendimento, seja a nível estratégico e económico, ou até mesmo expansionista. Foi este mar que possibilitou as primeiras expedições no Atlântico e a descoberta do arquipélago dos Açores, sendo que o primeiro contacto com as ilhas se dá em 1427, com a descoberta do grupo oriental (São Miguel e Santa Maria). É este mesmo mar que inspirou a literatura, um oceano que apesar de banhar também Portugal Continental tem uma influência diferente para os habitantes destas nove ilhas.

José Enes (1983:38), reportando-se à obra do poeta Roberto Mesquita, definiu com rigor essa relação, quando escreveu: O Atlântico das ilhas não é como o que banha o litoral do continente. Ele constitui para estas montanhas pequenas, que emergem da amplitude das águas, a moldura, sempre variada, é certo, mas sempre constante, que tolhe ao habitante a evasão e ao mesmo tempo que lhe abre a perspectiva para dimensões ilimitadas, o obriga a concentrar-se e a valorizar as suas possibilidades e os recursos do meio (Enes, 1983: 83 *apud* Rosa & Trigo, 1987: 189).

Como foi comprovado anteriormente, o mar adquire uma importância vital para os açorianos e define a sua situação geográfica mais do que qualquer outro fator – sismologia, vulcanologia, orografia. Um Oceano Atlântico que ladeia a terra mas que permite uma distância muito curta entre a Europa (um terço) e as Américas (dois terços). Um mar que condiciona, que liberta e que permite a observação de quem chega e de quem parte. Um mar que é sempre observado por olhos atentos que espreitam através de binóculos, sendo que a insígnia do ilhéu é vigiar. Um abismo que acima de tudo é interpelado pelos ilhéus. “A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar” (Nemésio, 1956: 47).

Embora Portugal sempre tenha tido uma história ligada ao mar parece que, nas últimas décadas, perdeu o seu rumo e virou-lhe costas. Contudo, os Açores e os açorianos nunca descuraram a importância do seu mar e um bom exemplo disso são organismos como o Departamento de Oceanografia e Pescas, na ilha do Faial, que permitem aproveitar

e fazer estudos sobre o amplo recurso que é o mar. Esta Região e os seus habitantes demonstram que o mar ainda é um caminho, um desígnio, e que ainda há muito para explorar nesta área vasta que é o oceano.

Em suma, e como Nemésio explicou tão bem, o mar Atlântico que banha as ilhas é um mar especial e importante “(...) que tudo envolve, transfigura e advinha” (Nemésio, 1956: 134) e que condiciona o olhar mas que não deixa de ser indispensável para os açorianos: “Vivemos de peixe, da hora da maré e a ver navios (...)” (Nemésio, 1956: 179).

1.4. Condições meteorológicas – o “Azorean Torpor”

Os Açores são uma região marcada pelas condições meteorológicas e com um clima que se afirma diferente do experienciado no resto de Portugal. Um clima difícil de descrever, “rofe” (cf. Nemésio, 1956), temperado, que nem é quente nem frio, imprevisível e de mudança constante. O clima dos Açores é assim um clima marítimo e húmido que se diferencia de outros países com a mesma latitude que possuem um clima mediterrânico. O clima das ilhas é influenciado não só pela sua latitude mas também pela corrente do Golfo.

Este fenómeno climatérico deve-se também ao “Anticiclone dos Açores” uma zona subtropical que se encontra perto do arquipélago e que faz com que os moldes climáticos sejam diferentes dos de Portugal Continental.

Esta condição temporal é dicotómica, por um lado, um prazer devido a “a variedade dos climas, os tons caprichosos dos céus, o difuso langor dos rumos” (Nemésio, 1956: 127) que proporciona, mas, por outro lado, é ao mesmo tempo uma restrição que deixa os habitantes e visitantes submissos, a prestar uma espécie de vassalagem ao tempo e de certa forma curiosos por saber qual será a próxima mudança climatérica com que o Deus Urano os irá presentear, visto que é do conhecimento geral que se diz que nos Açores um dia pode ter quatro estações.

Na literatura, esta condicionante inspirou vários escritores, leia-se a seguinte passagem:

Havia, há sempre no céu dos Açores, nuvens castanhas e nuvens de cor de pedra, e entre umas e outras enrolam-se argolas de fumo e grandes massas de ar carregado de nuvens. Foi assim aliás que aprendi tudo a respeito do nevoeiro, granizo e das sombras que há no tempo. Sofri os ventos frios, brutais, e a sua humidade corrosiva como o ácido da ferrugem. (...) Mas a mim sempre me pareceu que a ventania atravessava a Ilha de norte para sul, levando as nuvens e o próprio mar dum lado para o outro da costa (Melo, 2010: 190).

Estas causalidades impostas pelas condições meteorológicas levaram a criação do termo «Azorean Torpor» que explicita a conexão de causalidade entre o meio-ambiente e as pessoas. Ambiente climatérico que condiciona e limita o comportamento das mesmas e as deixa, de certa forma, entorpecidas, não só devido ao clima mas também pela situação geográfica das ilhas que causa nos habitantes e nos seus visitantes uma sensação de isolamento mas também de grandeza.

O termo surge pela primeira vez, em 1841, numa obra intitulada Winter in the Azores, and a summer at the baths of the Furnas, da autoria dos irmãos Joseph e Henry Bullar. Segundo António Machado Pires, este termo foi cunhado por “ingleses mal humorados” (cf. Pires, 1995). Mais tarde, Vitorino Nemésio retoma o uso desta expressão primeiramente no livro Mau Tempo no Canal em 1944

Um céu de algodão sujo tolda o arquipélago das nove ilhas; o «mormaço» apaga os contornos do mar e da terra, e amolecendo os pastos à custa da pele do proprietário e do pastor, dilui e arrasta as vontades, dá a homens e a coisas uma doença quase de alma, a de que os ingleses, médicos do bem-estar, puseram uma etiqueta com quem descobre uma planta nova neste mundo seco e velho: - azorean torpor (Nemésio, 1972: 43).

e posteriormente no livro Corsário das Ilhas em 1956.

Com os céus assim sujos ou blindados, temos o que viajantes ingleses chamaram *azorean torpor*. Com o ar rarefeito, respiramos uma atmosfera de éden, com médias térmicas de sonho e uma luminosidade de ouro velho, que a gama dos verdes faz idílica (Nemésio, 1956: 201).

1.5. O conceito de *Açorianidade* de Vitorino Nemésio

A expressão *açorianidade* foi cunhada por Vitorino Nemésio, em 1932, para especificar a relação com a sua ilha natal, a Terceira e a importância da geografia, ou seja, da “insularidade que faz dos Açores um território com características físicas e humanas muito próprias, caldeadas pela Natureza, desde os longes do século XV” (Rosa e Trigo, 1987: 188).

O neologismo foi criado a partir de “Hispanidade”, conceito desenvolvido pelo filósofo Unamuno e que designa a entidade cultural do povo peninsular. Hoje em dia, o termo *açorianidade* ganhou novos usos e de um conceito vivencial, lírico, saudosista e, de certa forma, individual, passou a ser usado para personificar tudo o que faz referência aos Açores, à sua sociedade e ao comportamento e modo de ser do seu povo. No fundo, é a própria alma dos açorianos que, devido à sua condição geográfica, com características muito específicas e possantes, muitas vezes, os obriga a sair da ilha, por exemplo, para estudos. É esse distanciamento físico mas que, ao mesmo tempo, não quebra a ligação à ilha que Nemésio poetizou. As saudades, o pesar e uma certa nostalgia de estar longe do seu “meio”. A saudade dos Açores, sobretudo da Terceira, que Nemésio carregou, orgulhosamente, para onde fosse, leia-se o seguinte exemplo extraído do livro *Corsário das Ilhas*:

“Duas notas traduzem para mim, desde a infância, a presença e o viver da Terceira: o barulho e a brancura do mar desfeito nas rochas, e o mugido do gado nos cerrados e bebedoiros” (Nemésio, 1956: 78/79).

O escritor criou o conceito com base da sua experiência pessoal e para expressar as *minudências saudosas* (cf. Nemésio, 1956) que tinha da terra que o viu nascer pois estava desterrado em Coimbra. A primeira aceção da palavra designava os sentimentos de um açoriano que se encontra deslocado no Continente.

No fundo, para o escritor açoriano, a expressão

não é um bairrismo doentio, mas sim o gostar de ser donde é” (...) pois, “a afectividade humana desenvolve, em circunstâncias normais, relações positivas com o

meio em que penetra o nosso cérebro nos anos marcantes da nossa infância e adolescência (Almeida, 1989: 32).

Muitos são os autores que têm vindo a reivindicar os usos excessivos da expressão, achando que Nemésio tinha dado um sentido mais poético e que hoje o vocábulo se tornou vulgar e é usado para descrever tudo o que concerne os Açores. Segundo os teóricos, a banalização do termo faz com que este perca a sua força e simbologia.

Por outro lado, o facto de os Açores serem uma terra de emigração faz com que este conceito se expanda, alastre e ganhe mais força, visto que os açorianos no exterior experimentam este sentimento de saudade da sua terra que muitas vezes abandonam em busca de novos horizontes ou de melhores condições de vida. Para Onésimo Teotónio de Almeida, a “Açorianidade é aquilo que são e querem ser os açorianos. E esse conceito alargar-se-á sempre que o mundo de qualquer açoriano se alarga mais” (Almeida, 1989: 169). A conceção da expressão ganha assim mais força quanto maior for a distância física em relação ao arquipélago.

2. A emigração nas ilhas: enquadramento histórico

O povo português sempre foi um povo habituado a partir, a viajar, a descobrir a dispersar-se pelo mundo e essas viagens estão patentes na nossa História – os Descobrimentos (a conquista de Ceuta, a chegada à Índia e ao Brasil) – na nossa literatura – A Peregrinação, A Mensagem, Os Lusíadas, entre outros –, no ser português e, sobretudo, nos portugueses das ilhas. Já dizia Nemésio, “não sou marinheiro, mas sou ilhéu e portanto embarcado” (Nemésio, 1956: 122), que devido à habituação com o mar, à sua situação geográfica favorável e às dificuldades vividas no arquipélago, os açorianos foram a procura de uma vida melhor, muitas vezes utópica, para outros países. O facto do arquipélago se situar em pleno eixo de navegação entre a Europa e as Américas coadjuvou o processo de emigração, emigração essa que se tornou um fenómeno importante e construiu, de certa forma, a identidade dos habitantes destas ilhas. Muitos desses habitantes, que se encontram “espalhados” pelo mundo, acabam por ser um prolongamento dos Açores no estrangeiro. “Estas nove ilhas (...) constituem uma das regiões portuguesas mais duramente afectadas pelo processo emigratório que aí ganhou, por vezes, foros de autêntico êxodo” (Rosa & Trigo, 1987: 188). A grande emigração que ocorreu e ocorre, apesar do número de partidas ter diminuído significativamente, comprova que a segregação física não incapacita o contacto com o mundo e a saída das ilhas. Em comparação com outros países do mundo e numa panorâmica geral, Portugal é um dos países onde a emigração foi um fenómeno precoce e os Açores integram um quarto da emigração total portuguesa.

Esse derrame exagerado numa terra pequena tem a sua explicação, pois ninguém emigra por gosto, pelo menos aqueles que enfrentam os embates do desconhecido pela primeira vez. Na raiz da atitude de emigrar há uma causa económica, embora não se devam subestimar as psicológicas e familiares e muitas vezes políticas (Aguiar, 1976: 11).

Os Açores são assim, por excelência, uma terra de emigração e, apesar de os habitantes das ilhas estarem habituados à sua pequenez, ao seu confinamento, ao sentido de comunidade, de reconhecimento, à afinidade com os vizinhos, muitos destes também se

aventuram e saem, corajosamente, da ilha. Segundo Catarina Burnay “o sair da ilha significa, na maioria das vezes, a cedência aos apelos da emigração, a vontade de conhecer novos mundos, de conhecer os Continentes e abraçar uma vida melhor” (Burnay, 2010: 146).

Esta saída da ilha nem sempre é feita por vontade própria, numa espécie de “american dream”, dado que a emigração é uma questão complexa que implica vários fatores. As condições deficitárias e precárias, o desemprego, a falta de indústria, as catástrofes naturais são alguns dos fatores objetivos que levam os açorianos a sair do ninho (cf. Pires, 1981). Contudo, também razões mais subjetivas levam à emigração, tais como, a “atração exercida por certas zonas das quais se tem uma imagem mítica, apelo de parentes e amigos, ambição de fortuna fácil” (Pires, 1981: 9). Todos estes fatores contribuíram “para despovoar dramaticamente um arquipélago que nos anos 60 estava fracamente em vias de atingir os 350 000 habitantes e começa a década de 80 com escassos 270 000 habitantes” (Pires, 1981: 8).

Ou seja, é importante ressaltar que embora haja alguns casos esporádicos de habitantes que partiram por vontade própria e não por motivos exteriores, por norma, o açoriano é um indivíduo disposto à emigração

(...) não por espírito de aventura ou porque o mar o atraia com palavras de sereia, mas devido a razões bem concretas tais como: o regime enfitêutico que vigorou e ainda vigora em S.Miguel, densidade populacional, sobretudo na ilha de S.Miguel, anos agrícolas estéreis, cataclismos vulcânicos (Capelinhos, mais modernamente) e ainda uma espécie de imitação que o leva a seguir as pisadas de parentes e conhecidos, porque sabe, através das notícias que lhe chegam, que a vida lhe corre de feição (Aguar, 1976: 12).

Segundo Gilberta Rocha (1997), o processo migratório açoriano pode ser apresentado em quatro grandes períodos: entre 1866 e 1929 (1.º período); 1930 e 1949 (2.º período); 1950 e 1979 (3.º período-boom do processo de emigração) e entre 1980 e 2011 (4.º período) (Rocha, 1997 *apud* Laland-Gonçalves, 2014: 5)³.

³ Estas informações foram extraídas de um estudo intitulado “Diáspora Açoriana no Canadá: juventude, comunidades virtuais e identidade” apresentado no VIII Congresso Português de Sociologia em Évora (14 a 16 de Abril de 2014). Disponível em: www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0597.pdf [Consultado a 14-04-2016].

Lalanda-Gonçalves explica, baseando-se nestes quatro períodos apresentados pela professora catedrática Gilberta Rocha que, no primeiro período, o procedimento migratório foi feito facilmente e sem embaraços. Já o segundo período, de 1930-1949, foi marcado por uma época de instabilidade económica e política devido ao fim da I Guerra Mundial e ao início da II Guerra Mundial. Contudo, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) fomentou a emigração pois as políticas de emigração alteraram-se nos EUA e no Canadá, sendo que, primeiramente, as políticas de emigração para os EUA eram muito limitativas.

O terceiro período (1950-1979) averba os valores mais altos de emigração. A contrastar, o quarto período (1980-2011) é pautado por um acentuado decréscimo (cf.

Lalanda-Gonçalves, 2014).

Esta emigração marcou o povo açoriano e, de certa forma, definiu o seu modo de ser e formatou a sua sensibilidade, de um povo lutador que parte em busca de novos horizontes e melhores condições de vida e se assume como um “(...) admirável exemplo de fidelidade invariável ao dever, sempre bons, sempre resignados, sempre serenamente trabalhando para a família” (Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1989: 19).

Importante para o processo emigratório é o mar que funciona como uma espécie de vínculo que se, por um lado, abre facilmente as portas para a desejada saída, por outro, dificulta o regresso saudosista. A emigração terá sido uma forma de identificação entre ilhas, visto que o fenómeno se expandiu pelo arquipélago. Este facto levou a que ilhas deixassem de se ver individualmente e passassem a ser como um todo, uma mátria.

Pensamos que a emigração terá sido, além de outros, um dos factores ponderosos na assunção da pátria açoriana, suplantando as diferenças regionais e dando um espírito de unidade aos ilhéus que se encontravam na rota da emigração com destino comum. Ilhéus esses que deixaram de ser picarotos, faialenses, jorgenses, micalenses, etc..., para serem somente açorianos (Rosa & Trigo, 1987: 195).

É também importante ressaltar que muitos dos emigrantes que partem fazem-no tendo em vista o regresso às ilhas. “O ideal do emigrante açoriano é formar lá fora um pecúlio e vir depois gozá-lo na sua ilha querida” (Vasconcelos, 1926: 45). Contudo, e não obstante as particularidades da dificuldade em partir para esta franja populacional,

(...) Se a opção de partir nunca foi fácil para os protagonistas da emigração, a opção de regressar, com o passar dos anos, com o enraizamento no novo espaço de acolhimento, com a integração dos filhos e com o nascimento dos netos, tornou-se para muitas pessoas uma mera quimera (Rocha, Ferreira e Mendes, 2011: 21).

Uma pura utopia, uma esperança ilusória que eterniza a ideia que embora os Açores sejam um ponto de chegadas e partidas para os açorianos: “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela!” (Sá, 1992: 172).

2.1. A diáspora açoriana

O termo diáspora é originário da língua grega e significa dispersão. Embora ao longo dos anos esta tenha somado diferentes conotações, a sua primeira aceção diz respeito à comunidade judaica e à sua difusão forçada pela perseguição e a segregação do seu povo. Conquanto a expressão tenha sido utilizada de forma negativa para populações que foram vitimizadas, como os arménios, hoje esta ganhou um significado, mais positivo, ou seja, a diáspora é a “Dispersão de um povo ou de uma comunidade ou de alguns dos seus elementos”.⁴

Os Açores, sendo uma região insular e ultraperiférica, com tantas particularidades, é detentora de infindas comunidades luso-açorianas pelo mundo que contribuíram para a alteração do volume populacional de açorianos nas ilhas. Embora estas deslocações tenha sido realizadas pelos mais expressivos motivos, já apurados neste capítulo, por norma, os açorianos que partiam e partem preservam os laços emocionais, afetivos e culturais com os Açores, não cortando o cordão umbilical que os liga às ilhas.

Sob a perspetiva de "consciência do eu" e analisada segundo o conceito de "dupla consciência", a expressão diáspora reflete uma dupla localização emocional e sentimental e uma descentralização afetiva da pessoa que se encontra dividida perante o seu estar físico, por exemplo no país de imigração, e o seu estado psicológico, que está simultaneamente ligada ao país que a recebeu e ao seu país de origem.⁵

⁴ “diáspora”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/di%C3%A1spora> [Consultado a 03-05-2016].

⁵ “diáspora”, in *Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$diaspora](http://www.infopedia.pt/$diaspora) [Consultado a 03-05-2016].

Segundo um artigo de abril do ano de 2015 publicado pelo Gabinete de Apoio à Comunicação Social (GACS), o então Diretor Regional das Comunidades, Paulo Teves, reiterou a importação da história açoriana ser valorizada, narrativa essa “(...) marcada pela emigração e pelas comunidades da diáspora, as quais, apesar das distâncias temporal e geográfica que as separam das suas origens, continuam ligadas às nossas ilhas”.⁶ A diáspora dá assim um maior sentido aos valores mais remotos e enaltece a *Açorianidade* e até mesmo Portugalidade pelo mundo. Se, por um lado, a diáspora constrói a identidade dos habitantes destas ilhas, por outro, dilatou esta identidade além-fronteiras, enriquecendo-a.

Os açorianos da emigração são hoje, pelo seu número e pela sua diversidade, um vasto prolongamento da unidade e da diversidade dos Açores. São continuadores, descendentes, representantes de um conjunto de tradições, de uma língua e de uma cultura – de que não têm que se envergonhar. Enquanto conhecerem a sua língua materna, enquanto lembrarem as suas terras e as suas festividades, enquanto conservarem, ainda que só reminiscências da história do seu povo, estão a constituir uma comunidade autêntica, assente nos laços de sangue e de cultura (Pires, 1981: 17).

Estas comunidades da diáspora, vincadas pelas tradições e vivências açorianas, são constituídas desde os primórdios da emigração, sendo que os emigrantes, ao se fixarem nos novos locais, retiveram a sua cultura original e as raízes açorianas (a pesca da baleia, as alfaias agrícolas, as festas do Espírito Santo, o artesanato, a religiosidade). Ou seja, embora se tenham adaptado às novas realidades, não deixaram cair no esquecimento as suas origens e costumes ancestrais chegando mesmo a transmitir a *Açorianidade* às novas gerações, sendo que os jovens, apesar de já não serem açorianos, estão em contacto com a cultura e a tradição açoriana que foi incutida neles pelos pais e avós. Nas comunidades, foram também inauguradas escolas portuguesas, jornais, programas de rádio e televisão, bem como movimentos associativos (culturais, desportivos, sociais).

Assim sendo, na relação entre as comunidades residentes nos Açores e as comunidades da diáspora, temos um câmbio bilateral. Por um lado, os emigrantes que enviam produtos para os Açores (roupa, dinheiro) por outro, as comunidades da diáspora

⁶ Presidência do Governo dos Açores- Gabinete de Apoio à Comunicação Social (2015) *Diáspora Açoriana contribui para a afirmação dos Açores e de Portugal, afirma Paulo Teves*. Disponível aqui: <http://www.azores.gov.pt/GACS/Noticias/2015/Abri/Di%C3%A1spora+A%C3%A7oriana+contribui+para+a+afirma%C3%A7%C3%A3o+dos+A%C3%A7ores+e+de+Portugal.htm> [Consultado a 03-04-2016].

recebem políticos açorianos e fomenta-se um “mercado da saudade” com a remessa de produtos açorianos disseminados nas comunidades da diáspora, sejam produtos alimentares, sejam produtos mediáticas, sobretudo programas produzidos pela RTP Açores.

É importante também aferir que, embora os emigrantes tenham levado e expandido as tradições açorianas pelo mundo, os migrantes que regressaram também perfilharam os costumes dessas regiões trazendo-os para os Açores e contribuindo para o desenvolvimento da Região.

Ao longo dos séculos, o nosso arquipélago tem sido porto de partidas e a emigração, principalmente para o Brasil, os Estados Unidos, o Canadá e a Bermuda, marcou não só os que das ilhas saíram para terras do *Novo Mundo*, e lá plantaram raízes, semearam os nossos costumes e tradições, comungaram de outras culturas, dissemelhantes e estranhas, transformando-os em outros seres humanos, em açorianos diferentes, em açorianos com hífen (açor-americanos, açor-canadianos, etc.), mas também marcou os que nas ilhas ficaram (Borges, 2004: 11).

2.2. A emigração para a América

Um dos destinos de acolhimento mais chamativos para os emigrantes açorianos foi sem dúvida a América, sobretudo do Norte, sendo que “(...) o relevo tomado pela América nas ligações aéreas de que as ilhas são plataforma surge naturalmente como o histórico *pendant* dessa iniciativa remota e decisiva para os destinos do Mundo” (Nemésio, 1956: 28).

O facto do arquipélago se situar a meio do Atlântico e da América, enaltecer valores como a “vida”, a “liberdade” e a “procura da felicidade”, valores presentes na Declaração da Independência (4 de Julho de 1776), incentivou muitos açorianos a partir à descoberta deste continente. O que também levou ao crescer da emigração foi um mercado de trocas entre emigrantes e as ilhas que fomentou o desejo por essa terra por muitos apenas imaginada e idealizada. “A América e o Canadá chegavam até nós nesses luxos, cheirando

a alfazema e naftalina, à festa da nossa febre de cortar o *nylon* que amarrava as sacas pela boca e a um intenso perfume a flores desconhecidas e invisíveis” (Melo, 2010: 186).

A América afigura-se assim, até hoje, como um destino mítico para os açorianos, uma terra de sonhos onde tudo é possível, um escape para o confinamento intrínseco aos ilhéus, o desejo de uma vida melhor e de fortuna fácil, a ideia do retorno ao passado, de desbravar o mar em busca do desconhecido como fizeram os descobridores. A importância deste continente para os açorianos reflete-se numa preponderância a nível cultural. Uma influência, entre outras valências, musical e sobretudo linguística que é passível de notar não só nos emigrantes regressados mas também nos próprios açorianos que nunca saíram das ilhas, palavras como «gama» (gum) para dizer pastilha elástica ou, por exemplo, «alvaroses» (overall) para dizer jardineiras, transitaram para o vocabulário açoriano.

E se pensarmos que nem só o emigrante sofreu essa influência linguística, mas também os que nunca saíram da ilha, então começamos a entender o significado profundo do mecanismo emigratório e o poder encantatório, quase mágico, que a América exerce sobre o açoriano (Aguiar, 1976:22).

Nota-se nestas comunidades criadas na América e noutras regiões que não é só devido a saudade mas também porque a integração nos novos territórios nem sempre é fácil e a manutenção da identidade açoriana é uma forma de colmatar essas dificuldades de assimilação através do apego às origens.

(...) Um genuíno apego à terra está na formação de comunidades estritamente açorianas que se distinguem, como ilhas, no todo do território americano. Só as gerações seguintes é que irão ser absorvidas efectivamente pelo “american way of life” e pela própria sociedade americana (Silva, 2002: 358).

Em suma, “a diáspora pode considerar-se um dos aspectos estruturais da história do povo das ilhas atlânticas e da sociedade portuguesa em geral, pois trata-se de um fenómeno secular que remonta à época da expansão ultramarina” (Silva, 2002: 347).

2.3. Mercado da saudade

Entende-se comumente por “mercado da saudade” os produtos que os emigrantes adquirem nos seus destinos de emigração que lhes recordem o seu país de origem. A compra destes produtos é emocional e feita devido a ligações afetivas, à saudade, à nostalgia, à falta ou ao sentimento de perda de algo. Contudo, “o termo ‘Mercado da Saudade’ não consta do acervo científico mas antes da comunicação social de massas” (Vieira, 2014: 1).⁷

Atualmente, muitas são as apostas neste tipo de mercado saudosista, não só no envio destes produtos para o estrangeiro mas também, dentro do próprio país, como por exemplo, a mercearia “Mercado da Saudade”, que vende produtos típicos portugueses e que apelam à memória, à infância e ao revivalismo. A saudade é, hoje, um negócio cada vez mais apelativo e um segmento que promete dar lucro.

Neste mercado, os emigrantes afiguram-se como um indiscutível nicho e um público relevante pois a distância a que estão destes produtos e o facto de serem consumidores emocionais faz com que estejam dispostos a pagar mais para os adquirir. De acordo com Vieira:

A importância do ‘Mercado da Saudade’ está associada não apenas à oportunidade de exportação e escoamento das produções do país de origem, como ao facto dos emigrantes poderem estar dispostos a pagar preços relativamente mais altos, pela dificuldade de aquisição destes produtos (Vieira, 2014: 1).

Os Açores sempre foram um local de emigração e este facto potencia a criação de diversos e dispersos “mercados da saudade” pelo mundo. “*Viagem, saudade, afastamento, partida*, conceitos e termos que marcam em comum a cultura portuguesa continental e insular” (Pires, 1981: 12).

⁷ Esta nota de rodapé acompanha a citação, ou seja, não é da autoria da investigadora deste trabalho. “Um exemplo é o artigo da Visão, “Mercado da Saudade”, consultado no sítio <http://visao.sapo.pt/omercado-da-saudade=f719986>, acedido em Janeiro de 2014.”

Refletindo sobre o panorama açoriano, a extensa emigração nas ilhas, sobretudo para os Estados Unidos, levou à criação de “mercados da saudade” nos próprios países para onde estes migrantes partiram. É interessante compreender que o fenómeno não é linear, nem unilateral, os produtos americanos são também vendidos em grande número nos Açores, como é o caso na Base das Lajes, na ilha Terceira, ou nas lojas “Liberty American Store” (das cinco existentes em Portugal, três são sedeadas nas ilhas). Cria-se assim, uma espécie de “americanização” nos Açores e “portugalizam-se” os destinos migratórios. António Machado Pires, no livro *Emigração, cultura e modo de ser açoriano*, chega mesmo a falar de o Homem “açor-americano” que no fundo, devido aos contornos da sua emigração, já não é açoriano mas também ainda não se pode assumir como um americano, fruto de uma cultura híbrida (Pires, 1981). Uma mescla de culturas que torna difícil não só a inserção na nova sociedade mas também o desapego total às ilhas pois:

Liga-o aos Açores, isso sim, um forte apelo afectivo das crenças, das tradições, do quadro de referências da vida rural, da paisagem insular, das reminiscências escolares, enfim, uma mitogenia sentimental que reflecte uma lusitanidade difusa (Pires, 1981: 14).

Porém, é impossível falar da expressão “mercado da saudade” sem contemplar a importância da palavra saudade, um vocábulo tão presente na língua portuguesa e que, de certa forma, define o carácter do português. Apesar de a palavra derivar do latim, os portugueses afirmam que esta é exclusiva da língua portuguesa sendo impossível de traduzir noutra idioma. Se a palavra é traduzível ou não, é uma pergunta sem uma resposta universal, uma coisa é indiscutível, este vocábulo acompanhou a história de Portugal e representa um sentimento simbolicamente português, como o comprova a seguinte citação:

A saudade começou na aventura marítima dos Descobrimentos portugueses, na partida do sítio a que se chama casa, em todos os pequenos objectos e pensamentos que fazem viajar no tempo. Prolongou-se na escrita dos poetas de amores desavindos, entranhou-se na voz do triste fado lusitano. Existe mesmo sem ser possível encará-la olhos nos olhos. E é portuguesa porque mais ninguém a vive, sente, explica e transmite como o povo do “pedacinho de terra à beira mar plantado”.⁸

⁸ Marques, Bruno (2013) “A portuguesa saudade” in *Público*, 15 de novembro de 2013. Disponível em: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/9878/portuguesa-saudade> [Consultado a 03-04-2016].

Para os emigrantes, aliada à saudade está a nostalgia pois não é só sentir falta de algo mas também, muitas vezes, o desejo de regressar a casa sendo que estes “mercados da saudade” são uma forma de trazer um pouco de conforto e do lar até os emigrantes e manter viva a esperança que o regresso é possível.

Este sentimento alarga-se sobretudo com a migração de portugueses, neste caso açorianos, que ao emigrarem não perdem a sua identidade cultural e trilham o seu caminho guiados pelo sonho e marcados por uma certa insatisfação por a constante presença de saudade de algo que não podem ter momentaneamente. Saudade das ilhas mas também dos novos países que os receberam. Uma espécie de sonho sem retorno.

Sonho de partir, sonho de regressar, sonho de conhecer, sonho de pertença a uma pequena parcela do mundo a que se chama sua. Feita de terra e mar para os açorianos. E sempre, sempre de saudade. A saudade que perpassa por toda a poesia de emigração, explícita ou velada, perdida nos esconderijos da açorianidade, tanto mais misteriosa quando mais estudada. (Carlos César, 2004: 9).

Em relação aos *media* tem sido tendência ultimamente a utilização da nostalgia e da saudade nos produtos mediáticos, vejam-se os *remakes*, a repetição de programas televisivos que já foram transmitidos, a reconstituição de momentos passados, como em “Conta-me Como Foi”.⁹ Este retorno ao passado demonstra a importância do tempo percorrido e reitera a relevância dos produtos que consumimos quando somos crianças visto que esses podem, de certa forma, definir o nosso consumo mediático. Por atualmente existir esta propensão para correlacionar os *media* e a nostalgia achou-se pertinente compreender se os jornais açorianos são um produto mediático nostálgico para os emigrantes estabelecidos nas comunidades da diáspora portuguesa, sendo este o *busilis* desta investigação.

No fundo, esta pesquisa pretende compreender como os *media* são produtos mediáticos que legitimam a cultura açoriana e que satisfazem, a nível sociodemográfico, uma população, os emigrantes. A relação entre os *media* e a nostalgia tem vindo a ser mais estudada tendo, em 2015, sido criada uma plataforma, The International Media and Nostalgia Network (IMNN), esta foi lançada pela Indiana University. Um projeto recente

⁹ Série Nacional, do género drama histórica, estreada na RTP1, que retratava a caracterização do ambiente socioeconómico em Portugal desde os finais dos anos 60.

com o objetivo de promover a criação de trabalhos que confrontem estas duas áreas. Partindo desta primeira abordagem, a dissertação aspira apreender como a imprensa açoriana funciona como uma máquina do tempo que produz e faz circular saudade, memória e nostalgia para aqueles que tiveram que abandonar o arquipélago. O objetivo não é tanto perceber como são caracterizadas as representações dos *media*, mas sim apreender de que forma a audiência recebe a informação, como são perpetuados os laços de saudade e como esses nós fomentam a criação de um “mercado noticioso da saudade” onde as notícias são uma espécie de revivalismo que unem o emigrante à ilha. A nostalgia pode ser vista por diversos prismas. Neste trabalho optou-se por estudar as saudades de casa e não existe nenhuma faixa populacional que as sinta tanto como os emigrantes.

3. A imprensa nos Açores: história diacrónica

O arquipélago dos Açores conta com uma longa tradição de imprensa escrita, ao contrário de outros meios de comunicação que chegaram tardiamente às ilhas, por exemplo, a televisão que surgiu na Região Autónoma 20 anos depois do que no Continente, em 1975. Esta tradição jornalística “ (...) dá-lhe naturalmente um estatuto privilegiado no palco da vida pública e cívica do arquipélago” (Freitas, 2002: 78).

A produção cultural difundida através dos jornais pretendia possibilitar um melhor entendimento sobre o que se passava nas ilhas visto que a distância física do território Continental contribuía para um certo desconhecimento sobre a realidade açoriana pois os Açores afiguram-se como uma espécie de Portugal remoto, longínquo e, por vezes, esquecido. Uma “(...) terra quase icónita, ou incónita, às gentes do Continente” (Vasconcelos, 1926: 279).

Os jornais foram assim, ao longo dos anos, um importante e legitimado espaço para as gerações intelectuais açorianas expressarem as suas opiniões. “Por seu turno, só os jornais nos Açores (como em toda a parte, supõe-se) têm tido a capacidade e a memória histórica de manter vivo o debate sustentado e de constantemente enriquecer os nossos arquivos intelectuais” (Freitas, 2002: 78).

Embora exista no arquipélago uma grande tradição de imprensa escrita é interessante ressaltar que a Região Autónoma dos Açores detém um baixo índice de leitura informativa, sendo que “a audiência da imprensa Diária situa-se nos 17%, valor que, segundo os dados mais recentes, pouca variação sofreu, desde 1985” (Secretaria Regional da Comunicação, 1991: 10). Apesar de esta percentagem não ser significativa é superior aos níveis de audiência da imprensa não-diária o que demonstra a importância dos periódicos para as ilhas, sendo que a Região é singular pois contém, analogamente, um maior número de títulos de imprensa que um número de habitantes. “Neste caso, existem 0,03 títulos por mil habitantes, enquanto no Continente esse número é aproximadamente de 0,001 por mil habitantes” (Moniz, 2000: 96).

Um das grandes preocupações que surgem na imprensa é o facto de, ao ser feito num espaço limitativo, a zona geográfica de difusão abranger essencialmente os centros urbanos (Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Horta) e as elites que neles habitam.

O elevado volume de títulos da imprensa escrita, aliado a dispersão geográfica em relação ao Continente, comprova a importância que os meios de comunicação, em regiões insulares e áreas descontínuas e interpoladas, possuem sendo que é uma maneira dos açorianos se sentirem por um lado, emancipados, mas por outro, em contacto com o mundo exterior pois “no man is an Iland” (Donne, 1624: 31)¹⁰.

A comunicação na imprensa regional é fundamental, portadora de um grande poder, e com características muito específicas, onde a audiência, para além de não ser passiva, dá *feedback* e permite que a comunicação seja bidirecional, através do envio de cartas e artigos, diálogo sobre possíveis temas, acontecimentos ou artigos opinativos. Para além disso, devido à comunicação ter uma consciência regionalista, permite uma filtragem da informação o que restringe a sua manipulação.

Através da pequena imprensa, a vida das localidades é descrita com rigor e o seu quotidiano toma maior significado e pode ser mais amplamente conhecido porque a imprensa regional dá ao público aquilo que a comunicação social nacional não oferece: a proximidade e a diferença, formando, sensibilizando e valorizando as populações. Além de que, por vezes, é também o único elo de ligação à terra de origem que muitas pessoas têm, nomeadamente os emigrantes (Santos, 2015: 87).

Daí, a imprensa regional e sobretudo em meio insular, entenda-se na Região Autónoma dos Açores, ser um tema que necessita de lograr a nossa atenção.

¹⁰ Esta referência foi retirada de um suporte digital que transcrevia a primeira versão do livro, daí estar num inglês arcaico. A expressão foi modernizada e, hoje, é comumente citada como: “No man is an island.”

3.1. O surgimento da imprensa no arquipélago açoriano

A imprensa no arquipélago dos Açores emerge no século XIX, numa época conturbada da História de Portugal devido à Guerra Civil entre liberais e absolutistas. Contudo, foi neste cenário que os Açores se evidenciaram pela sua importância categórica na consagração da liberdade em Portugal. Foi também nesta altura que se desenvolveu a imprensa periódica nas ilhas, sendo que a participação do arquipélago nas lutas liberais e a instalação da Regência na ilha Terceira, em 1829, em Angra, única cidade portuguesa que os liberais controlavam, foram fatores basilares para a sua implementação. A instabilidade vivida e o facto de o regime estar em declínio fez com que surgissem periódicos que funcionavam como uma forma de dar voz aos clamores dos açorianos e de relatar os problemas decorrentes, por exemplo, da insularidade, como era o caso da problemática da subsistência, nomeadamente, entre outros problemas, o de abastecimento dos cereais.

A importante ligação dos Açores à imprensa é notória, sendo que a Região é detentora do mais antigo jornal português e o segundo mais antigo da Europa, a seguir ao «Daily Mail»¹¹, o *Açoriano Oriental*, fundado em 1835. Apesar de este jornal ser considerando o mais antigo e o primeiro periódico nos Açores e em Portugal Continental, pela sua cadência e durabilidade, já que continua em atividade, existiram no arquipélago projetos embrionários como *A Crónica da Terceira*, na ilha Terceira, em 1830, nascido no seio da comunidade dos exilados liberais e após ter chegada à ilha uma máquina tipográfica inglesa, e *A Crónica, Semanário dos Açores*, na ilha de São Miguel, em 1832, cuja criação partiu de uma iniciativa das elites locais. A partir destas primeiras iniciativas, os jornais expandiram-se pelas ilhas do arquipélago, exceto na ilha do Corvo que, devido à sua dimensão e ao número de habitantes, nunca teve um periódico.

¹¹ Esta informação foi extraída do livro *A imprensa regional e o poder da comunicação* (1983) de Nuno Rosado: “Actualmente, o decano da Imprensa Portuguesa ainda é um órgão da Imprensa Regional – o “Açoriano Oriental”, fundado em Ponta Delgada, em 18 de Abril de 1835, pelo deputado Manuel António de Vasconcelos. Parece ser este jornal também, presentemente, o mais antigo da Europa depois do «Daily Mail»” (Rosado, 1982: 1).

É também importante salientar o desenvolvimento da imprensa em cada ilha visto que existiram diferentes oscilações no seu aparecimento e a publicação de jornais em cada uma delas é até mesmo separada por décadas, sendo que se pode aferir que foi nos centros urbanos de Angra do Heroísmo (1830), de Ponta Delgada (1835) e na Horta (1857) que a imprensa açoriana deu os seus primeiros passos. Foi também nestas cidades que o volume de jornais se revelou maior.

Este facto explica-se por serem centros populosos, com convergência de riqueza, e por neles viverem elites letradas. Estas cidades também tinham gráficas e mais recursos para produzirem os jornais, o que, até hoje, não acontece em todas as ilhas do arquipélago.

Apesar desta grande fomentação de produção de imprensa, durante a I República dá-se uma diminuição no número dos jornais açorianos, não só porque o número de leitores não correspondia à diversidade de títulos mas também pelas pesadas consequências que advieram da I Guerra Mundial que levaram a limitação não só de produtos mas também de abastecimentos necessários para a produção dos jornais, mormente papel e tinta.

É importante compreender que, nas palavras de Avelino de Freitas de Meneses,

No arquipélago, a imprensa possui a idade da Liberdade. Esta coincidência acarreta uma grande responsabilidade, porque impõe ao fruto da Liberdade a condição de arauto da Liberdade, independentemente de todas as sujeições, isto é, das pressões políticas, dos prúidos sociais, dos constrangimentos mentais e também do sufoco dos interesses económicos. Na ocasião, cabe à imprensa a defesa do propósito da “livre administração dos Açores pelos açorianos”, que logra uma primeira concretização com a publicação do decreto de 2 de Março de 1895 (Meneses, 2009: 19/20).

O facto de a imprensa retratar o que se passava na época (desenvolvimentos, inovações, projetos), espelhando, de certa forma, a sociedade e o seu quotidiano, faz com que hoje exista uma herança distintiva da história açoriana, do seu viver e dos seus vultos pois “a Imprensa faz-nos viajar pela história através de um processo de conquista permanente” (Cabral, 2009: 22). É essa viagem que esta dissertação pretende fazer, ao desmontar as singularidades do jornalismo açoriano e em especial ao estudar um dos seus públicos mais específicos, os emigrantes.

Atualmente, a imprensa regional tem sido alvo de algum descrédito, especialmente no arquipélago, daí ser imprescindível não só estudá-la mas clarificá-la. Para além disso, esta é, nas palavras de Mário Mesquita, “uma «nebulosa» mal estudada. Porém, constitui sem dúvida um capítulo a não desprezar no estudo sobre a história social e o(s) poder(es) dispersos ou interligados neste país”.¹²

Apesar do estudo sobre a Imprensa ser uma «nebulosa» em certa parte “desconhecida” ou pouco investigado este órgão difundiu e preservou, ao longo dos anos e atualmente, a memória dos eventos mais determinantes para a Região dando rosto aos seus protagonistas e fornecendo assim indiscutivelmente “(...) veículos fundamentais quer de promoção da consciência crítica duma localidade ou duma região, quer também, e por esta via, do conhecimento do pulsar de uma época” (Luz, 2009: 319).

Se no passado as páginas dos jornais açorianos estavam reservadas as contestações políticas, a projetos de cariz económico, revolucionário, social, a inovações culturais ou controvérsias religiosas, éticas, cívicas, hoje em dia, “na imprensa, fomenta-se o progresso da consciência social para valorizar o que é diferente mas também, para no confronto com os outros, valorizarmos melhor aquilo que é nosso” (Cabral, 2009: 23).

3.2. O contributo da Imprensa para a Cultura Açoriana

Os Açores são um caso muito particular pois, para além das circunstâncias próprias de quem habita numa ilha, da importância da diáspora, de certas idiosincrasias, da autonomia insular, existem certos condicionalismos na vivência numa ilha decorrentes, por exemplo, do neologismo insularidade. Pode-se dizer que, por um lado, estas barreiras são reduzidas pelo facto de a Região ser um arquipélago dado que há como que uma partilha das dificuldades e uma maior cooperação. Todavia, por outro lado, nem sempre são

¹² Esta citação encontra-se no livro de Moniz, António Brandão (2000), *O poder e o discurso: da imprensa quotidiana nos Açores*, Ponta Delgada: Instituto Cultural e é da autoria de José Manuel de Oliveira que escreveu o prefácio do livro, anteriormente, mencionado.

atenuadas devido ao peso inerente da disseminação geográfica do arquipélago e das rivalidades entre ilhas.

No que diz respeito à Imprensa, e pensando nos primeiros passos desta nas ilhas, numa altura em que não havia disponíveis os meios e recursos que hoje temos, estar informado e informar era fulcral, daí esta ter tido um papel tão proeminente e deveras importante nestas ilhas da Macaronésia.

É indiscutível o papel da informação para a expansão do conhecimento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sociedade e da cultura açoriana, que contava com os jornais, as rádios e, mais tarde, a televisão para saber o que se passava no resto de Portugal, visto que o isolamento natural fez com que o “Continente” parecesse algo distante e muitas vezes inatingível. A imprensa é assim atualmente uma herança incontornável da cultura açoriana, visto que nos jornais eram retratados os grandes problemas que assolavam as ilhas. A imprensa açoriana afirma-se assim como um “(...) sector que nos fornece mais um amplo capítulo para a história da cultura dos Açores” (Costa, 1987: 306).

Um bom exemplo, é descrito por Francisco Carreira da Costa em «Esboço Histórico dos Açores». No livro, o autor conta um episódio importante e marcante para a história da cultura açoriana. Este acontecimento remonta ao ano de 1843 quando na cidade de Ponta Delgada, foi formada a primeira sociedade em Portugal, intitulada a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense. Esta sociedade deu origem ao primeiro jornal português da especialidade, denominado «O Agricultor Micaelense».

Este exemplo, ou seja, de como um jornal ao serviço de uma instituição (neste caso ligada à agricultura) é um veículo perfeito de circulação de novas ideias e novas técnicas que só por si, são geradoras de progresso e desenvolvimento, e é em nossa opinião bastante sintomático, porque directamente ligado à sociedade açoriana do século passado, sendo os seus frutos ainda colhidos pela sociedade de agora (Baião & Tavares, 1979: 36).

Assim sendo, os jornais insulares são hoje um importante reportório para compreender a identidade açoriana e os traços identitários deste povo e são também uma forma de perpetuar na memória dos cidadãos as histórias, *estórias* e vivências dos

açorianos, daí os periódicos até hoje estabelecerem uma relação próxima com o leitor dando também espaço e protagonismo ao cidadão comum. É essencial compreender a história da imprensa açoriana para perceber que os jornais não serviram apenas para divulgarem assuntos locais mas também, de certa forma, restaurarem e construírem a identidade deste povo permitindo também legitimar a sua contemporaneidade.

Atualmente, nos Açores, a imprensa tem vindo a ganhar destaque por se “ (...) assumir na defesa e projecção de causas essenciais e estruturantes da sociedade açoriana”. O mesmo se diga quanto ao estudo, divulgação e consciencialização da identidade açoriana” (Cordeiro & Serpa, 2009: 18). São estes aspetos que tornam o estudo e análise da imprensa neste meio interessante devido ao seu valor indubitável pois:

(...) pelas suas características muito particulares, entre nós, bastante serve, em matéria de informação, formação e recreação, uma audiência constituída por um público ávido de permanecer ligado por laços diversos – o nascimento, a família, amigos, etc. – a determinada região do País – a Imprensa Regional (Rosado, 1982: 1).

3.3. A imprensa nos Açores: história sincrónica

Apesar de ser importante olhar o passado, é fundamental também compreender o presente pois a sociedade sofreu inúmeras metamorfoses, incluindo o panorama comunicacional, no qual se insere a imprensa. Esta nova era mediática surge, sobretudo, com o aparecimento da Internet, na década de 90, e com a afirmação das redes sociais como um espaço onde se pode não só divulgar mas também produzir conteúdos noticiosos pois o surgimento de uma nova tecnologia indicia sempre uma reestruturação cultural, entenda-se também comunicacional. Hoje em dia, a evolução tecnológica tem vindo a desafiar o jornalismo fazendo com que este esteja em constante mutação. Gerou-se assim um novo ecossistema mediático que modificou não só a forma de se comunicar mas também o modo dos profissionais da comunicação trabalharem. Estas alterações degeneraram na transposição do jornalismo em papel, dito analógico, para o digital. Este fenómeno tem adquirido diversas denotações entre elas: “jornalismo digital”,

“*ciberjornalismo*”, “jornalismo multimédia”. Na presente dissertação utilizar-se-á a designação “jornalismo *online*”.

Segundo Hélder Bastos, os primeiros anos do ciberjornalismo em Portugal exprimem-se em três períodos: implementação (1995-1998), expansão ou “boom” (1999-2000) e a da depressão sucessiva de estagnação (2001-2007) (cf. Hélder Bastos).

A primeira década de ciberjornalismo em Portugal fica marcada, em termos gerais, por uma fase experimental relativamente longa e reveladora de hesitações por parte das empresas jornalísticas, por uma fase de expansão tão acelerada e intensa quanto curta, e por uma fase de estagnação prolongada pontuada por alguns investimentos a contracorrente - que ocupa praticamente toda a segunda metade dos primeiros doze anos de história do ciberjornalismo português (Bastos, 2010: 10).

Atualmente, a comunicação mediada é cada vez mais importante e a imprensa tem de estar pronta para conseguir responder às demandas dos seus leitores, público este que é cada vez mais participativo e que exige reciprocidade e uma interação mais sinestésica com os órgãos de comunicação. O jornalismo *online* oferece inúmeras valências (interatividade, instantaneidade, multimédia), potencia o diálogo entre a imprensa e os leitores e também a possibilidade de os utilizadores produzirem conteúdos, “*citizen journalism*”.

Subjacente a esta característica está a possibilidade de cada utilizador ser o próprio editor. É a passagem dos média de massas, em que o leitor, ouvinte ou telespectador era mero consumidor, sem qualquer participação no formato, ao eu-média, em que o utilizador ganha autonomia (Jerónimo, 2011: 476).

Com o desenvolvimento deste tipo de jornalismo emergem alguns problemas, nomeadamente, a desestabilização proveniente do veloz desenvolvimento das tecnologias de acesso e um “(...) desequilíbrio geográfico que se verifica no campo do acesso à Internet” (Canavilhas, 2006: 2).

Contudo, em regiões ultraperiféricas, como os Açores, onde os mercados têm uma dimensão mais reduzida, a aposta no *online* torna-se mais difícil de vingar por ser dispendioso e por não permitir que os jornais consigam obter sustentabilidade financeira pois nas ilhas, “ (...) apesar da nossa longa tradição jornalística (...) tudo é muito mais

precário, e, devido à nossa pequenez territorial e de população, tudo tem mais impacto e dramatismo imediato” (Freitas, 2002: 69).

Apesar do isolamento geográfico, segundo um Inquérito do Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2015, cerca de 76% dos agregados familiares açorianos tinham ligação à Internet dos quais 75% através de banda larga. Estes dados são significativos visto que os números que a Região Autónoma dos Açores registou, relativamente aos níveis de acesso através de banda larga em casa, foram superiores à média nacional do país (70%) (Anexo 1).

Já em 2012, um estudo da citada Instituição havia comprovado que cerca de 64,1% das famílias açorianas tinha ligação à Internet, 67,3 % tinha acesso a computador e 63,5% tinha ligação a este meio através de banda larga em casa (Anexo 2).

Estes aspetos particulares tornam interessante e necessário o estudo sobre a imprensa neste meio insular sobretudo numa altura em que esta está em contínua expansão e regeneração. Com altos níveis de consumo em linha será que as redações açorianas usam esta plataforma para melhorar e facilitar a navegação dos seus leitores?

3.4. O jornalismo online nos Açores

De forma a perceber como se encontra o jornalismo *online* na Região Autónoma dos Açores e para se poder aferir se os jornais tiram partido das potencialidades da Internet foi realizado um inquérito (Anexo 3) a jornalistas e responsáveis dos órgãos de Comunicação Social de alguns dos diversos jornais espalhados pelo arquipélago (Quadro 1).

Ilha	Jornal	Periodicidade	Tipologia	Endereço <i>online</i>
São Miguel	<i>Correio dos Açores</i>	Diário	Generalista	http://www.correiodosacores.info/
Terceira	<i>Diário Insular</i>	Diário	Generalista	http://www.diariodosacores.pt/
Faial	<i>Tribuna das Ilhas</i>	Semanário	Generalista	http://www.tribunadasilhas.pt/
São Jorge	<i>O Breves</i>	Mensal	Generalista	http://www.obreves.com/

Quadro 1- Jornais objeto de estudo.

O inquérito foi realizado via *e-mail* através do contacto genérico com a direção ou redação do jornal e também por contacto direto com alguns jornalistas. Optou-se por uma análise baseada em *inputs*, opiniões dos profissionais da área (editores, jornalistas), visto considerar-se que os seus depoimentos iriam permitir ao investigador aceder a uma informação mais rica e completa visto que a realidade é descrita pelas pessoas que a experienciam. O formulário final, que responde à pergunta de partida da explanação,

também nos permitirá ter acesso aos *inputs* dos utilizadores o que será deveras útil não só para perceber qual é a propensão do jornalismo *online* nas ilhas mas também qual é o perfil do seu consumidor.

Nos inquéritos, ambicionou-se ter uma perspetiva de cada uma das ilhas com jornais em funcionamento (São Miguel, Terceira, Santa Maria, São Jorge, Faial, Pico) visto que, devido às suas dimensões distintas, à sua história e população, os resultados obtidos permitiriam representar o panorama digital de cada uma das ilhas, facultando que se faça uma observação mais específica e mais preponderante para depois se poder perspetivar o arquipélago como um todo, partindo, assim, do particular para o geral.

Todos os responsáveis de jornais que responderam ao inquérito ressaltaram a importância do jornalismo *online* sobretudo numa época em que o jornalismo impresso está em crise. Todavia, apesar de saberem da importância, hoje em dia, deste tipo de jornalismo, os profissionais da área reconhecem o atraso em relação a outras regiões, dilatação essa que resulta da pequenez territorial que não permite um mercado suportável face aos custos.

Os profissionais visados afirmaram que a grande preocupação neste tipo de jornalismo é retratar a sociedade açoriana sendo que o jornal *O Breves*, localizado na ilha de São Jorge, sublinhou também uma pretensão do jornal mensal em “dar voz a quem não tem” (comunicação pessoal, 2016, fevereiro 2).

Paulo Viveiros, um dos responsáveis pela gerência do jornal *Correio dos Açores*, sediado na ilha de São Miguel, ressaltou que na ilha os meios digitais são, na sua maioria, utilizados apenas para repercutir conteúdos que saíam na imprensa “o digital é quase sempre um subproduto dos canais noticiosos tradicionais, que nos Açores é pouco desenvolvido” (comunicação pessoal, 2016, fevereiro 2). Para o profissional,

pelo facto de vivermos numa região com um mercado económico muito limitado, as empresas de Comunicação Social têm alguma dificuldade em investir em redações dedicadas apenas ao digital porque não conseguem retirar a receita adicional das plataformas digitais como acontece noutras regiões de maior dimensão (comunicação pessoal, 2016, fevereiro 2).

José Lourenço, do jornal *Diário Insular*, na ilha Terceira, dá conta dos mesmos problemas: pouca aposta no *online* e um mercado deficitário. “Somos essencialmente um jornal em papel. A edição *online* replica a edição em papel” (comunicação pessoal, 2016, fevereiro 2). Para o jornalista, há que ter em conta o mercado e o meio a que o jornal se dirige e sente que a grande dificuldade que se impõe é a sustentabilidade, pois nos Açores “um jornal exclusivamente digital dificilmente geraria retornos financeiros que sustentassem uma redação profissional” (comunicação pessoal, 2016, fevereiro 2).

João Canavilhas, da Universidade da Beira Interior (UBI), tem vindo a estudar o fenómeno do *Webjornalismo* e corrobora este facto:

No sector da emissão, as dificuldades inerentes à viabilização económica dos meios online levou as empresas a recorrerem aos conteúdos já existentes e o elemento comum aos vários meios - imprensa escrita, rádio e televisão - é o texto que serve de base às notícias. Desta forma, foi com alguma naturalidade que o jornalismo na web se desenvolveu num modelo muito semelhante ao do jornalismo escrito, adoptando as mesmas técnicas de redacção usadas na imprensa escrita (Canavilhas, 2006: 4).

Este discurso altera-se, ligeiramente, no jornal *O Breves*, sediado na ilha de São Jorge, pois é um jornal mais direcionado para o digital com uma plataforma *online* ativa sendo que o periódico concentra uma grande parte dos seus conteúdos para os seguintes meios: Televisão e Internet.

Álvaro Daniel Blayer, Diretor de Informação do jornal *O Breves* e da *Breves TV*, e Valdemar Furtado, Presidente da Associação dos Amigos para a Divulgação das Tradições da Ilha de São Jorge (AADTISJ) e Diretor de Informação do *Breves TV*, afirmaram que têm dado primazia à componente multimédia, sobretudo com a aposta numa televisão própria. “A nossa "tv" tem grande audiência quer a nível insular quer a nível dos nossos emigrantes. Esta área é dedicada a vídeo jornalismo, reportagens, entrevistas, eventos da ilha, Assembleia Regional etc” (comunicação pessoal, 2015, outubro 24).

Mark Marques, também Diretor de Informação do jornal *O Breves*, revelou que o *online* é hoje imprescindível especialmente com a crise no setor. “Em Ilhas como a de São Jorge, também na informação se sofre a insularidade, dentro da insularidade. Assim o facto de um cidadão poder ter acesso *online*, atenua essa falta” (comunicação pessoal, 2015,

outubro 24). Ao contrário dos seus camaradas de profissão açorianos, o jornalista acredita que nas redações da Região os seus profissionais tiram partido das funcionalidades da Internet.

A Chefe de Redação do jornal Faialense, *Tribuna das Ilhas*, Maria José Silva, crê que o jornalismo *online* na ilha está em expansão. Contudo, ressalva alguns dos problemas que advêm deste tipo de jornalismo “mormente relacionados com os “pseudo-jornalistas” e bloggers que hipotecam em muito o nosso trabalho, ou seja, o verdadeiro jornalismo” (comunicação pessoal, 2016, março 2).

Embora admita que seja uma área em crescimento, considera que se pode tirar partido destas “minas de ouro informativas” e das valências que derivam do jornalismo participativo.

(...) o jornalista não pode nem deve cingir-se à observação passiva. Deve estar atento, aproveitar as “dicas” que são dadas pelos “pseudo-jornalistas”, ou neste caso no “citizen-reporter” e usar isso a seu favor, ou seja, investigar e apurar os factos (comunicação pessoal, 2016, março 2).

Em suma, a imprensa açoriana mostra bem o carácter, o sentido de luta, de subsistência e de “desenvencilhar-se” do povo açoriano que combate, muitas vezes em situações precárias, para se manter no ativo.

Atualmente, no arquipélago existem 13 jornais (Gráfico 1), com diferentes periodicidades, que, para não fecharem as portas, persistem, com tiragens mínimas e muitas vezes dependentes da publicidade e do apoio estatal, elementos essenciais.

A venda do jornal é, quase sempre, realizada por «assinatura» e, portanto via correios. Os encargos de impressão e todos os restantes são, - dadas as reduzidas tiragens – mais ou menos equilibrados com a publicidade e, até com donativos dos leitores (Rosado, 1982: 4/5).

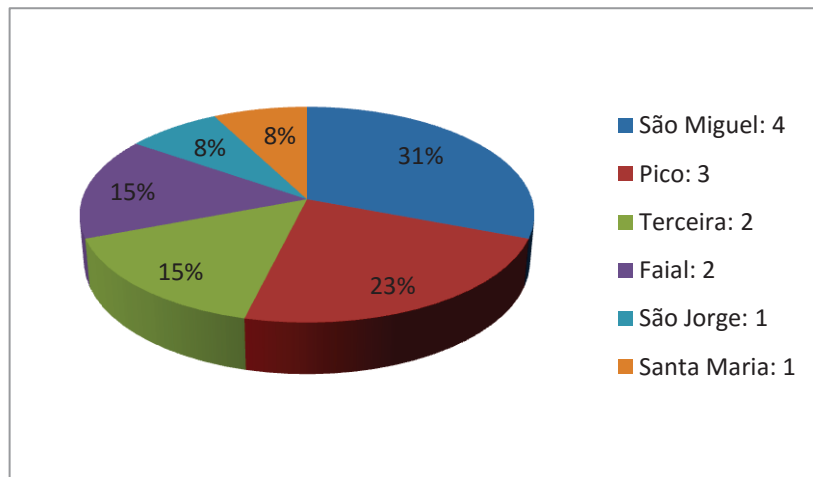


Gráfico 1- Percentagem do número de jornais por ilha.

Embora algumas funcionalidades do digital estejam a ser utilizadas, o facto de ser um meio pequeno e não tão populoso torna a aposta no setor *web* muito dispendiosa pois o mercado é deficitário. Através do inquérito foi possível também depreender que, para além de não se apostar tanto do *online*, acaba por existir uma replicação de conteúdo do papel para o digital. Contudo, os artigos e as peças que os jornalistas produzem são sempre replicados em mais do que uma plataforma.

O investigador chegou a conclusão que a imprensa açoriana é inspirada nos primórdios do jornalismo e baseia-se no modelo jornalístico tradicional (pirâmide invertida), o que faz com que esta se torne inadaptada às novas demandas do mercado e às formas modernas de consumo e produção noticiosa, ou seja, o jornalismo 3.0. A juntar a esta agravante, o mercado não é sustentável não podendo suportar muitos dos custos que derivam do jornalismo *online*.

Apesar da longa tradição jornalística, os jornais sentem algumas dificuldades em tirar partido das funcionalidades da Internet e, quando prolongam a sua oferta informativa a outras plataformas, têm tendência a fazer uma mera duplicação de conteúdos. Tendo este meio inúmeras potencialidades e sendo as ilhas detentoras de um grande número de emigrantes, as novas tecnologias da informação afiguram-se como indispensáveis, sobretudo para os emigrantes radicados no estrangeiro que utilizam a Internet para esbater a distância física com a sua mátria.

Paralelamente, num mundo pautado pelo fenómeno da globalização, emerge uma crescente curiosidade e interesse pela informação de proximidade – (re)valorização do (hiper)local – que ganha uma nova vida em ambiente digital. O jornalismo hiperlocal vem dar à comunidade a oportunidade de expressar e criar laços de identidade, em contraponto à cultura mundializada e à padronização das produções jornalísticas (Bravo, 2012: resumo).¹³

Num lugar onde a acessibilidade é mais dificultada e num panorama de arquipélago a informação e o acesso à mesma tornam-se imprescindíveis e tem uma ponderação maior que noutros locais menos remotos do mundo.

Embora grande parte das vendas dos órgãos de comunicação açorianos venha das assinaturas pagas, na opinião do investigador, e após recolha de informações e observação *in loco*, a imprensa tem de se regenerar, moldando-se ao atual modelo e seguramente ao futuro da Comunicação Social, sendo que este poderá trazer diferentes formas exequíveis, a nível económico, dos jornais não só serem viáveis mas também de poderem diversificar as suas receitas. A regeneração pode ser feita numa comunicação mais multimédia para conseguir chegar a um público mais jovem que não é uma faixa etária que, por norma, consome jornais regionais mas que tem uma presença forte na Internet. Outra boa forma de restaurar a imprensa é especializar os jornalistas para que estes possam desenvolver competências comunicacionais aprimoradas para escrever para a *web*, aproveitando as diversas ferramentas desta plataforma (hipertexto; multimédia) possibilitando assim ao leitor uma navegação mais *user-friendly* pois, “na web é o leitor quem define o seu próprio percurso de leitura” (Canavilhas, 2006: 12). Ou seja, a estrutura da organização de uma notícia não deve ser linear e cronológica mas deve-se recorrer a conteúdos multimédia que permitam que o utente tenha uma leitura personalizada e pessoal, lendo pela sua ordem de interesse - *pirâmide deitada* – (Canavilhas, 2006) até porque “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação.” (Canavilhas, 2006: 7). Contudo, e embora as funcionalidades da Internet não sejam tão utilizadas pensando no utilizador (recetor), nas redações açorianas a Internet assume um papel importante na rotina dos jornalistas (Gráfico 2) sendo mais aproveitada pelos

¹³ Esta citação foi retirada de um resumo de uma dissertação de mestrado que carece de paginação.

profissionais para consulta da caixa de correio, auxílio na produção de conteúdos noticiosos e para colocação de artigos em linha.

Na opinião do autor, o correio eletrónico afigura-se como um canal de comunicação importante para os jornalistas, que tem ganho cada vez mais adeptos, e que passou a ser uma das primordiais formas de contacto para estes profissionais pois, para Canavilhas, “o ponto de partida para um trabalho é sempre a informação recebida de uma determinada fonte” (Canavilhas, 2004: 7).

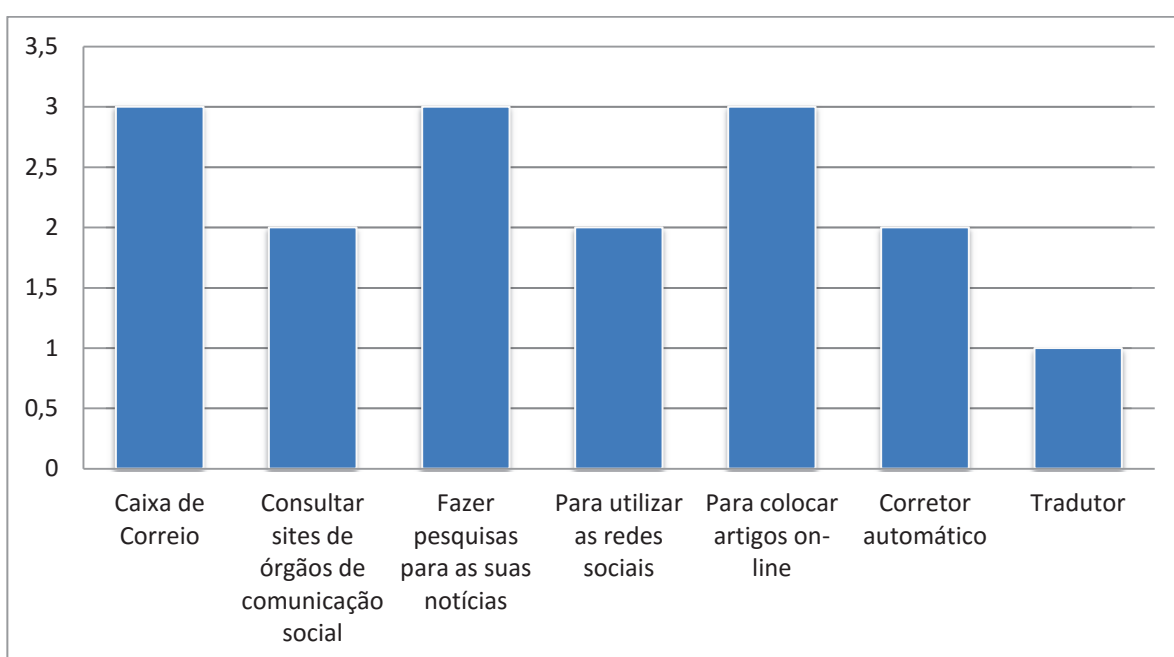


Gráfico 2- Usos das Potencialidades da Internet nas redações açorianas.

O estudo “Os Jornalistas Portugueses e a Internet” de Canavilhas (2004) reitera também que a utilização do correio eletrónico é uma das funcionalidades mais usadas no meio jornalístico, sendo utilizado por 92,5% dos inquiridos. Esta utilização intensa verifica-se também no inquérito realizado sendo esta tarefa apontada como uma das potencialidades da Internet mais utilizadas nas redações açorianas.

Apesar de não termos obtido resposta do jornal *Açoriano Oriental*, este é um periódico regional que beneficia das potencialidades da Internet, ao estar em constante

atualização e também ao cruzar plataformas mediáticas (*cross-media*), como por exemplo, a inserção de emissões da rádio TSF Açores no seu *ciberjornal*.

Todavia, apesar de nas redações açorianas existirem menos recursos económicos e humanos, denota-se uma maior proximidade com o seu público que pode ser ainda mais reforçada com a utilização das plataformas digitais, sobretudo porque

a imprensa desempenha um importante papel nesse processo, sendo uma das principais fontes quando se pretendem recuperar informações do passado. Com a Internet, o espaço para armazenamento de conteúdos é praticamente ilimitado e o acesso muito mais rápido (Jerónimo, 2011: 475).

O facto de a Internet permitir a formação de um repertório, digital de preservação da memória dos açorianos possibilita que as gerações futuras tenham acesso às memórias dos antecessores, à sua cultura e também às comunidades emigrantes na diáspora açoriana. Assim, defende-se que os jornais açorianos devem virtualizar os espaços, customizado os seus produtos noticiosos, de forma a perpetuar as notícias na memória não só dos seus leitores mas também das gerações vindouras.

Assim, a proximidade constitui-se como uma característica-chave da imprensa regional, local e por consequência direta, também ao nível hiperlocal, traduzindo-se como a informação que liga a comunidade. Esta realidade favorece, não só o engajamento da comunidade em torno de um determinado local, como permite o acesso à informação por parte daqueles que se encontram longe dos seus locais de origem (emigrantes, por exemplo). São, portanto, informações importantes para os residentes e também para quem se encontra deslocado desses territórios, funcionando como uma espécie de cordão umbilical informativo (Bravo, 2012: 21).

4. Metodologia de pesquisa

Este capítulo pretende traçar o desenho metodológico, bem como a sua orientação, utilizado nesta explanação. Para tal, delinearam-se os objetivos de pesquisa e a pergunta de partida, a amostragem e a população da investigação assim como os métodos e técnicas aplicadas na recolha e na análise dos dados que suportam esta pesquisa. No fundo, o capítulo “destina-se a dar informação sobre os instrumentos utilizados e a relatar a maneira como os dados foram coligidos” (Azevedo, 2004: 21). Desta forma, analisaram-se todas as informações através de diversas comutações sendo tidas em conta sobretudo três operações:

(...) primeiro, a descrição e a preparação (agregada ou não) dos dados necessários para testar as hipóteses; depois, a análise das relações entre as variáveis; por fim, a comparação dos resultados observados com os resultados esperados a partir da hipótese (Quivy & Campenhoudt, 2013: 216).

4.1. Objetivos de pesquisa

Todo o nosso trabalho de pesquisa parte da seguinte pergunta de partida: Como é que os emigrantes açorianos se mantêm informados sobre o que se passa no arquipélago? Esta pergunta de investigação versa o jornalismo açoriano e a emigração. Assim sendo, a averiguação pretende perceber quais as relações de saudade que se criam entre os emigrantes açorianos radicados no estrangeiro e o arquipélago ao medir o papel da imprensa regional açoriana na manutenção de laços afetivos dos migrantes açorianos com as ilhas. Para desconstruir este tema, a dissertação recorre a um estudo de receção para averiguar os usos e consumos da imprensa açoriana nas comunidades da diáspora deste território autónomo de Portugal. A indagação aspira igualmente a conhecer as novas formas de consumo noticioso nestas comunidades visto que muitos dos descendentes dos emigrantes não só não mantêm assinaturas dos jornais insulares e têm uma ligação à ilha menor que os seus ascendentes, mas também porque a distância a que esta população está

dos conteúdos leva a novos caminhos (ciberjornalismo; *citizen journalism*) e a um inerente esmorecimento do jornalismo tradicional.

4.2. Tipo de investigação – métodos e técnicas

Este estudo recorreu a uma análise quantitativa e o discurso argumentativo foi conduzido através de um raciocínio lógico, isto é, pelo método indutivo, o que permitiu a rutura com o senso comum e afastou o investigador de ideias preconcebidas, preconceitos e falsas evidências (cf. Quivy & Campenhoudt 2013).

Assim, elaborou-se um questionário em linha destinado a emigrantes açorianos. O inquérito foi colocado na plataforma Google Docs, um conjunto de aplicações gratuitas da multinacional americana Google que permite, entre outras funções, a criação de um formulário *online* que pode ser acedido diretamente através de um navegador *web* (*web browser*). Este esteve ativo entre 03 de fevereiro e 08 de julho de 2016, tendo-se obtido 82 respostas completas e uma resposta inválida, sendo que a pesquisa teve em conta somente as respostas completas e válidas. A distribuição foi executada via internet através de dois modos:

- Através da rede social Facebook (22 mensagens privadas para uma rede de contactos do investigador e em grupos públicos do Facebook como as páginas “Associação dos Emigrantes Açorianos” e “Emigrante Açoriano e Amigos”);
- Via correio eletrónico para 55 contactos recolhidos ou pertencentes à rede de contactos do investigador (amigos; conhecidos; jornal Tribuna das Ilhas; Casas dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul, de Hilmar, da Nova Inglaterra, de Ontário, do Quebeque, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Santa Catarina, do Uruguai e de Winnipeg; Presidência do Governo dos Açores; Associações Portuguesas no Estrangeiro (E.U.A) – Clube Recreativo Lusitânia, Faialense Sport Club, Grémio Lusitano Club, Portuguese Club, Inc., associações da cidade de Boston, Comissão das Grandes Festas do Divino Espírito Santo da Nova Inglaterra, Portuguese United for Education, sociedades em New Bedford; Portuguese American Community Center, em Nova Iorque; Academia do Bacalhau de Rhode Island,

Providence, Colónia Portuguesa Divino Espírito Santo of Santa Cruz, Grupo Folclórico “Tempos de Outrora de San Jose”, em São Francisco; Direção Regional das Comunidades e pessoas singulares com acreditação- Onésimo Teotónio Almeida, escritor e professor catedrático açoriano que reside e leciona na Brown University em Providence, cidade do estado de Rhode Island, E.U.A, onde reside uma grande população de emigrantes açorianos; Alzira Silva, deputada na Assembleia Regional e antiga diretora do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas (1997-1988) bem como antiga diretora Regional das Comunidades do Governo dos Açores (1988-2009) e Manuela Bairros, açoriana que trabalha no Ministério dos Negócios Estrangeiros). Os resultados das questões do inquérito foram analisados, tendo em conta *outputs* obtidos através do programa estatístico SPSS, e os gráficos foram produzidos no programa Excel, da Microsoft.

Como a problemática da emigração coligada à imprensa açoriana é complexa e não tem um quadro teórico sólido e alargado sobre o assunto, a dissertação pretende ser um estudo embrionário que desperte a trama relacional entre o impacto dos meios de comunicação locais na vida dos emigrantes açorianos, a fruição das saudades da sua terra natal e a motivação de um possível regresso. Apesar do decréscimo do número de saídas anuais, o número de açorianos que residem no estrangeiro é extramente significativo. Embora a amostra apresentada não tenha uma elevada dimensão, cobre os principais destinos migratórios bem como destinos menos comuns. Os dados coletados são assim uma primeira abordagem indispensável e necessária para um conhecimento esclarecedor sobre a temática em questão.

4.3. Caracterização da amostra

A amostra da investigação é constituída por 82 indivíduos pertencentes à coletividade de emigrantes açorianos espalhados pelas diversas comunidades da diáspora açoriana, sendo que o maior número de respostas adveio de emigrantes oriundos dos Estados Unidos e Canadá. No que diz respeito ao género predominante da amostra, 54 inquiridos são do género masculino (66%) e 28 do género feminino (34%) (Gráfico 3).

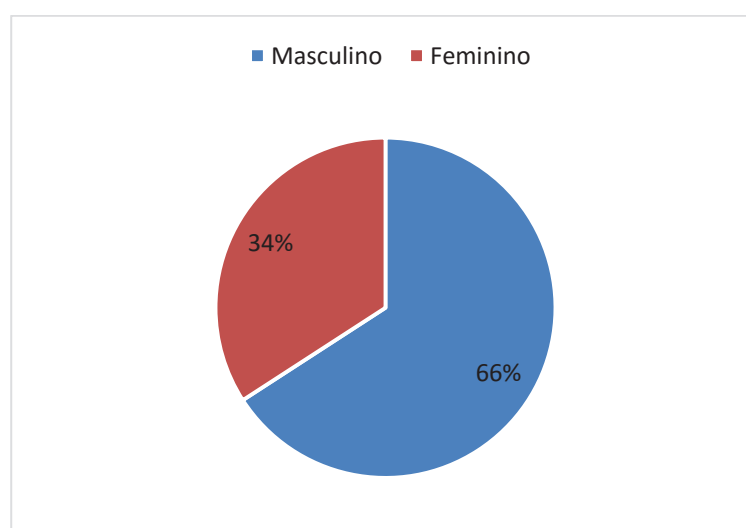


Gráfico 3- Distribuição da amostra segundo o género.

Sendo a amostragem um processo que visa a recolha de amostras de uma pequena parcela da população do universo estatístico, o investigador optou por uma amostra estratificada pois considerou-se que os emigrantes são uma subpopulação mais ou menos homogénea. É importante ressaltar que o método de amostragem utilizado foi “Bola de Neve”, ou seja, o pesquisador entrou em contacto com alguns emigrantes e esses migrantes foram responsáveis por colocar o investigador em contacto com outros elementos do grupo.

A abrangência do universo no que concerne o género, idade e localidade justifica-se por não terem sido delimitadas quotas para as variáveis sociodemográficas com o objetivo

de se conseguir uma amostra mais heterogénea e mais rica que comprovasse a diversidade populacional das inúmeras comunidades da diáspora açoriana espalhadas pelo mundo.

No que diz respeito ao campo de leitura da idade, e considerando o total da amostra (82), depreende-se que a maior parte dos inquiridos são de uma faixa etária sénior, tendo uma idade superior a 61 anos (37%). Cerca de um terço tem entre 51 e 60 anos (30%), seguindo-se os inquiridos com idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos (16%) e entre os 31 a 40 anos (12%). Os inquiridos com idades entre os 21 e os 30 anos afiguram-se como 5% da amostra, sendo que nenhum inquirido tem uma idade inferior aos 20 anos (Anexo 4).

O facto da maioria dos respondentes terem uma idade superior a 61 anos justifica-se pela segunda metade do século XX ter sido pautada por um acentuado fluxo migratório, uma época dourada para a história da emigração açoriana. A partir dos anos vinte do século passado até à década de cinquenta, perdurava uma redutora atividade de saídas do arquipélago. Todavia,

a partir da década de cinquenta até ao início dos anos oitenta, sensivelmente, a intensidade e as características dos fluxos migratórios em direcção aos Estados Unidos e ao Canadá assumiram contornos de forte intensidade no quadro dos movimentos populacionais de saída do arquipélago (Rocha, et al., 2011: 40).

Um dos fatores que potenciou esta emigração em massa para terras americanas foi a erupção do vulcão dos Capelinhos (1957) na ilha do Faial que se afigurou como uma “janela de oportunidade”¹⁴ para os migrantes, alterando as leis de emigração para os Estados Unidos. Um ano depois desta ocorrência, em 1958, foi criado o “Azorean Refugee Act” um processo que facilitou a emigração de açorianos, mormente faialenses e picarotos, para a “terra dos sonhos”. Este diploma, promulgado pelos senadores John F.Kennedy do Massachusetts e John O.Pastor de Rhode Island, levou à concessão de vistos para as

¹⁴ Referência ao título do livro de Daniel Marcos (2008), denominado: *A erupção dos Capelinhos: janela de oportunidade para a emigração açoriana*.

famílias afetadas pela catástrofe. “Devido ao mecanismo de reunificação familiar, nas décadas seguintes mais de 175 mil açorianos partiram para os EUA.”¹⁵

Esta aprovação na lei federal norte-americana“(...) permitiu que se abrisse uma exceção para o caso das vítimas dos Capelinhos, foi uma das raras exceções aprovadas ao longo de mais de quatro décadas de restrições à entrada de imigrantes nos Estados Unidos” (Marcos, 2008: 7).

Este documento, “Azorean Refugee Act”, foi assim fundamental e um episódio marcante para o país ao revogar “(...) uma política que escolhia os imigrantes, não pelas suas valências profissionais, mas pela sua nacionalidade” (Marcos, 2008: 8).

Se muitos fatores contribuíram para a emigração, também existiram aspetos que levaram a que o processo emigratório tivesse grandes variações e mutações no número de saídas, como por exemplo, a política salazarista, que restringiu a emigração além território português, fomentando uma emigração nacionalista para as colónias portuguesas sedeadas em África (cf. Marcos, 2008).

Relativamente à localidade em que os emigrantes residem atualmente obteve-se uma amostra muito homogénea que contempla os fluxos migratórios mais típicos (Canadá e Estados Unidos) mas também outros menos comuns (Omã, Dubai). Estes dados vão de encontro aos números supracitados na 16ª Conferência Internacional Metrópolis, realizada em setembro de 2011 na ilha de São Miguel, Açores, onde se discutiram as migrações num mundo global.

Os 1,5 milhões de açorianos e descendentes espalhados pelo mundo estão concentrados em grande número no Canadá, Estados Unidos, Brasil e ainda nas Bermudas, mas não se pode esquecer pequenas comunidades como a que reside no Uruguai.¹⁶

¹⁵ LUSA/SOL(2014) “Kennedy abriu portas à emigração de 175 mil açorianos para os EUA” *In Sol*, 26 de setembro 2014. Disponível em: <http://sol.sapo.pt/artigo/115732/kennedy-abriu-portas-a-emigracao-de-175-mil-acorianos-para-os-eua> [Consultado a 10-08-2016].

¹⁶ Mundo Português (2011) *Diáspora açoriana representa 1,5 milhões de pessoas*, 3 de Outubro de 2011. Disponível em: <http://www.mundoportugues.org/article/view/59275> [Consultado a 09-07-2016].

Do total do universo (82) 62 dos emigrantes açorianos residem nos Estados Unidos da América (76%), 12 no Canadá (15%), quatro no Brasil (5%), dois na Bermudas (2%), e dois na Península Arábica, em Omã (1%) e no Dubai (1%) (Gráfico 4).

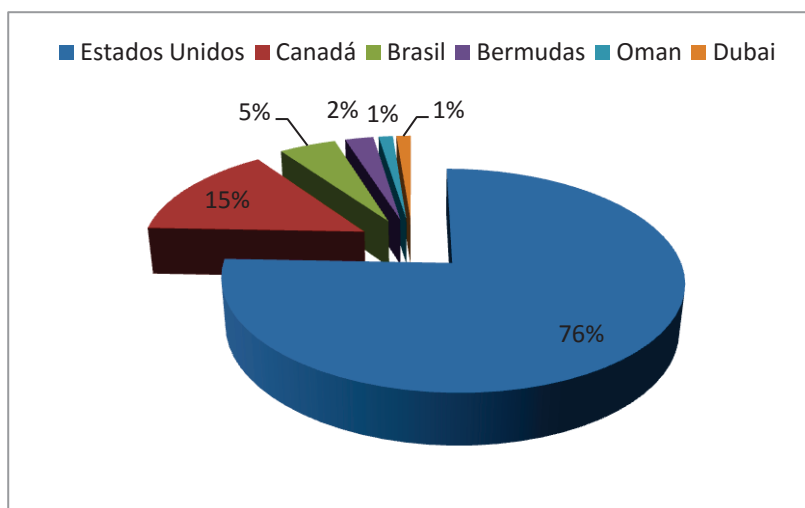


Gráfico 4- Distribuição da amostra segundo zona de residência.

Embora a maioria dos inquiridos resida nos Estados Unidos da América, é interessante ressaltar que, percentualmente, a amostra revela que há mais mulheres a habitar no Canadá do que homens e que o Brasil é um destino migratório apenas privilegiado pelo género masculino assim como as Bermudas são uma escolha somente feminina. De salientar ainda que fluxos migratórios menos comuns (Península Arábica) são escolhidos apenas pelo género masculino. Este facto pode se explicar por, normalmente, os homens emigrarem primeiro que as mulheres e por estes estarem mais predispostos à emigração (Anexo 5). No que concerne a idade dos inquiridos, os indivíduos com idades mais avançadas têm tendência a emigrar para os destinos mais comuns (Estados Unidos da América e Canadá) sendo que estes representam os fluxos migratórios tipo na altura da saída das ilhas. Locais com Omã ou Dubai são escolhidos apenas pela faixa etária entre os 21 e os 30 pois os jovens são mais propensos a novas aventuras e têm menos aspetos a ponderar: parceiro, filhos, estabilidade financeira (Anexo 6). Apesar de existir um padrão nos pontos de chegada para onde partem os açorianos, começam a aparecer destinos menos comuns e pequenas comunidades onde não existem tantos descendentes de açorianos e,

segundo a nossa amostra, é a faixa etária juvenil que arrisca a fazer as malas para estes locais.

Dado que a emigração não é um fenómeno recente, com vista a obter dados mais aprofundados sobre as zonas de residência onde estão emigrados os visados, para se aferir se estes se encontram nos destinos preferencialmente escolhidos por outros migrantes que provêm do arquipélago açoriano, analisaram-se as zonas de residência de forma mais específica, referindo estados e províncias.

Os Estados Unidos afiguram-se como um destino privilegiado para os açorianos sobretudo por a cidade da Horta, na ilha do Faial, ter sido um porto de serventia das baleeiras norte-americanas. Este facto tornou-se um estímulo para aqueles que pretendiam emigrar. Apesar dos açorianos estarem dispersos pelos mais diversos Estados, é na Costa Leste (Massachusetts e Rhode Island) e Oeste (Califórnia) que se encontram as maiores comunidades açorianas. Na nossa amostra, dos 62 açorianos residentes nos Estados Unidos, 29 encontram-se no estado de Massachusetts, 9 no estado de Rhode Island, 5 na Califórnia, 3 em New Jersey, 2 em New Hampshire, 2 na Florida, 2 no Texas e 1 em Washington. Nove dos inquiridos não especificaram a zona de residência, indicando só Estados Unidos. No gráfico esses emigrantes foram designados com a abreviação N/A (Not Available) por não terem sido disponibilizados dados mais determinantes – Gráfico 5.

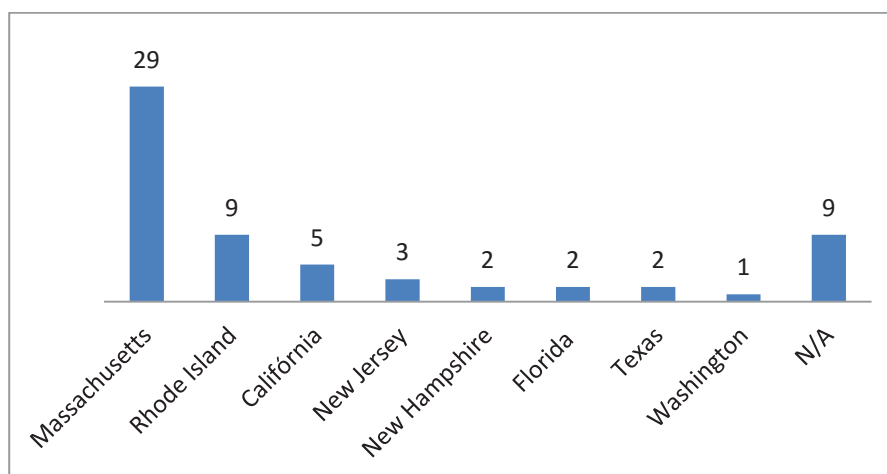


Gráfico 5- Distribuição da amostra por Estados.

Apesar da emigração para o Canadá ter sido mais tardia, comparativamente com a emigração para os Estados Unidos, este é também um país com um grande fluxo de emigrantes provenientes dos Açores. O Canadá foi um destino migratório tardio pois a emigração constante só foi possível após acordos bilaterais entre os países. As comunidades açorianas domiciliadas no Canadá localizam-se nas províncias de Ontário, British Columbia, Manitoba e Alberta.

Relativamente aos inquiridos, dos 12 que habitam no Canadá, 7 vivem na província de Ontário, 2 na província de Manitoba e 1 na província do Quebeque. Dois dos inquiridos não particularizaram o local onde habitavam tendo dito apenas Canadá. No gráfico esses emigrantes foram designados com a abreviação N/A (Not Available) por não terem sido disponibilizados dados mais determinantes – Gráfico 6.

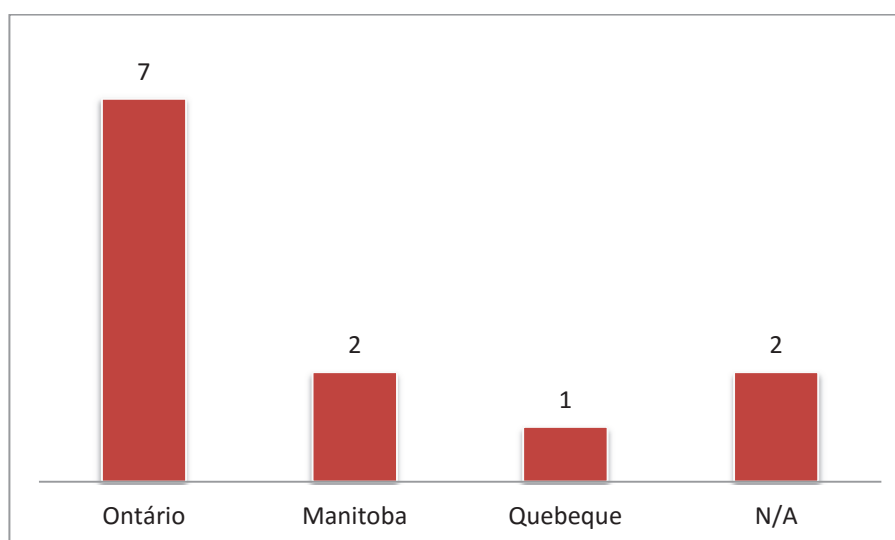


Gráfico 6- Distribuição da amostra segundo as províncias do Canadá.

A primeira emigração com particularidades constantes foi para o Brasil, mormente para o Sul. A emigração açoriana deu-se sobretudo para São Paulo e Rio de Janeiro. Dos quatro emigrantes açorianos que se encontram neste país, três estão a residir no Rio de Janeiro e um em São Paulo –Anexo 7.

No que concerne o número de anos de residência fora de Portugal, atestou-se que a esmagadora maioria (78%) habita há mais de 15 anos fora do território luso. Seguem-se os

emigrantes que estão a viver fora de Portugal entre os 5 e 10 anos (12%), os entre 1 e 5 anos (5%) – Gráfico 7. Os que residem fora do território português há menos de um ano representam apenas 4% dos inquiridos. Os inquiridos que habitam fora de Portugal entre 10 a 15 anos representam 1% da amostra. O facto dos respondentes, na sua maioria, habitarem no estrangeiro há mais de 15 anos, explica-se pela idade avançada da maioria dos emigrantes inquiridos (mais de 61) o que leva a que o regresso se torne cada vez mais difícil visto que, com o tempo, o enraizamento é cada vez mais profundo e ganha outros contornos: filhos, netos, estabilidade financeira. A ausência dos migrantes prende-se também com os ciclos de emigração em que estes deixaram as ilhas. Segundo dados divulgados pelo Governo dos Açores, a partir de 1960 até aos dias de hoje, a maior emigração para os Estados Unidos da América foi em 1968 com a partida de 8124 migrantes, para o Canadá em 1974, com 7822 emigrantes, e para as Bermudas em 1962, com 519 açorianos a abandonar as ilhas. Na totalidade destes três destinos migratórios o ano em que partiram mais açorianos foi em 1969 (13125 migrantes) – Anexo 8.

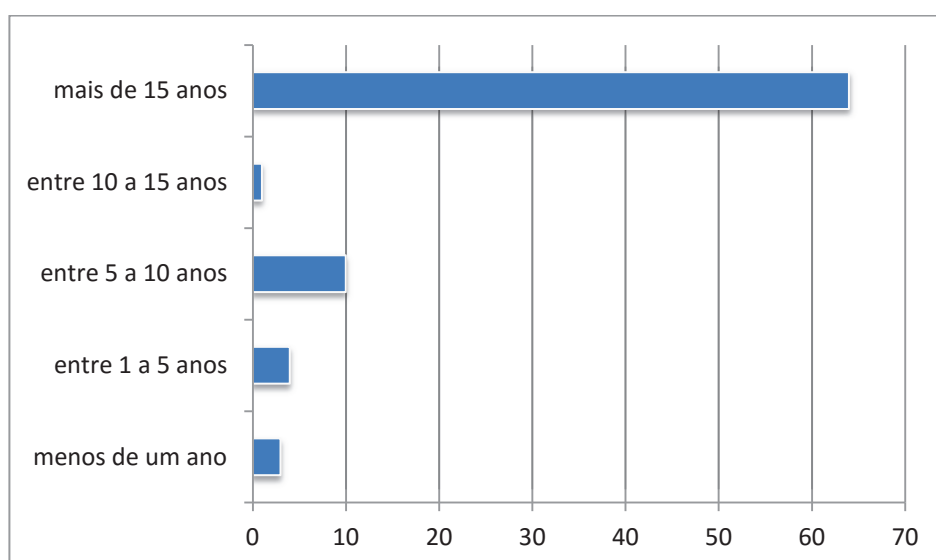


Gráfico 7- Distribuição da amostra segundo o tempo em que os inquiridos estão a habitar fora de Portugal.

O questionário é constituído por 12 perguntas para pessoas que assinam jornais açorianos e 11 questões para as pessoas que não têm subscrição de periódicos açorianos. As perguntas foram construídas com três tipos de resposta: escolha múltipla, permitindo

aos inquiridos poder dar uma ou mais respostas das opções seleccionadas pelo investigador, resposta fechada ou resposta semiaberta (opção “outro”).

O questionário é ainda dividido em quatro segmentos: caracterização da amostra – aspetos sociodemográficos (1), integração na comunidade (2), relação com a imprensa (3), o movimento associativo (4) e, por fim, os emigrantes e o regresso (5). O inquérito ambiciona depreender a relação dos emigrantes com a imprensa açoriana, nomeadamente para compreender a sua preponderância nas comunidades da diáspora açoriana. O formulário visa também assimilar como os migrantes que não têm uma assinatura de um jornal açoriano se informam sobre o que se passa no arquipélago.

Para além disto, dedica-se uma parte à análise da importância que as ilhas têm atualmente para os emigrantes. Nesta secção, pretende-se saber se os visados têm em vista o regresso ao arquipélago ou se, após a inserção e adaptação nas comunidades, cortam as relações com as origens.

5. Análise de resultados

O estudo empírico visa a análise dos resultados recolhidos através do método inquérito por questionário feito a uma amostra de 82 emigrantes açorianos, sendo que o número de inquiridos corresponde apenas aos visados que responderam de forma completa e válida às questões demandadas. A análise tem em conta as três secções do inquérito indicadas anteriormente, sendo que a caracterização sociodemográfica já foi, previamente, examinada. Os resultados foram vistos em bruto sendo que, posteriormente, foram cruzadas as diferentes variáveis, quantitativas e qualitativas, para se obter conclusões que permitiram uma pesquisa mais aprofundada.

5.1. Integração na comunidade

O arquipélago dos Açores sofreu, ao longo dos anos, diversas metamorfoses demográficas sendo que uma das mutações mais significativas foi uma acentuada emigração que levou a um decréscimo populacional nas ilhas, sobretudo em 1980, a Região registou “(...) a maior redução da sua população (- 15.8%), muito por efeito do terramoto que assolou o arquipélago”.¹⁷

A emigração foi fomentada pelas mais diversas causas (flagelos naturais, desejo de melhores condições de vida ou incentivo estatal, tendo em conta causas geopolíticas) e para os mais diferentes países, primeiramente o Brasil (Maranhão) expandindo-se depois para os Estados Unidos da América, Bermudas, Havai (quando o arquipélago era ainda uma república e não estava inserido nos Estados Unidos) e, mais tardiamente, para o Canadá.

Apesar da emigração açoriana contemplar contornos dissemelhantes é necessário entender que este fenómeno não compreende apenas a transferência de uma localidade para

¹⁷ Ferreira, J. (2013) “Região Autónoma dos Açores. Variação Percentual do nº de habitantes (censos de 1864 a 2011)” in *Instituto Nacional de Estatística*. Disponível em: <http://populacaodosacores.jimdo.com/> [Consultado a 19-09-2016].

outra, mas, também, a integração numa nova comunidade. Os emigrantes se, por um lado, ambicionam integrar-se da melhor forma possível na nova sociedade, por outro, aspiram também à fundação de lugares-comuns, de espaços que lhes permitem preservar a cultura açoriana e propagar os novos valores apreendidos. É assim que nascem comunidades açorianas nos diferentes destinos migratórios que visam conservar o património cultural e, de certa forma, amenizar as dificuldades de integração na terra de adoção. Nestas comunidades preservam-se os rituais religiosos, culinários e culturais e estes costumes são muitas vezes vividos de uma forma mais intensa, genuína e pura que no próprio arquipélago pois mantêm-se as tradições sem as alterar e adaptar aos novos tempos. As comunidades são assim um contínuo dos Açores no estrangeiro, a criação de um Portugal absoluto, e extremamente importantes não só para garantir os valores da *Açorianidade* bem como para manter os jovens, descendentes, interessados em sustentar as tradições e princípios identitários dos Açores que foram, na maioria das vezes, preservados e incutidos pelos seus antepassados.

Como afirma Maria Lucinda Fonseca

durante a permanência no estrangeiro, a relevância das redes interétnicas, familiares ou de vizinhança, e o desconhecimento da língua do país de acolhimento, fomentaram o desenvolvimento do associativismo, a preservação da cultura de origem e a manutenção de relações intensas com os Açores (Fonseca, 2011: 27).

Assim sendo, considerou-se essencial compreender as dificuldades no que concerne a integração dos emigrantes nos destinos transmigratórios. A questão alusiva às dificuldades dos emigrantes em integrar as comunidades da diáspora açoriana está patente no facto de 33% dos inquiridos afirmarem que tiveram dificuldade de integração devido ao desconhecimento da língua e 22% revelaram que o maior obstáculo foi o facto de viver longe de “casa”. No entanto, 15% dos visados apontou o clima e 14%, a opção “outro” como problemas ao integrar estas comunidades. Das 15 pessoas que validaram a opção “outro”, sete afirmaram não ter tido qualquer tipo de dificuldade de inclusão e três apontaram como entrave as saudades que sentiam de amigos, da terra e de coisas tradicionais. Para 11% dos inquiridos encontrar trabalho foi o maior esforço sendo que para 5% o acesso à habitação foi uma adversidade – Gráfico 8. Nesta questão, os indagados podiam escolher mais do que uma opção.

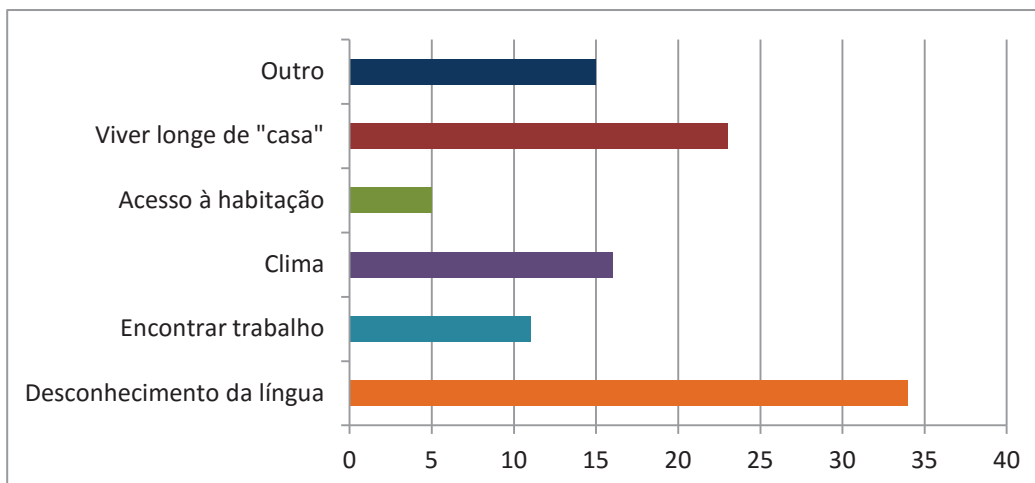


Gráfico 8- Distribuição da amostra segundo as maiores dificuldades dos emigrantes ao integrar as comunidades.

O facto de o desconhecimento da língua ser apontado com a maior dificuldade pode parecer contraditório visto que, sendo comunidades açorianas, a língua falada é o português, o que facilita a inclusão nestas sociedades e não a exclusão. Todavia, ao longo dos anos, o facto de muitos emigrantes estarem nestes países há tantos anos faz com que a cultura portuguesa seja, por vezes, conservada através de outra língua, sobretudo a língua inglesa.

No caso específico da comunidade açoriana, a língua portuguesa começa a desaparecer ou a metamorfosear-se. Fala-se cá o português do emigrante no qual cada indivíduo se exprime à sua maneira e de acordo com a herança familiar, a escolaridade e a província em que vive. Talvez por isso, o debate hoje conheça novos rumos e surja de uma escuta atenta das segunda e terceira gerações, aquelas que o país quer fazer despertar por razões económicas, históricas ou culturais.¹⁸

Tanto para os homens como para as mulheres, o desconhecimento de língua foi a dificuldade mais sentida na chegada aos novos destinos, seguindo-se a vivência longe de casa (saudades) e o clima (Anexo 9). Ao analisar as dificuldades sentidas e a localidade,

¹⁸ Araújo, Humerta Maria [s.d.] “Emigração e herança Cultural Inglês a Língua que preserva a Cultura lusa?” in *Adiaspora.com*. Disponível em: <http://www.adiaspora.com/port/gentes/artigo/culturalusa.htm> [Consultado a 10-08-2016].

aferiu-se que para os emigrantes radicados nos Estados Unidos da América e Canadá a dificuldade mais apontada é o desconhecimento da língua e nos países da Península Arábica o maior obstáculo referido é "viver longe de casa" o que se compreende visto ser mais difícil o contacto com os Açores não só por estarem mais isolados como também pela diferença horária, por não existirem aviões diretos e pelos preços para estes destinos serem mais elevados. Comparativamente, as faixas etárias mais juvenis apontam como maior dificuldade "viver longe de casa" enquanto as gerações mais velhas aludem que a grande dificuldade foi o "desconhecimento da língua" (Anexo 10). Estas gerações têm também menos em vista o regresso. O facto de a distância ser a maior dificuldade para os jovens explica-se por estes estarem ausentes do arquipélago há menos tempo o que leva a que seja difícil sentirem-se enraizados pois a rede familiar e social é menor. Para as pessoas que possuem assinatura de um jornal, as maiores dificuldades que tiveram na inserção nas comunidades foi o facto de desconhecerem a língua e o clima já para as pessoas que não detêm assinatura os fatores que pesam mais são o “desconhecimento da língua” e o “viver longe de casa” (Anexo 11). O facto das pessoas sem assinatura aludirem com alguma preponderância à nostalgia de viver longe de casa atesta que o jornal é uma forma de colmatar as saudades das pessoas ao integrarem as novas comunidades o que vai de encontro à premissa defendida nesta dissertação de que os jornais, apesar de eternizarem laços de ligação dos migrantes com as ilhas, estes apaziguam a nostalgia desta população sendo que a informação é uma forma de os migrantes se sentirem mais próximos da sua pátria.

5.2. Relação com a imprensa

O grande objetivo desta investigação é compreender quais as relações que se estabelecem entre a imprensa açoriana e os emigrantes radicados nas comunidades da diáspora açoriana. Será que estes mantêm assinaturas dos jornais? Se não, como mantêm o elo de ligação com as ilhas? Através de um jornalismo profissionalizado ou projetos amadores e solitários sem redação, como por exemplo, *blogs*? Sendo que os surtos migratórios são hoje menores, subsiste um mercado noticioso entre os pontos de partida e

chegada? Surgem novas formas de consumo mediático? Os luso-descendentes têm interesse em estar informados sobre o local de origem dos seus antepassados?

Com o objetivo de clarificar estas perguntas e perceber como se suscita um “mercado noticioso da saudade” ambicionou-se perceber a importância para os emigrantes da imprensa regional e se, por sua vez, esta se preocupa com a supracitada franja social.

A questão sobre se os emigrantes assinam algum jornal açoriano revela que 32% mantêm uma assinatura com um jornal açoriano, já 68% dos inquiridos não têm uma assinatura.

Dos 32% dos visados que detêm assinatura, 38,5% são mulheres e 61,5% são homens (Anexo 12), maioritariamente, de idades compreendidas entre os 51 e os 60 ou idades superiores a 61 (Anexo 13). Nenhum dos jovens inquiridos detém assinatura de um jornal o que reitera a ideia de que o consumo mediático se alterou e que os jovens optam por recolher informação através de outras plataformas.

Os dados extraídos da tabela que se encontra no Anexo 12 vão de encontro a um estudo sociológico do Plano Nacional de Leitura, intitulado “A Leitura em Portugal” e realizado em 2007, estudo esse que demonstra que os homens leem mais jornais que as mulheres, tendo estes uma correlação mais próxima com este meio informativo.

Quanto aos jornais, o perfil é, pelo contrário, vincadamente masculino (91% dos homens inquiridos lê jornais contra 76% das mulheres), sensivelmente mais idoso (...). Quanto às revistas, o perfil é (tal como para os livros) acentuadamente feminizado (83% das mulheres lê revistas contra 62% dos homens) (...) (Santos (coord.), Neves, Lima, Carvalho, 2007: 53).

Conseguimos assim comprovar que estes emigrantes portugueses transportam os seus hábitos de leitura para os destinos que os acolhem.

Com o aparecimento da internet e os custos elevados dos portes de envio para os jornais chegarem às comunidades, o jornalismo impresso perdeu leitores. Assim, pretendia-se perceber o porquê dos emigrantes conservarem uma assinatura de um jornal açoriano. Depreendeu-se que 81% tem uma subscrição para se manter informado sobre o que se passa no arquipélago. Da amostra total de emigrantes com assinatura (26 inquiridos) 11% afirmou que o faz por saudade e 8% por curiosidade – Gráfico 9. Todavia, todas estas

razões comprovam a necessidade desta população em manter uma assinatura porque se interessam pelo arquipélago, comprovando-se assim mais uma vez a existência de um mercado da saudade visto que, apesar da distância a que estão dos conteúdos continuam a interessar-se pelas agendas culturais, pelos artigos de opinião e pelas notícias do quotidiano que são difundidas nos jornais insulares. Além disso, 73% dos inquiridos atestou que compartilha o jornal com a sua rede de amigos e pessoas do seu agregado familiar – Anexo 14.

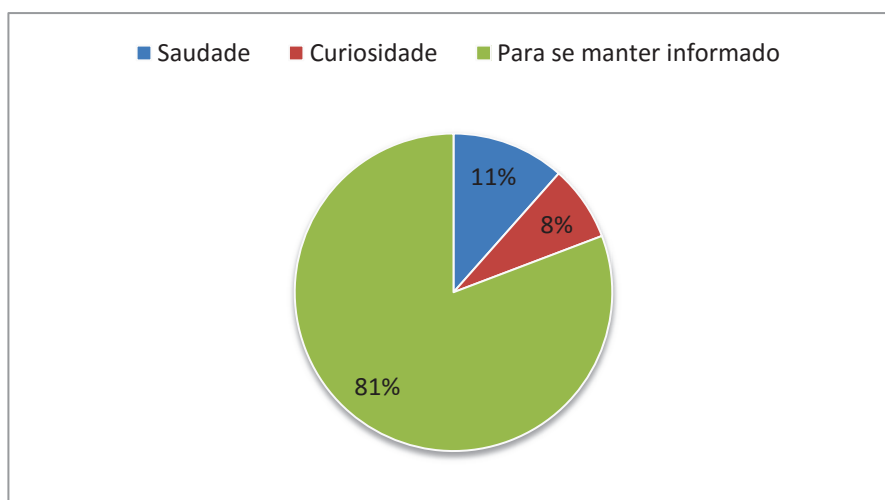


Gráfico 9- Percentagem dos motivos que levam os emigrantes a conservarem uma assinatura de um jornal do arquipélago.

Sendo que a presente dissertação aspira perceber como funciona o mercado noticioso entre os Açores e os emigrantes perguntou-se aos 56 emigrantes que não tinham assinatura de nenhum jornal regional como faziam para obter notícias sobre a sua ilha. Da amostra total, 41% afirmou que lia as notícias nas Redes Sociais, 32% através de jornais *online*, 18% adquiriam informações através de familiares ou amigos e 9% afirmou que colhiam notícias das ilhas nos jornais da diáspora. – Gráfico 10.

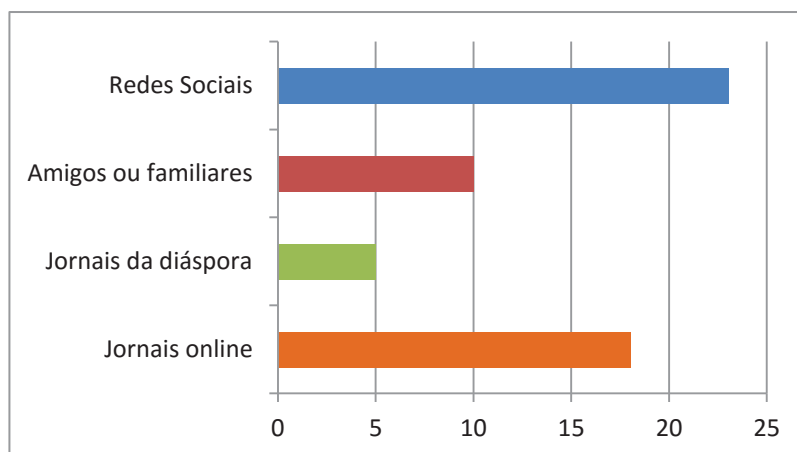


Gráfico 10- Opções para obtenção de informação sobre o arquipélago.

Ao cruzar as variáveis “género” e “formas de obtenção de informação”, aferiu-se que os homens consomem mais jornais *online* do que as mulheres e que ambos têm, preferencialmente, um consumo noticioso em linha (Anexo 15). O cruzamento das variáveis “formas de obtenção de informação” e “idades” extraíram-se os seguintes dados: os jornais *online* são lidos por faixas etárias mais avançadas enquanto os jovens optam pelas redes sociais quando precisam de saber o que se passa no arquipélago (Anexo 16). De ressaltar que quanto maior a ausência dos Açores maior a necessidade de informação sendo que os jornais *online*, os amigos e familiares e as redes sociais são os meios mais requisitados pelas pessoas que estão há mais de 15 anos fora do arquipélago (Anexo 17).

Os resultados obtidos confirmam a importância indubitável da Internet como agregadora de conteúdos e como uma fonte primária preponderante no acesso à informação, sobretudo quando as pessoas se encontram distantes do ponto de origem de onde partem os conteúdos. Interessante também é o aparecimento das redes sociais como a primeira escolha para obtenção de notícias, emergindo como a principal fonte de acesso de aquisição noticiosa. O consumo de notícias através das redes sociais tem sido cada vez mais uma tendência em Portugal, daí a importância dos jornais terem gestores de redes sociais e analistas de dados que observem de onde advém o maior tráfego de leitores. Estes resultados comprovam a mudança do padrão de consumo noticioso dos emigrantes açorianos que antes, também devido à falta de recursos para obter informações, recorriam a outros meios, como, por exemplo, espaços de leituras promovidos pelas diversas Casas dos

Açores dispersas pelo mundo. Esta disposição tem vindo a ser cada vez mais comum sendo que “o número de utilizadores portugueses de redes sociais triplicou em sete anos, para 54,8% em 2015, e um terço das empresas usa estas plataformas, de acordo com estudos da Marktest e da IDC Portugal, respetivamente”.¹⁹

No que concerne à questão referente às notícias que os emigrantes gostam mais de ler sobre os Açores, os interesses dos inquiridos com e sem assinatura de um jornal açoriano são semelhantes. 44% dos emigrantes subscritores afirmou que preferem ler notícias locais, 20% notícias ligadas à política, 16% aponta como predileção notícias de cariz económico, 11% assinalou a opção “outro”, sendo que dentro desta preferência, as notícias mais apreciadas foram notícias culturais e literárias. No que respeita as notícias sobre futebol, 7% foi a escolha dos emigrantes como tipo de conteúdo noticioso que aprecia ler e apenas 2% assinalou notícias de necrologia – Gráfico 11.

Para os emigrantes que não são subscritores de um jornal, as notícias que mais gostam de ler são também as locais, 52%. Seguem-se as notícias ligadas à política (21%) e à economia (16%). Relativamente às notícias sobre futebol, 7% afirma que são as informações que têm mais interesse em ler e 4% indicou a opção “outro”. Dentro da opção “outro”, a maioria respondeu que gosta de ler todo o tipo de notícias sendo que apenas uma pessoa afirmou que não segue qualquer tipo de notícias sobre os Açores. Este inquirido respondeu em inglês, o que comprova que está tão aculturado que até a língua utilizada já não é o português. Nenhum inquirido revelou interesse pelas notícias de necrologia – Gráfico 12.

Nesta questão, os intervenientes podiam escolher mais do que uma opção.

¹⁹ Diário de Notícias (2016) *Uso das redes sociais triplicou em sete anos*, 29 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/uso-das-redes-sociais-triplicou-em-sete-anos-5255614.html> [Consultado a 15-08-2016].

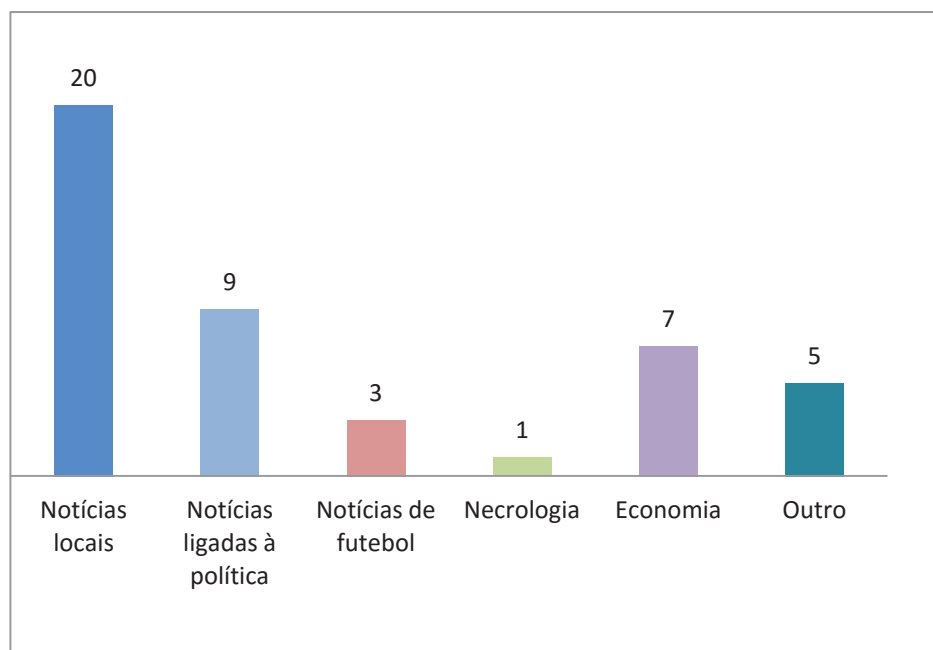


Gráfico 11- Notícias mais lidas por açorianos emigrantes com assinatura de um jornal açoriano.

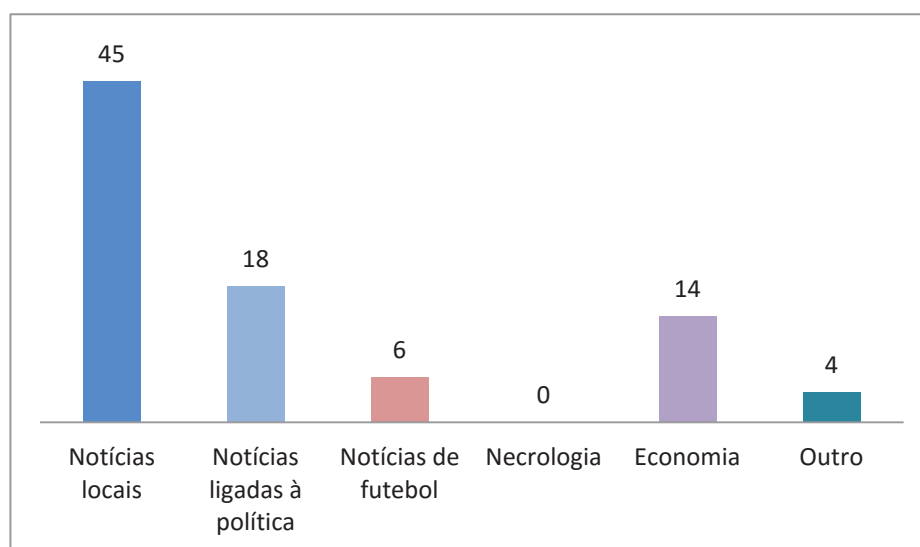


Gráfico 12- Notícias mais lidas por açorianos emigrantes sem assinatura de um jornal açoriano.

Em relação ao género, homens e mulheres preferem as notícias locais, sendo que as mulheres demonstram maior interesse pelas notícias ligadas à política e os homens têm

como preferências as notícias ligadas ao futebol e à economia (Anexo 18). Os inquiridos com as faixas etárias compreendidas entre os 51 e os 61 e os mais de 61 preferem notícias locais. Já as faixas etárias compreendidas entre os 21 e os 30 e os 31 e os 40 dão preferências às notícias de economia pois estes ainda procuram uma estabilidade inicial e na maioria das vezes foram questões económicas que os empurraram para fora da sua pátria (Anexo 19).

À questão “tem acesso a essas notícias através de que meio de comunicação?”, 62% dos emigrantes que têm assinatura de um jornal regional responderem a Internet e 19% a televisão. A imprensa é o meio utilizado por 11% dos inquiridos sendo que apenas 8% recorre à rádio – Gráfico 13. Os emigrantes que não são assinantes de jornais açorianos recorrem também, primordialmente, à Internet (57%) e à televisão (29%) para obterem informações. A imprensa (7%) e a rádio (7%) são os meios menos utilizados – Gráfico 14.

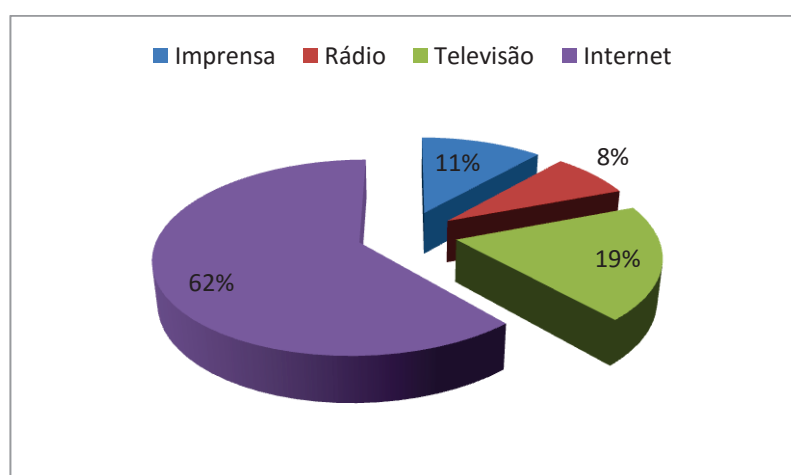


Gráfico 13- Meios de comunicação mais utilizados no acesso às notícias por emigrantes com assinatura de um jornal insular.

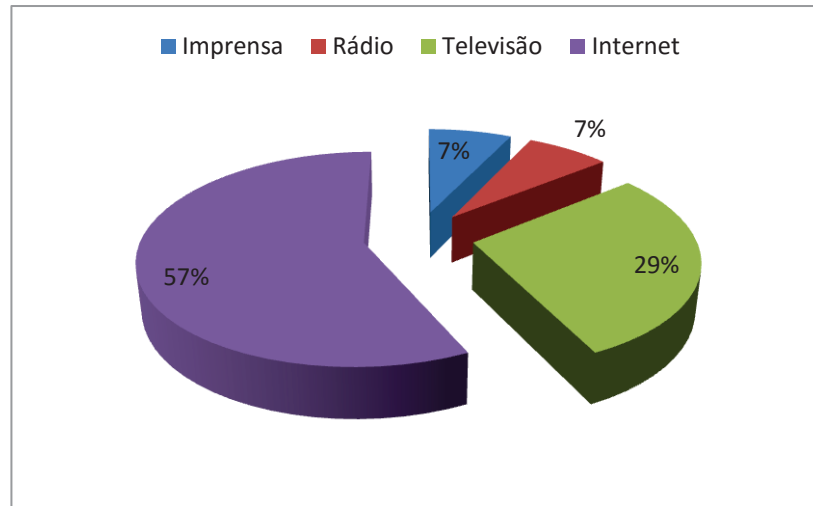


Gráfico 14- Meios de comunicação mais utilizados no acesso às notícias por emigrantes sem assinatura de um jornal insular.

A Internet é assim o meio de comunicação mais utilizado para o acesso noticioso por assinantes e não assinantes de ambos os géneros. Contudo, nos inquiridos com subscrição de jornais, a televisão é mais visualizada pelas mulheres pois estas passam mais tempo em casa enquanto a rádio é mais escutada por homens, que, por norma, têm trabalhos onde este aparelho está mais presente (oficinas, condutores de pesados) – Anexo 20. Nos respondentes sem assinatura, a rádio é também um meio de acesso preferencialmente utilizada por homens e a televisão é uma forma de acesso informativo preponderante para ambos os géneros – Anexo 21. Nos dois casos, assinantes e não assinantes, a imprensa é lida somente pelas gerações mais antigas, dos 51 aos 60 e mais de 61. Este facto explica-se por as pessoas que nascem na mesma altura e no mesmo ambiente terem relações análogas com os *media* (cf. Bolin, 2014). Sendo estas as gerações que experienciaram mais formas de *media* são também estas que demonstram mais nostalgia pelas produtos mediáticos mais clássicos, leia-se, o jornal.

Dado que a amostra se centra apenas em 26 emigrantes açorianos que são subscritores de jornais açorianos achou-se pertinente compreender qual o número de jornais enviados para o estrangeiro para perceber não só quais os hábitos de consumo dos emigrantes açorianos, mas também o peso da imprensa escrita nestas comunidades.

Para tal, o investigador entrou em contacto com os 14 jornais regionais espalhados pelo arquipélago (*O Monchique, O Baluarte, O Breves, Incentivo, Tribuna das Ilhas, Diário Insular, Jornal da Praia, O Dever, Jornal do Pico, Ilha Maior, Expresso das Nove, Diário dos Açores, Açoriano Oriental, Correio dos Açores*), ainda que, atualmente, apenas existam 13, visto que o jornal *O Monchique* fechou em dezembro de 2015 por falta de financiamento. Dos 13 jornais contactados apenas se obteve resposta de cinco jornais. O jornal *Diário dos Açores* da ilha de São Miguel, os jornais *Ilha Maior* e *O Dever* ambos da ilha do Pico, o jornal *O Breves* da ilha de São Jorge e o já extinto *O Monchique* da ilha das Flores. Considerou-se uma amostra significativa visto esta representar o panorama jornalístico de quatro ilhas diversas num total das seis ilhas que possuem periódicos, sendo que o Corvo, a Graciosa e, recentemente, as Flores não têm jornais impressos. Por conseguinte, a ilha mais pequena do arquipélago, o Corvo, foi a única ilha que nunca teve qualquer título (ver Quadro 2).

ILHA	ANO	JORNAL
Santa Maria	1885	<i>O Mariense</i>
S.Miguel	1835	<i>O Açoriano Oriental</i>
Terceira	1830	<i>A Crónica da Terceira</i>
Graciosa	1894	<i>A Ilha Graciosa</i>
S.Jorge	1871	<i>O Jorgense</i>
Pico	1874	<i>O Picoense</i>
Faial	1857	<i>O Incentivo</i>
Flores	1886	<i>O Amigo do Povo</i>

Quadro 2- Data do aparecimento dos primeiros jornais em cada ilha do arquipélago.

Fonte: Cordeiro & Silva (2009: 13).

As três ilhas supramencionadas são as que têm menos população e as mais envelhecidas e é notório que o arquipélago está numa crise cultural sendo que já foram encerrados vários jornais que não conseguem ser autossustentáveis.

Numa altura de crise do setor mediático torna-se ainda mais importante compreender se os emigrantes contribuem para os índices de consumo de jornais e se não, como é que estes se informam sobre o que se passa no arquipélago. Para tal, o investigador colocou quatro questões, aos jornais já acima mencionados. As questões foram as seguintes: Qual é a tiragem do vosso jornal? Quantos leitores têm? Quantos jornais enviam para o estrangeiro? Preocupam-se em escrever notícias para os emigrantes? Estas questões foram enviadas via correio eletrónico em outubro de 2015. As perguntas tinham como objetivo perceber se o número de emigrantes que recebiam jornais açorianos era significativo e se estes eram um público que os jornais tinham em conta (Quadro 3).

É relevante ressaltar que os números cedidos não são cem por cento fiáveis, sendo apenas uma estimativa, visto que a tiragem dos jornais açorianos não é controlada pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação.

No já extinto jornal das Flores, *O Monchique*, dos 540 assinantes, 100 residiam no estrangeiro.²⁰ O facto de o número de leitores ser muito superior ao de assinantes, aproximadamente 1040, explica-se por, em média, cada assinante partilhar com duas pessoas o jornal mensal. José Acorvelo, funcionário do jornal, explica que atualmente e infelizmente, no mercado mediático, a imprensa escrita é cada vez menos um recurso, sobretudo para os emigrantes. “As pessoas têm, com um simples clique, a notícia, a foto etc. no seu computador ou na sua televisão. Apesar disso fazemos o possível para que as notícias também tenham a ver com a emigração” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14).

A funcionária Tatiana Silveira, do jornal *O Dever*, revelou que dos 822 assinantes, 146 são emigrantes. 71 jornais são enviados para os Estados Unidos, maioritariamente para a zona da Califórnia, 74 para o Canadá, sobretudo para a região de Ontário, e um para a Europa (Inglaterra). É curioso também saber que este semanário envia gratuitamente cinco periódicos para instituições no Ontário e um para uma instituição na Califórnia o que

²⁰ Atualmente, este jornal já não existe tendo sido fechado em dezembro de 2015 por falta de financiamento. Contudo, a entrevista foi realizada em outubro de 2015, quando o jornal ainda estava em atividade, sendo que os dados obtidos serão utilizados pois o investigador considerou-os pertinentes para a pesquisa.

mostra a necessidade deste jornal em manter informados os emigrantes sobre a sua terra natal, “terra do coração”.

Tatiana Silveira explica ainda que

por um lado preocupamo-nos em dar aos locais notícias do que é tema e que os preocupa como é exemplo a saúde, assembleias municipais, transportes marítimo e aéreo. Por outro, claramente existe a preocupação de “matar” a saudade dos que cá não estão dando conhecimento de inaugurações, lançamentos de livros e de outras festas com grande expressividade, como são o Espírito Santo e recentemente o evento Maré Cheia que juntou na Freguesia das Ribeiras muitos emigrantes, de modo a que estes fiquem a par do que se vai alterando/fazendo na sua terra (comunicação pessoal, 2015, outubro 22).

A funcionária revelou ainda que, para os emigrantes, para além das notícias, existem dois espaços importantes no semanário: a entrevista, uma parceria do jornal com a rádio e Câmara da ilha, que divulga os eventos das mais diversas áreas, e o espaço de opinião, que tem uma crónica quinzenal, de Manuel Martins, emigrante a viver em Ontário, no Canadá.

Paula Garcia, jornalista no semanário picaroto *Ilha Maior*, dá conta da preocupação do periódico em não só escrever notícias para este público, mas também do interesse deste em recebê-lo. “Julgamos que os emigrantes gostam de receber o jornal e até ficam à espera que ele chegue, sendo uma forma de elo de ligação com a sua terra natal” (comunicação pessoal, 2015, outubro 15). A jornalista afirma que, dos 968 leitores, 105 são assinantes emigrantes que residem em duas zonas de distribuição: Estados Unidos e Canadá. Nos Estados Unidos, a Califórnia é o estado predominante e conta com 47 assinantes do género masculino e oito do género feminino. Também no Canadá, o género masculino predomina, contando com 40 assinantes contra 10 do género feminino, sendo distribuídos sobretudo pela zona de Ontário (Oakville).

Os diretores de informação do Jornal jorgense *O Breves e Breves TV*, Álvaro Daniel Blayer e Valdemar Furtado, apesar de não poderem facultar os dados pedidos, afirmaram que a parte audiovisual e a plataforma digital estão a ter muito sucesso sendo que a televisão na internet (*Breves TV*) é a parte mais visualizada entre os órgãos de comunicação da Associação detentora.

O jornalista Paulo Viveiros, do periódico micaelense *Diário dos Açores*, declarou que o jornal não tem dados concretos sobre o número de leitores e o número de jornais enviados para o estrangeiro. Apesar disso, revelou que em média um jornal é compartilhado por 5 pessoas, sendo que a sua leitura é partilhada e multiplicada “numa casa, o jornal é lido por vários membros da família, nos cafés, consultórios médicos e nas empresas, cada jornal é lido por muitas pessoas” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14). Quanto aos jornais enviados para o estrangeiro o jornalista explica que estes têm visto baixar o seu número nos últimos anos “ (...) não por falta de leitores, mas porque os apoios públicos ao porte pago têm diminuído e o valor do envio tem vindo a aumentar. Chegamos a ter vários casos em que o valor mensal da assinatura era inferior aos custos do envio” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14).

Para colmatar este facto e a informação continuar a chegar aos emigrantes interessados o diário apostou numa versão em PDF.

Nos últimos anos criámos uma assinatura em versão PDF para assinantes no estrangeiro que tem funcionado muito bem, dada a rapidez de receção que é na hora (o envio da versão em papel via CTT levava diversos dias a chegar ao assinante). O único problema do formato PDF é que acaba por ser reencaminhado para diversas pessoas que não são assinantes pagantes, mas usufruem de uma assinatura grátis (sabemos que acontece bastante), é sinal do interesse que existe nas comunidades em ler e em acompanhar o que se passa na terra natal (comunicação pessoal, 2015, outubro 14).

O jornalista assevera ainda o interesse de chegar a este público e da relação bilateral que se origina pois, por um lado, “temos também assinantes nas nossas comunidades que nos mandam informações para publicarmos dando conta de acontecimentos que por lá se passam” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14) e, por outro, “temos a preocupação de ir publicando informações de lá para que os nossos leitores locais vão sabendo também, de forma geral, o que se passa nas comunidades” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14).

Paulo Viveiros reitera também a importância de conservar os laços e a ligação próxima com os emigrantes “embora tenhamos consciência que esta ligação tem tendência a diminuir porque as 2ª e 3ª gerações dos emigrantes já não têm o mesmo interesse em acompanhar as notícias regionais como os pais” (comunicação pessoal, 2015, outubro 14).

Jornal	Ilha	Periodicidade	Tiragem	Assinantes	Leitores	Estrangeiro
“O Monchique”	Flores	Mensal	600 exemplares	540	1040	100
“O Dever”	Pico	Semanário	1100 exemplares	822	_____	146
“Ilha Maior”	Pico	Semanário	1100 exemplares	_____	968	105
“O Breves”	São Jorge	Semanário	_____	_____	_____	_____
“Diário dos Açores”	São Miguel	Diário	3.500 exemplares	_____	_____	_____

Quadro 3 - Estimativas de tiragens, número de assinantes, leitores e jornais enviados para o estrangeiro.²¹

5.3. O movimento associativo e a imprensa

Para melhor compreender a ligação dos emigrantes à imprensa açoriana foi também feito um questionário às Casas dos Açores (Norte, Winnipeg, Ontário, Hilmar, Nova Inglaterra, Bermudas e São Paulo) e outras associações (Portuguese Athletic Club, Centro Cultural Português de Mississauga) espalhadas pelo mundo. O inquérito tinha como objetivo apurar os hábitos de leitura dos emigrantes ao perceber que notícias são mais discutidas e lidas nas comunidades da diáspora. Este pretende também apreender se as

²¹ Estes dados foram cedidos por funcionários dos respetivos jornais via correio eletrónico (outubro 2015).

Casas dos Açores continuam a ser espaços de leitura para os emigrantes. Visto que a participação sociocultural e associativa é extremamente importante nas comunidades da diáspora açoriana pretende-se inferir se existem dinâmicas nestas coletividades que incentivem à leitura e estimulem um contacto bilateral com os referenciais pontos de origem, os Açores.

Os inquéritos foram distribuídos em novembro de 2015, pelo Vice-Presidente da Casa dos Açores de Lisboa, Carlos Borges de Sousa, na formação “Açores para a diáspora” que teve lugar nas ilhas de São Miguel e Terceira. O questionário abarca sete questões que aspiram, numa primeira abordagem, entender como funciona a interação entre a esfera regional (jornais) e a da diáspora (associações, jornais da diáspora) de forma a apreender a dinâmica dos emigrantes com a imprensa açoriana (Anexo 22).

Relativamente à primeira questão, quais são os jornais que recebem, depreendeu-se que, cada vez menos, estas organizações recebem jornais impressos.

Os cortes governamentais no apoio ao envio dos jornais para as comunidades, o tempo que decorre desde o envio do jornal até à chegada ao destino e o *ciberjornalismo* são algumas das razões para o jornalismo impresso não ter tanto peso nestas associações. Os resultados obtidos demonstraram que o jornal mais recebido é o jornal da ilha do Faial, “Tribuna das Ilhas”, sobretudo nos Estados Unidos. De salientar que as Casa dos Açores das Bermudas e de Winnipeg não recebem qualquer jornal e que o Centro Cultural Português de Mississauga recebe somente jornais nacionais (“A Bola”, “Correio da Manhã”, “Sol”) – Gráfico 15.

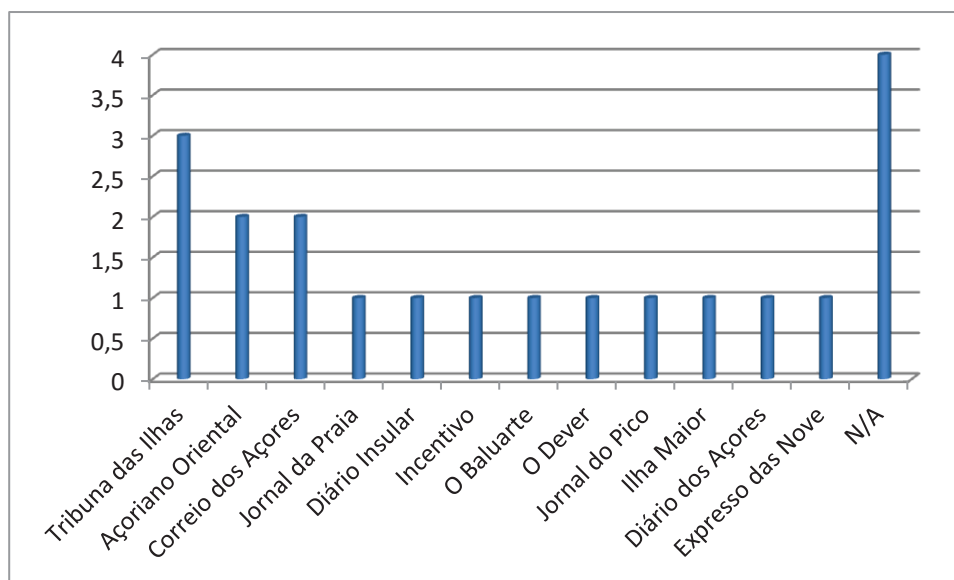


Gráfico 15- Percentagem dos jornais que as organizações associativas recebem.

Apesar destas agremiações promoverem a cultura açoriana estas vão alterando a forma como a preservam, adaptando-se aos tempos e às pessoas que as integram sendo que os emigrantes de gerações anteriores têm uma relação diferente com as ilhas e hábitos de leitura e sociabilização divergentes dos emigrantes de última geração ou dos luso-descendentes. Estas associações acabam assim por se moldar aos tempos, sobretudo no que concerne o jornalismo, sendo que o jornalismo digital é o mais praticado nestas comunidades e a emigração açoriana amplia estas plataformas, pois a Internet ganha um valor acrescido para os emigrantes no esbatimento das distâncias. O jornalismo digital é também uma forma dos emigrantes obterem as notícias de uma forma mais rápida pois, por exemplo, a constante atualização de informação não pode ser feita num jornal impresso com a mesma velocidade que é feita num jornal digital, sobretudo quando se trata de semanários.

Relativamente a questão, leem mais jornais em papel ou digitais, 56% das nove associações inquiridas declararam que os associados leem mais jornais digitais sendo que apenas 11% continua a optar pelo jornalismo impresso. Uma percentagem de 33% não cedeu os dados ou destacou que não recebeu qualquer periódico (N/A) – Gráfico 16.

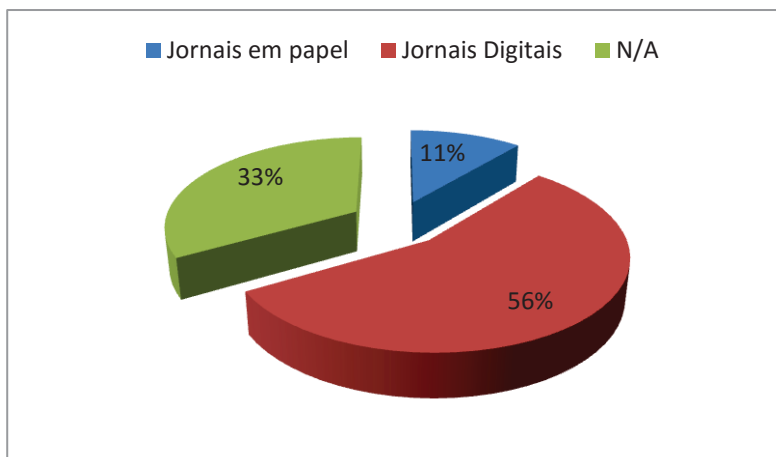


Gráfico 16- Percentagem do tipo de jornais mais lidos.

Depois de compreendermos que estes espaços ainda funcionam como lugares de debate e leitura, achou-se pertinente conferir a percentagem de periódicos lidos nestas comunidades sendo que 56% afirmou que se leem até 10 jornais e 11% que se leem entre 10 a 50. Das nove instituições inquiridas, 33% afirmou que não se leem jornais ou não disponibilizou dados. Assim, no gráfico, esta parcela está representada com a referência N/A (Not Available/Not Applicable) – Gráfico 17.

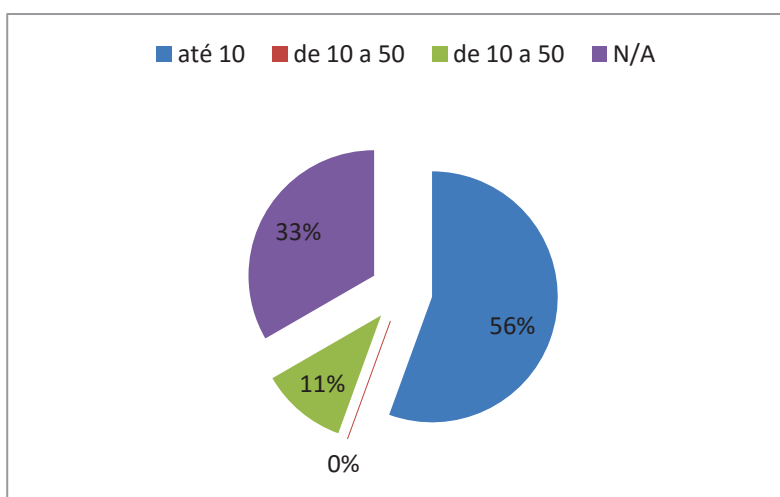


Gráfico 17- Percentagem de periódicos lidos nas comunidades.

No que concerne as notícias que nestas associações os seus associados gostam mais de ler, as mais apreciadas são as notícias locais dos Açores (29%) e as notícias de política local (23%). O interesse notório dos emigrantes que frequentam estas associações por notícias sobre a Região comprova o nosso conceito de “mercado noticioso da saudade”.

Das nove organizações associativas 12% referiu que as notícias que os seus membros gostam de ler são notícias sobre futebol e notícias dos Estados Unidos [ou outro país onde está a comunidade]. Com a mesma percentagem, 12%, encontra-se a resposta N/A, dados não disponibilizados ou não aplicáveis. Nestas associações, 6% dos visitantes aprecia ler a necrologia, aspeto que difere dos resultados obtidos nos inquéritos individuais e que se pode justificar por os óbitos serem habitualmente tópicos de conversas em associações. 6% assinalou a opção “outros”. Dentro desta opção as notícias mais lidas são as de atualidade regional – Gráfico 18.

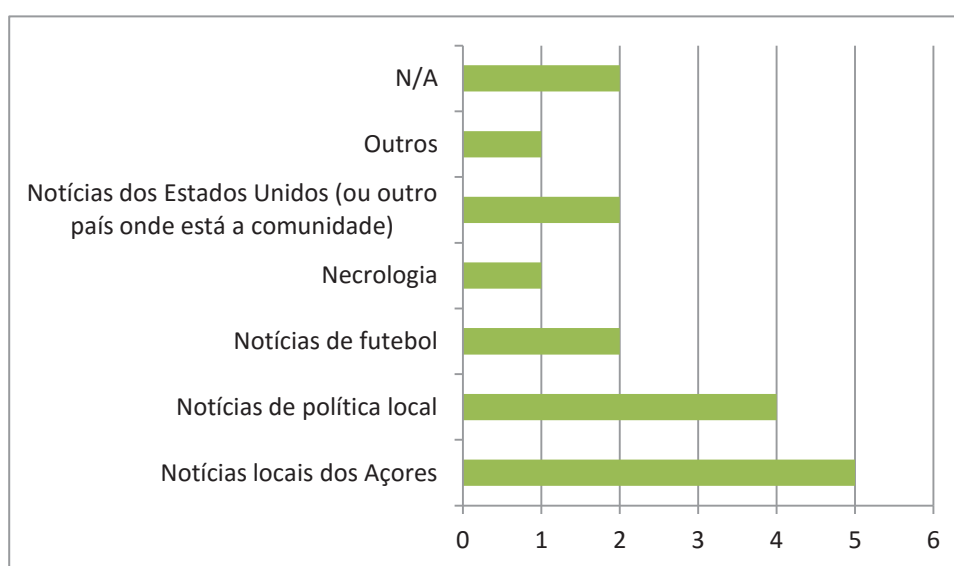


Gráfico 18- Percentagem dos assuntos noticiosos que os filiados destas sociedades apreciam mais de ler.

Os membros destas associações gostam sobretudo de discutir notícias locais dos Açores (27%) e notícias de política local (27%). Estes espaços de discussão que permitem o debate e o confronto de ideais são muito importantes e possibilitam um espaço público mais variado e confirmam mais uma vez a construção de um mercado da saudade que se

alicerça não só no consumo mediático mas também na partilha do mesmo. 23% dos membros debatem notícias de futebol e 14%, notícias dos Estados Unidos [ou outro país onde está a comunidade]. Nenhum dos membros destas organizações mostrou interesse em ler obituários. Da amostra total, apenas 9% dos migrantes gosta de discutir outro tipo de assuntos sendo que as possibilidades apontadas foram atualidade regional e atividades locais da comunidade onde residem – Gráfico 19.

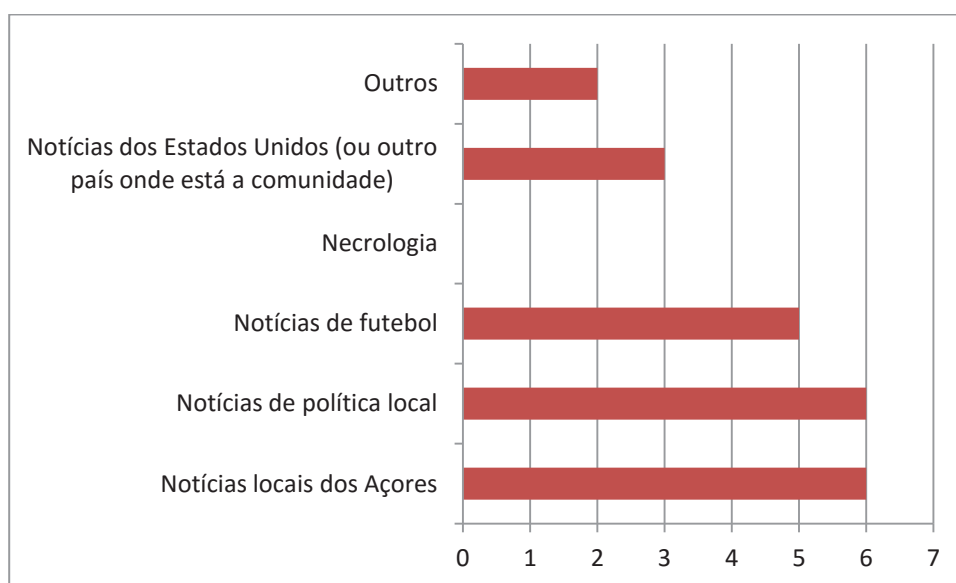


Gráfico 19- Percentagem dos assuntos que os membros destas associações gostam mais de discutir.

Por norma, nas associações formam-se sempre grupos que têm como objetivo ampliar e difundir os princípios de uma organização. O que as torna locais privilegiados para o desejado consumo mediático e, conseqüentemente, para a consolidação do mercado da saudade. O Homem é um ser social e como tal tem uma propensão natural, um ímpeto para viver em grupo (sociedade) mas também para desenvolver atividades em grupo. Nestas associações, geram-se, sobretudo, grupos de lazer (33%) e grupos que ensinam português aos mais jovens (29%). Estes grupos são extremamente importantes pois preservam a cultura açoriana para os elementos que não nasceram nos Açores, os descendentes, e que, de certa forma, não tiveram um contacto direto com o arquipélago. Os grupos desportivos e que organizam excursões representam 9% do universo estatístico. As

restantes respostas, pertencem a associações que não deram qualquer resposta (N/A; 10%) e a associações que indicaram outra opção para além das definidas pelo investigador. Na opção “outros” (10%) os inquiridos responderem que se formam grupos culturais onde se propagam eventos nas comunidades concernentes à cultura açoriana – Gráfico 20.

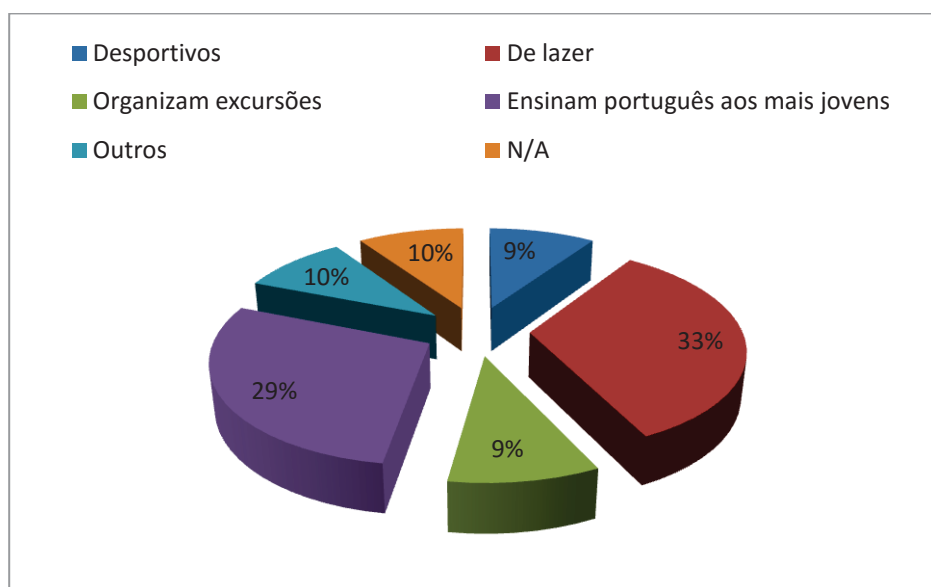


Gráfico 20- Grupos que se formam dentro das organizações.

A importância da imprensa é indiscutível, sobretudo em espaços insulares e ultraperiféricos que estão, de certa forma, isolados. A imprensa açoriana se, por um lado, estreita a distância entre os emigrantes e os Açores, diluindo a distância, por outro, fomenta e consolida as identidades culturais das comunidades da diáspora que se constrói também através do consumo mediático. Um exemplo disso é o facto de haver artigos escritos por emigrantes que se encontram nessas comunidades e dos jornais divulgarem os eventos para os açorianos realizados dentro e fora fronteiras. As Casas dos Açores e outros movimentos associativos são formas não só de propagar a *Açorianidade*, mas também de manter o debate saudável e a discussão noticiosa ativa. Assim, estes espaços são preponderantes e avivam a relação entre a imprensa regional e as comunidades da diáspora açoriana. A prova disso é que todas as organizações auscultadas enalteceram a importância para elas de receberem jornais açorianos, seja para manter as pessoas atualizadas sobre a realidade regional (4), seja para dar a conhecer na comunidade as atividades desenvolvidas

nos Açores (2) ou para manter a continuação da ligação com a terra materna e fomentar o vínculo de união entre a terra e as comunidades (3).

Apesar da distância a que estas organizações associativas se encontram e do espaço geracional existente para além das diversas géneses, as pessoas continuam a mostrar interesse em manter-se informadas sobre o que se passa no arquipélago açoriano sendo que, hoje, o método mais utilizado nestas associações para obter notícias é através de jornais digitais. Contudo, o mundo virtual mescla-se com o mundo real e as pessoas reúnem-se para a discussão de temas e a formação de grupos que colmatem às saudades da sua terra mãe e ao mesmo tempo preservem os valores e tradições da terra que os viu nascer, contribuindo assim para o fortalecimento de ligações e a criação de uma rede social que o mercado da saudade alimenta através do consumo de produtos informativos.

5.4. Os emigrantes e o regresso

Dispersos um pouco por todo o mundo, muitos dos emigrantes açorianos têm em vista o regresso às ilhas. Na origem do intento de voltar às origens salientam-se inúmeros motivos “(...) a família que permanecia nas ilhas, a casa e terrenos abandonados, as saudades da terra, o sonho de realização pessoal no torrão natal” (Castanho, 2011: 21).

O regresso afirma-se como um fenómeno com uma grande preponderância e se, para muitos, é um sonho tornado realidade, para outros é apenas uma quimera, pois ou não têm condições financeiras para o fazer ou estão de tal forma enraizados nos novos locais (família, trabalho, comunidade) que o regresso deixa de ser uma variável a ponderar.

Com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre esta temática questionaram-se os emigrantes sobre a regularidade das suas visitas ao arquipélago e sobre a intencionalidade de regressar. Separaram-se as respostas dos emigrantes com assinatura de um jornal das dos emigrantes sem assinatura para visualizar as diferentes ligações que se estabelecem.

Relativamente aos emigrantes com assinatura, 54% asseverou que o faz sempre que pode enquanto 46% revelou que o faz frequentemente. Dos 26 emigrantes com assinatura de um periódico nenhum assinalou a opção “nunca” como hipótese – Gráfico 21.

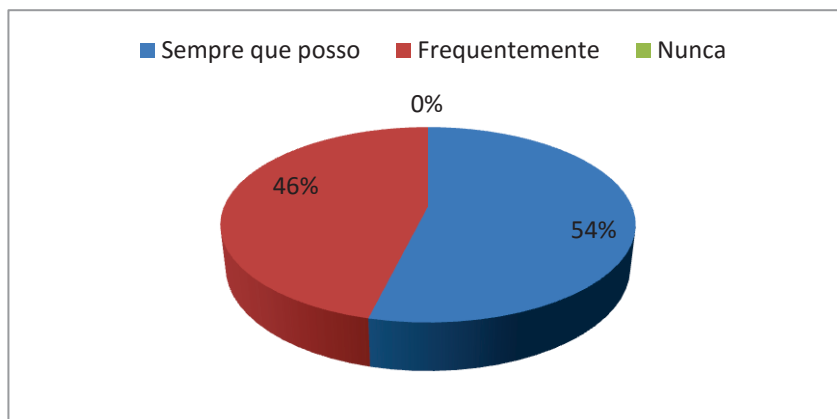


Gráfico 21- Regularidade com que os emigrantes que assinam periódicos visitam os Açores.

O facto de nenhum assinante ter respondido que nunca visitou o arquipélago desde o período em que o abandonou comprova a importância para esta população de manter a ligação com o seu ponto de partida.

Comparativamente, os emigrantes sem assinatura de um jornal, também vão, maioritariamente, aos Açores sempre que podem (61%). Já 32% dos visados declara que visita o arquipélago com frequência. Sete dos 56 inquiridos afirmaram que depois de emigrar não regressaram mais ao destino de origem – Gráfico 22.

A frequência com que os migrantes viajam para o arquipélago emerge como uma dimensão importante ao corroborar as ligações afetivas que estes mantêm com a Região Autónoma. Embora não tenham sido aferidas as causas das visitas o facto de as fazerem sempre que podem atesta que o vínculo emocional e acima de tudo, físico, é ainda mantido.

Os números elevados no que concerne a regularidade de visitas ao arquipélago patenteiam também uma certa estabilidade económica, visto que o custo dos bilhetes é elevado. Dado que a maioria dos emigrantes açorianos emigraram devido a causas

financeiras a regularidade com que visitam os Açores prova que o processo emigratório permitiu uma solidez financeira que nos Açores, quiçá, não seria possível.

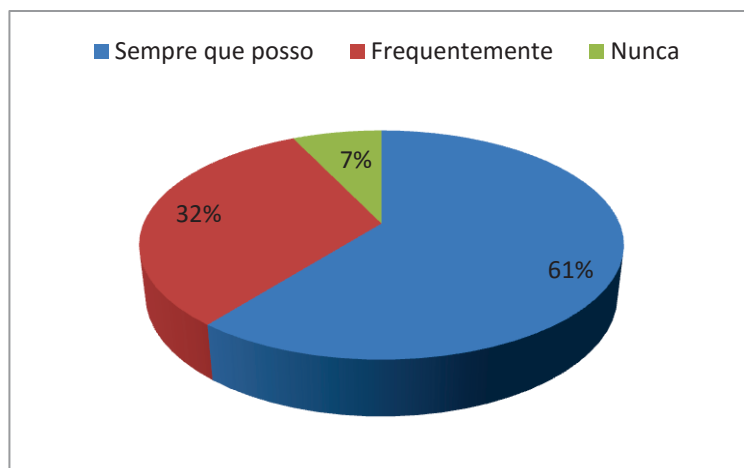


Gráfico 22- Regularidade com que os emigrantes que não assinam periódicos visitam os Açores.

Para averiguar se as visitas estão associadas ao regresso ao arquipélago inquiriu-se sobre se os emigrantes pretendiam ou não regressar à origem. Da amostra total de migrantes que assinam periódicos, 54% consideram o regresso contra 46% que não pretende tornar à pátria – Anexo 23.

Já dos inquiridos sem subscrição de um jornal insular, constatou-se que apenas 43% tem em vista o regresso, sendo que a maioria (57%) não pensa em voltar – Anexo 24. Estes dados são relevantes, permitindo ao investigador aferir que, possivelmente, os migrantes que têm uma subscrição mantêm-na porque tencionam regressar ao arquipélago e para tal é necessário manter laços mais firmes e estreitos com a terra de origem o que o consumo mediático permite.

Nos emigrantes com subscrição de um jornal, 57% dos interrogados que tenciona voltar ao arquipélago são mulheres sendo que a maioria dos inquiridos tencionar regressar a casa – Anexo 25. Já dos inquiridos sem assinatura de um periódico, 37,5% são mulheres e 62,5% são homens – Anexo 26.

Relativamente à idade, a faixa etária de migrantes com idades superiores a 61 anos que detêm uma assinatura de um jornal insular pretende regressar às origens – Anexo 27. Já no caso dos migrantes sem assinatura as gerações mais jovens têm mais em vista o regresso que as gerações mais envelhecidas – Anexo 28.

No que diz respeito à variável “tempo de ausência do arquipélago” e “regresso”, nas respostas dos respondentes subscritores há um grande equilíbrio entre os que pretendem voltar e os que se sentem enraizados e não têm em vista o regresso – Anexo 29. Já nos migrantes sem assinatura, predominantemente, os que estão ausentes do arquipélago há mais tempo não pretendem regressar enquanto os que habitam fora de Portugal há menos tempo ponderam o regresso – Anexo 30.

Contudo, é de notar que uma grande percentagem de açorianos que têm assinatura de um jornal regional não pretende regressar o que demonstra que a leitura dos periódicos é uma forma de colmatar as saudades e de saber o que se passa numa terra que não será mais sua. Isto é, o consumo de conteúdos mediáticos, tal como acontece com outros produtos ligados à memória e à origem, alimenta a ligação ao espaço geográfico de origem e torna-se um bem cujo consumo é comparável a outros produtos. Um estudo promovido pelo Governo dos Açores e realizado por Gilberta Pavão Nunes Rocha, Eduardo Ferreira e Derrik Mendes veio afirmar que um dos fatores mais preponderantes que os migrantes ponderam ao regressar aos Açores é o facto de terem saudades da terra (Anexo 31). A imprensa é assim fundamental para preservar os valores, “matar” as saudades e motivar ao desejado regresso daqueles que, corajosamente, se aventuraram em busca de novos horizontes e melhores condições de vida, os nossos emigrantes.

Conclusão

A análise dos inquéritos realizados mostra que o discurso oficial dos *media* açorianos permite uma interação entre as comunidades residentes e a diáspora levando à criação de um “mercado noticioso da saudade” que faculta a ligação afetiva dos migrantes com o arquipélago açoriano e que se materializa em duas frentes, assinantes e não assinantes. Os emigrantes com assinatura pertencem a uma geração mais velha para a qual o mercado noticioso e o consumo do jornal impresso se concretiza mais como um rito nostálgico do que uma necessidade do quotidiano visto que 12 dos 26 migrantes com assinatura não pretende regressar ao arquipélago.

Embora os jornais impressos tenham algum peso nestas comunidades, os emigrantes seguem a corrente atual de consumo noticioso, fomentada pelo aparecimento do jornalismo *online* e da convergência mediática, e recorrem sobretudo à internet para obter notícias do arquipélago o que leva a um enfraquecimento do jornalismo tradicional, com a consequente queda de vendas pois os veículos informativos açorianos têm enfrentando algumas dificuldades na transição do modelo de negócios do meio impresso para o digital.

É importante salientar que a ascensão da internet tem vindo também a alterar as formas de consumo noticioso inclusive nas comunidades da diáspora açoriana alterando as próprias práticas sociais, comunicação, interação e socialização. Contudo, a imprensa açoriana estandardiza valores e comportamentos de uma cultura, uniformizando padrões da cultura açoriana não só na Região Autónoma dos Açores mas também nas diversas comunidades da diáspora espalhadas pelo Mundo. Assim, o jornalismo tradicional enfrenta novos desafios e as mutações parecem constantes. Numa era de comunicação de massas formam-se indústrias culturais que conservam a identidade e as raízes dos açorianos, sendo que os diversos *media* criados nas comunidades da diáspora são formas de atenuar a distância do arquipélago e de preservar a identidade do povo açoriano.

Visto que o “mercado é o arranjo (praça, telefone, leilão, bolsa) pelo qual compradores e vendedores de um bem interagem para determinar o preço e a quantidade transacionada” (Neves, 2007: 62), os *media* (vendedores) produzem conteúdos mediáticos que interessam aos emigrantes (compradores) e assim, o mercado concretiza-se, embora, sobretudo, numa plataforma diferente devido aos avanços tecnológicos e às mudanças dos

consumos mediáticos. As inúmeras valências do ciberespaço encurtam distâncias e coadjuvam a comunicação. O mercado é assim transportado para o mundo virtual onde os emigrantes têm um acesso mais rápido à informação, o que permite uma ligação global com conjunturas distantes e com um mesmo raciocínio produtivo.

Para os emigrantes, os *media* são um importante alicerce social que permite que as suas reminiscências e memórias de vida se mantenham ativas e se reformulem com a passagem do tempo. O tempo é uma condicionante tão importante para os açorianos visto que na Região, este tem uma grande profundidade: “(e sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo)” (Nemésio, 1972: 16). É esta diferença na passagem do tempo que faz com que os habitantes que partam sintam sempre nostalgia.

Da mesma forma que os produtos portugueses importados para o estrangeiro são consumidos de forma emocional e não empresarial, os *media* açorianos são consumidos pelos emigrantes atendendo à saudade que sentem da terra, sentimento profundamente português. O consumo mediático é assim uma forma de colmatar as saudades dos emigrantes, manter a sua ligação ao arquipélago e perpetuar o consumo do que é português.

Os jornais e os outros meios de comunicação que veiculam informação são para os emigrantes como que uma “Madalena de Proust” (cf. Proust, 2003), memórias involuntárias, reconstruções do passado que fazem com que os habitantes voltem aos tempos transatos na ilha. Através do estudo, compreendemos que o consumo dos mesmos é assim feito por saudade e nostalgia de tempo que não retorna, visto que, no universo estatístico do presente trabalho, a maioria dos migrantes que detêm uma assinatura de um jornal insular pretende regressar ao arquipélago. O consumo mediático nostálgico leva também ao efeito adverso, o enraizamento dos destinos migratórios para onde emigraram. Com este primeiro estudo depreende-se que a imprensa é uma importante forma destes migrantes se manterem ligados à Região. Esta ligação mediática é realizada através dos jornais regionais, impressos e em linha, jornais da diáspora, televisão, e sobretudo, através de um consumo de notícias em redes sociais sendo que esta é uma tendência a ter em conta.

Sugere-se uma futura investigação que compreenda uma amostra mais ampla que abarque estas e outras faixas etárias bem como outras regiões demográficas. Uma proposta

passível para estreitar e preservar as relações entre os migrantes e os Açores é uma maior virtualização dos espaços entre o arquipélago e as comunidades através de sítios em linha mais aptos aos consumos mediáticos atuais e juvenis como, por exemplo, com aplicações interativas, e com uma atualização mais constante, aspeto que ainda não se encontra cabalmente estudado.

Em suma, este estudo constitui unicamente um contributo para o conhecimento da relação dos migrantes açorianos com a imprensa regional nas ilhas. Crendo-se que este tema seja importante e com uma área de investigação vasta e com muitas valências aspira-se que esta dissertação incite outros investigadores a explorarem este campo produtivo de trabalho.

Bibliografia

Aguiar, Cristóvão (1976), *Alguns dados sobre a emigração açoriana*, Coimbra: [s.n.].

Almeida, Onésimo Teotónio (1989), *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Ponta Delgada: Signo.

_____ (2014), *Minima Azorica: O meu mundo não é deste reino*, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas.

Azevedo, Mário (2004), *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares, Sugestões para Estruturação da Escrita, 4ª Edição*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Baião, José Manuel; Oliveira, José; Tavares, Carlos Melo (1979), *A informação como factor de desenvolvimento: ensaio sobre jornalismo nos Açores*, Ponta Delgada: Impraçor.

Borges, Dinis; César, Carlos (2004), *Nem sempre a saudade chora: antologia de poesia açoriana sobre a emigração*, Açores: Direcção Regional das Comunidades, D.L.

Brandão, Raul 2009, *As Ilhas Desconhecidas-Notas e Paisagens*, Açores: Artes e Letras.

Burnay, Catarina Duff (2010), *A açorianidade na ficção da RTP-Açores, 1986-2007*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas.

Cabral, Berta; Cordeiro, Carlos; Luz, José Luís; Meneses, Avelino; Silva, Susana (2009) *A História da Imprensa e a Imprensa na História: o contributo dos Açores*. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional organizado pelo Centro de Estudos Gaspar Frutuoso, da Universidade dos Açores, e o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século

XX, da Universidade de Coimbra, sobre o tema «A História da Imprensa e a Imprensa na História: O Contributo dos Açores», realizado na Universidade dos Açores, de 28 a 30 de Maio de 2009.

Cordeiro, Carlos (1992), *Insularidade e Continentalidade*, Coimbra: Minerva Histórica.

Costa, Francisco Carreiro (1978), *Esboço Histórico dos Açores*, Ponta Delgada: Instituto da Universidade dos Açores.

Castanho, Maria da Graça; Ferreira, Eduardo; Fonseca, Maria; Nunes, Gilberta Pavão; Mendes Derrick; coord.; trad. Nuno Pavão Nunes (2011), *Entre dois mundos: emigração e regresso aos Açores*, Ponta Delgada: Governo dos Açores/ Secretário Regional da Presidência/ Direcção Regional das Comunidades.

Freitas, Vamberto (2002), *Jornalismo e cidadania: dos Açores à Califórnia*, Lisboa: Salamanca.

Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas (1989), *A Ilha no mundo: exposição sobre a emigração açoriana*, Angra do Heroísmo: G.E.A.C.A.

Marcos, Daniel (2008), *A erupção dos Capelinhos: janela de oportunidade para a emigração açoriana*, Angra do Heroísmo: IAC - Instituto Açoriano de Cultura.

Melo, João de (2010) *Gente Feliz com Lágrimas*, Alfragide: Leya, SA.

Mendonça, Luís e Ávila, José (2002), *Emigração açoriana (sécs. XVIII a XX)*, Lisboa: Lito 2, Artes Gráficas LDA.

Moniz, António Brandão; Oliveira, José Manuel, (2000), *O poder e o discurso: da imprensa quotidiana nos Açores*, Ponta Delgada: Instituto Cultural.

Nemésio, Vitorino (1956), *Corsário das ilhas*, 1a ed, Amadora: Bertrand.

_____ (1972), *Mau Tempo no Canal*, 4a ed, Amadora: Bertrand.

Neves, João Luís César das (2007), *Introdução à Economia*, 8a ed, Portugal: Editorial Verbo. Edição realizada em colaboração com o Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa.

Pires, António M.B. Machado (1981), “Emigração, cultura e modo de ser açoriano” *In: Separata da Revista Lusitana, nova série – n.º1*, Lisboa: [s.n.].

Proust, Marcel (2003), *Em Busca do Tempo Perdido Volume I - Do Lado de Swan*, Lisboa: Relógio D'Água Editores por Printer Portuguesa.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

Rosa, Victor M. Pereira; Trigo, V.P, Salvato (1987), *Da insularidade à açorianidade: algumas reflexões*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Rosado, Nuno (1983), *A imprensa regional e o poder da comunicação*, Lisboa: IDL – Instituto Amaro da Costa.

Sá, Daniel, (1992), *Ilha Grande Fechada*, Lisboa: Salamandra, D.L.

Santos, Sofia Carla Gonçalinho (2005), *Imprensa regional: temas, problemas e estratégias da informação local*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, especialização Comunicação e Indústrias Culturais, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas.

Secretária Regional da Comunicação Social (1991), *Comunicação social açoriana: anos 90*, Ponta Delgada: Secretária Regional da Comunicação Social.

Vasconcelos, José (1992), *Mês de Sonho*, Ponta Delgada: Instituto Cultural.

Williams, Raymond (1963), *Culture & Society*, New York: Columbia University Press.

Web links

Araújo, Humberta Maria [s.d.], “Emigração e herança Cultural Inglês a Língua que preserva a Cultura lusa?”. *In: Adiaspora.com*.

Disponível em: http://www.adiaspora.com/_port/gentes/artigo/culturalusa.htm (Acedido a 13.07.2016).

Bastos, Hélder (2010), “Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal” *In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC)*.

Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf> (Acedido a 20.09.2016).

Bolin, Göran (2014), “Media Generations: Objective and subjective media landscapes and nostalgia among generations of media users”. *In: Participations, Journal of Audience & Reception Studies*, Volume 11, Issue 2. Estocolmo: Södertörn University, pp.108-131.

Disponível em: [www.participations.org/Volume 11/Issue 2/8.pdf](http://www.participations.org/Volume%2011/Issue%202/8.pdf) (Acedido a 14.08.2016).

Bravo, Fabiana Cristina Fagundes (2012), “O jornalismo hiperlocal na era digital. O contributo e papel do blogue Graciosa Online para a RTP.” Dissertação de Mestrado em *Novos Media e Práticas Web*, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas.

Disponível em:

https://run.unl.pt/bitstream/10362/7888/2/Trabalho%20de%20projeto_NMPW_FBravo.pdf (Acedido a 14.03.2016).

Bullar, Henry; Bullar, Joseph (1841- 1ªed.), “A Winter in Azores; and a Summer at the baths of the Furnas”, 1ª ed - Vol.I, London: John Van Voorst.

Disponível digitalizado pelo arquivo da internet em 2011: <https://archive.org/stream/winterinazoresan01unse#page/n5/mode/2up> (Acedido a 19.09.2016).

Canavilhas, João (2004), “Os Jornalistas Portugueses e a Internet”. Portugal: Universidade da Beira Interior *In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC)*.

Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf> (Acedido a 14.03.2016).

Canavilhas, João (2006), “WebJornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada” *In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC)*. Portugal: Universidade da Beira Interior.

Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> (Acedido a 14.03.2016).

Diário de Notícias (29.07.2016), “Uso das redes sociais triplicou em sete anos.” Disponível em: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/uso-das-redes-sociais-triplicou-em-sete-anos-5255614.html> (Acedido a 15.07.2016).

"diáspora", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/di%C3%A1spora> (Acedido a 03.05.2016).

"diáspora", in Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$diaspora](http://www.infopedia.pt/$diaspora) (Acedido a 03.05.2016).

Donne, John (1624), “Devotions Upon Emergent Occasions” *In: Devotion XVII.* , [s.l.]: [s.n.]. Disponível em:

<http://triggs.djvu.org/djvu-editions.com/DONNE/DEVOTIONS/Download.pdf> (Acedido a 03.05.2016).

Ferreira, Eduardo; Mendes Derrick; coord. Nunes, Gilberta Pavão; trad. Nuno Pavão Nunes (2011), “Entre dois mundos: emigração e regresso aos Açores.” Ponta Delgada: Governo dos Açores/ Secretário Regional da Presidência/ Direcção Regional das Comunidades. Disponível em: <https://www.azores.gov.pt/NR/rdonlyres/47BC3BEC-58B9-40EE-9A2F-D0068FB71582/614705/EntredoisMundos.pdf>. (Acedido a 03.05.2016).

Ferreira, J. (2013), “Região Autónoma dos Açores. Variação Percentual do nº de habitantes (censos de 1864 a 2011)” *In: Instituto Nacional de Estatística.* Disponível em: <http://populacaodosacores.jimdo.com/>. (Acedido a 19.09.2016).

Governo dos Açores (s.d.), “Emigração Açoriana”.

Disponível em: <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-ssrpre-drcomunidades/textoImagem/Emigra%C3%A7ao+A%C3%A7oriana.htm>. (Acedido a 12.04.2016).

Instituto Nacional de Estatística (2012), “Sociedade da Informação e do Conhecimento, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias.” [s.l.]: [s.n.].

Disponível em: http://didaktos.ua.pt/recursos/didaktos_4872.pdf (Acedido a 14.08.2015).

Instituto Nacional de Estatística (2015) “Sociedade da Informação e do Conhecimento, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias.” [s.l.]: [s.n.].

Disponível em:

https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nnKn_4f7ON4J:https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp%3Flook_parentBoui%3D245844025%26att_display%3Dn%26att_download%3Dy+%&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt (Acedido a 14.08.2015).

Jerónimo Pedro (2011), “O uso da Internet na imprensa regional portuguesa” *In: Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0. La transformación del espacio mediático*, pp.470-491.

Disponível em:

http://www.academia.edu/2474048/O_uso_da_Internet_na_imprensa_regional_portuguesa

(Acedido a 05.03.2016).

Mundo Português (2011, 3 de outubro), “Diáspora açoriana representa 1,5 milhões de pessoas.” Disponível em: <http://www.mundoportugues.org/article/view/59275> (Acedido a 24.10.2015).

Museu Nacional de História Natural e da Ciência - Universidade de Lisboa [s.d.] “Arruda Furtado: vida e obra. Um museu vivo.” Disponível em: <http://digital.museus.ul.pt/exhibits/show/arruda-furtado-vida-e-obra/obra/antropologia/um-museu-vivo> (Acedido a 21.11.2015).

Lalanda-Gonçalves, Rolando [s.d.] “Diáspora Açoriana no Canadá: Juventude, Comunidades Virtuais e Identidade” *In: VII Congresso Português de Sociologia, 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas*, Ponta Delgada: O Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UA). Disponível em: www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0597.pdf (Acedido a 26.11.2015).

LUSA/SOL in Sol (26 de setembro 2014) “Kennedy abriu portas à emigração de 175 mil açorianos para os EUA.” Disponível em: <http://sol.sapo.pt/artigo/115732/kennedy-abriu-portas-a-emigracao-de-175-mil-acorianos-para-os-eua>. (Acedido a 10-08-2016).

Presidência do Governo dos Açores- Gabinete de Apoio à Comunicação Social (2015) “Diáspora Açoriana contribui para a afirmação dos Açores e de Portugal, afirma Paulo Teves.” Disponível em:

<http://www.azores.gov.pt/GaCS/Noticias/2015/Abril/Di%C3%A1spora+A%C3%A7oriana+contribui+para+a+afirma%C3%A7%C3%A3o+dos+A%C3%A7ores+e+de+Portugal.htm>

(Acedido a 03.04.2016).

Silva, Susana Serpa (2002) “Em Busca de Novos Horizontes, Açores, Emigração e Aculturação nos Finais do Séc.XIX, Inícios do Séc.” In: *Arquipélago História, 2ª série, VI* pp.347-360.

Disponível em:

https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/374/1/Susana_Serpa_Silva_p347-360.pdf

(Acedido a 03.05.2016).

Santos, Maria de Lourdes Lima (coord.), Neves, José Soares, Lima, Maria João e Carvalho, Margarida (2007) “A Leitura em Portugal.” Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Disponível em:

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudios/uploads/ficheiros/leitura-portugal.pdf> (Acedido a 27.08.2016).

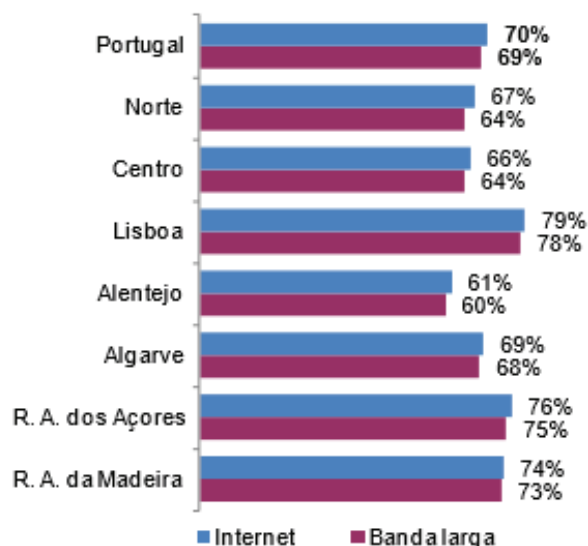
Vieira, Patrícia (2014) “Empreendedorismo emigrante português: o caso do 'Mercado da Saúde'.” Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/75000/2/101614.pdf>
(Acedido a 11.01.2016).

Visão (2013, 25 de março), “O mercado da saúde.” Disponível em:
<http://visao.sapo.pt/actualidade/visao20anos/especialaniversario/o-mercado-da-saude=f719986> (Acedido a 11.01.2016).

Anexos

Anexo 1- Proporção de agregados familiares com ligação à internet e ligação através de banda larga em casa, NUTS II, 2015.



Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2015.

Anexo 2- Famílias com acesso a computador, ligação à Internet e ligação através de banda larga em casa, total e por regiões NUTS II, 2012.

Ano: 2012	Unidade: %		
	Computador	Internet	Banda larga
Portugal	66,1	61,0	59,7
Contínente	66,1	61,0	59,7
Norte	64,6	58,0	55,7
Centro	61,1	55,2	54,2
Lisboa	74,8	71,9	71,5
Alentejo	54,6	48,8	47,2
Algarve	64,4	60,7	59,9
R. A. dos Açores	67,3	64,1	63,5
R. A. da Madeira	64,2	60,5	60,0

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2012.

Anexo 3- Inquérito realizado para a Dissertação “A Diáspora e a Imprensa Açoriana: O Caso Do “Mercado Noticioso da Saudade””.

Nome:

Função:

1- Qual é a sua opinião sobre o jornalismo digital nos Açores?

2- Quais são as grandes preocupações no uso deste tipo de jornalismo?

A sociedade açoriana

O entretenimento

Dar voz a quem não tem

Combater a discriminação

Outra

3- Acha que as redações açorianas poderiam tirar maior proveito dos novos meios de comunicação?

3.1- Se sim, como?

3.2- Se não, porquê?

4- As peças que escreve são publicadas em mais do que uma plataforma?

Sim

Não

5- Considera que a adaptação dos jornais regionais ao jornalismo *online* pode potenciar novos públicos? Acha que os emigrantes são um desses públicos?

6- Usos da Internet na redação:

Consultar a caixa de correio

Consultar sites de órgãos de comunicação social

Fazer pesquisas para as suas notícias

Para utilizar as redes sociais

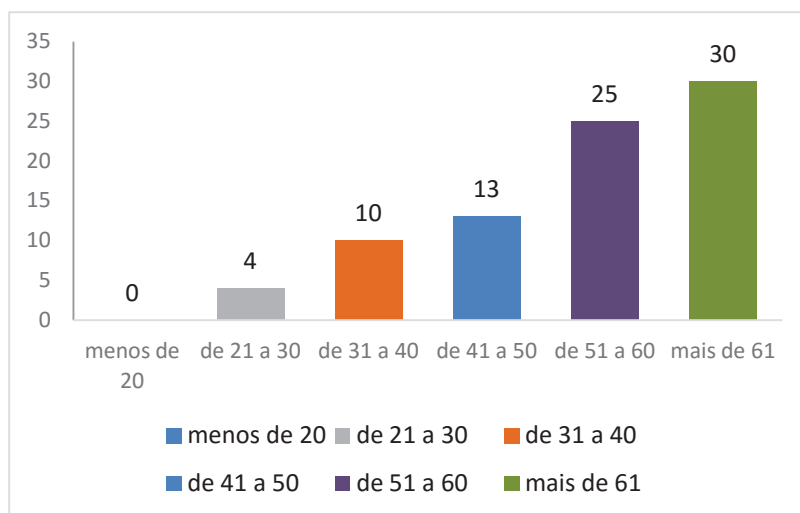
Para colocar artigos on-line

Corretor automático

Tradutor

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 4- Distribuição da amostra segundo a idade dos inquiridos.



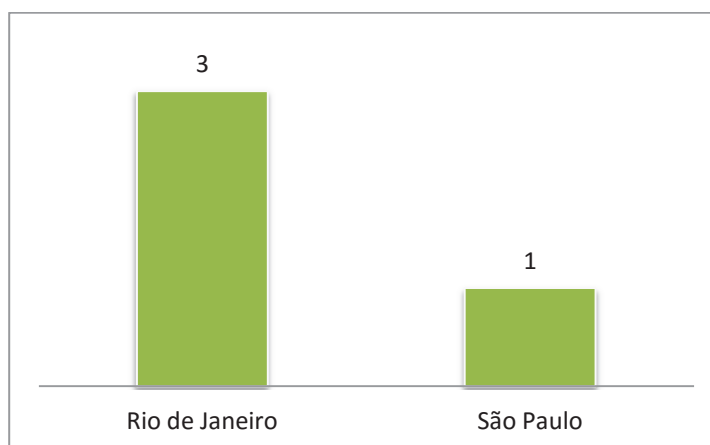
Anexo 5- Cruzamento de variáveis entre o género e a localidade onde residem os inquiridos.

		Localidade					Total	
		Estados Unidos da América	Canadá	Brasil	Bermudas	Omã		Emirados Árabes Unidos
Género	Masculino	43	5	4	0	1	1	54
	Feminino	19	7	0	2	0	0	28
Total		62	12	4	2	1	1	82

Anexo 6- Cruzamento de variáveis entre a idade e a localidade onde residem os inquiridos.

		Localidade					Total	
		Estados Unidos da América	Canadá	Brasil	Bermudas	Omã		Emirados Árabes Unidos
Idade	21-30	2	0	0	0	1	1	4
	31-40	6	2	1	1	0	0	10
	41-50	12	0	0	1	0	0	13
	51-60	21	3	1	0	0	0	25
	+ 61	21	7	2	0	0	0	30
Total		62	12	4	2	1	1	82

Anexo 7- Distribuição da amostra segundo as unidades federativas do Brasil.



Anexo 8- Número de emigrantes açorianos emigrados no estrangeiro, disponibilizado no website do governo dos Açores.²²

Quadro 1 – Nº de Emigrantes açorianos, por destino e por ano (1960-2014)

Ano	EUA	Canadá [1]	Bermuda	Total
1960	3069	3539	402	7010
1961	2382	1117	441	3940
1962	1149	1152	519	2820
1963	861	2062	479	3402
1964	959	2279	284	3522
1965	784	2781	122	3687
1966	6760	3719	225	10704
1967	7063	3897	272	11232
1968	8124	4373	316	12813
1969	8027	4684	414	13125
1970	5307	4271	293	9871
1971	4621	4641	99	9361
1972	3867	4669	88	8624
1973	3551	4204	138	7893
1974	4404	7822	174	12400
1975	4621	3255	71	7947
1976	4015	1463	119	5597
1977	3339	752	90	4181
1978	4097	719	60	4876
1979	3767	1145	88	5000
1980	2304	1955	96	4355
1981	1540	877	137	2554
1982	621	475	85	1181
1983	842	290	63	1195
1984	905	288	93	1286
1985	1270	311	91	1672
1986	1087	317	126	1530
1987	968	917	194	2079
1988	714	2191	139	3044
1989	632	2560	112	3304
1990	768	2118	67	2953
1991	358	1581	9	1948
1992	434	482	2	918
1993	432	196	0	628
1994	471	142	6	619
1995	273	97	4	374
1996	247	111	13	371
1997	316	108	23	447
1998	303	23	52	378
1999	144	14	57	215
2000	174		72	246
2002	95		139	234
2003	72		258	330
2004	61		351	412
2005	50		428	478
2006	68		263	331
2007	51		174	225
2008	37		224	261
2009	39		92	131
2010	37		43	80
2011	43		2	45
2012	20		13	33
2013	32		55	87
2014	21		55	76
Total	96.292	77.597	8.347	182.236

²² Este quadro está disponibilizado na seguinte página web do Governo dos Açores: <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-ssrpre-drcomunidades/textoImagem/Emigra%C3%A7ao+A%C3%A7oriana.htm>.

Anexo 9- Cruzamento de variáveis entre e o género e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.

		Dificuldades						Total
		Desconhecimento da língua	Encontrar trabalho	Clima	Acesso à habitação	Viver longe de casa	Outro	
Género	Masculino	19	10	11	3	13	9	65
	Feminino	14	2	5	2	9	5	37
Total		33	12	16	5	22	14	102

Anexo 10- Cruzamento de variáveis entre e a idade e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.

		Dificuldades						Total
		Desconhecimento da língua	Encontrar trabalho	Clima	Acesso à habitação	Viver longe de casa	Outro	
Idade	21-30	1	1	0	0	3	0	5
	31-40	2	2	2	1	4	2	13
	41-50	5	2	2	1	6	1	17
	51-60	11	3	3	2	6	5	30
	+ 61	14	4	9	1	3	6	37
Total		33	12	16	5	22	14	102

Anexo 11- Cruzamento de variáveis entre os inquiridos com e sem assinatura e as dificuldades sentidas na inserção das novas comunidades.

		Dificuldades					Total	
		Desconhecimento da língua	Encontrar trabalho	Clima	Acesso à habitação	Viver longe de casa		Outro
Assinaturas	Sim	13	2	6	3	5	4	33
	Não	20	10	10	2	17	10	69
Total		33	12	16	5	22	14	102

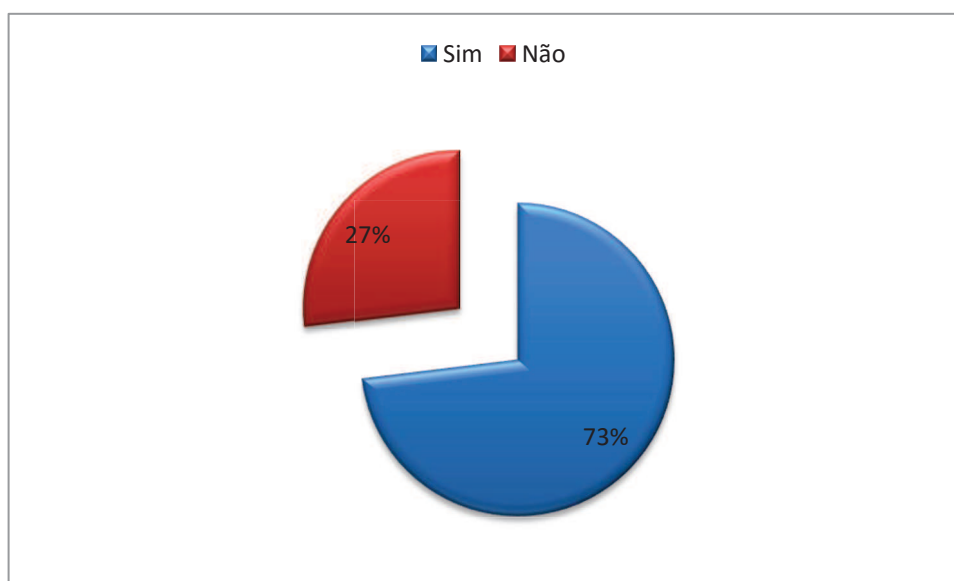
Anexo 12- Cruzamento das variáveis género dos respondentes e assinatura de um jornal.

		Assinaturas		Total
		Sim	Não	
Género	Masculino	16	38	54
	Feminino	10	18	28
Total		26	56	82

Anexo 13- Cruzamento das variáveis idade dos respondentes e assinatura de um jornal.

		Assinaturas		Total
		Sim	Não	
Idade	21-30	0	4	4
	31-40	2	8	10
	41-50	1	12	13
	51-60	8	17	25
	+ 61	15	15	30

Anexo 14- Percentagem do número de emigrantes que partilha o jornal que assina com alguém do seu agregado familiar ou círculo de amigos.



Anexo 15- Cruzamento de variáveis entre o género dos inquiridos e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.

		Informação					Total
			Jornais da diáspora	Jornais online	Amigos ou familiares	Redes Sociais	
Género	Masculino	16	5	13	5	15	54
	Feminino	10	0	5	5	8	28
Total		26	5	18	10	23	82

Anexo 16- Cruzamento de variáveis entre a idade dos respondentes e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.

		Informação					Total
			Jornais da diáspora	Jornais online	Amigos ou familiares	Redes Sociais	
Idade	21-30	0	1	0	0	3	4
	31-40	2	0	1	0	7	10
	41-50	1	0	3	6	3	13
	51-60	8	2	7	4	4	25
	+ 61	15	2	7	0	6	30
Total		26	5	18	10	23	82

Anexo 17- Cruzamento de variáveis os anos de ausência e a forma como os emigrantes se informam sobre o que se passa no arquipélago.

	Informação					Total
		Jornais da diáspora	Jornais online	Amigos ou familiares	Redes Sociais	
Ausência < 1	0	1	0	0	2	3
1-5	0	0	1	1	2	4
5-10	3	1	2	0	4	10
10-15	0	0	1	0	0	1
> 15	23	3	14	9	15	64
Total	26	5	18	10	23	82

Anexo 18- Cruzamento de variáveis entre o género e as notícias que os indagados mais gostam de ler.

	Preferências						Total	
		Notícias locais	Notícias ligadas à política	Notícias de futebol	Necrologia	Economia		Outro
Género Masculino	38	13	4	3	0	5	2	65
Feminino	18	8	5	0	1	2	3	37
Total	56	21	9	3	1	7	5	102

Anexo 19- Cruzamento de variáveis entre a idade e as notícias que os indagados mais gostam de ler.

	Preferências							Total
		Notícias locais	Notícias ligadas à política	Notícias de futebol	Necrologia	Economia	Outro	
Idade 21-30	4	0	0	0	0	1	0	5
31-40	8	0	1	1	0	2	1	13
41-50	12	1	3	0	1	0	0	17
51-60	17	7	2	0	0	2	2	30
+ 61	15	13	3	2	0	2	2	37
Total	56	21	9	3	1	7	5	102

Anexo 20- Cruzamento de variáveis entre o género e o meio de comunicação que os inquiridos, com assinatura, utilizam para aceder às notícias.

	Acesso					Total
		Imprensa	Rádio	Televisão	Internet	
Género Masculino	38	2	2	1	11	54
Feminino	18	1	0	4	5	28
Total	56	3	2	5	16	82

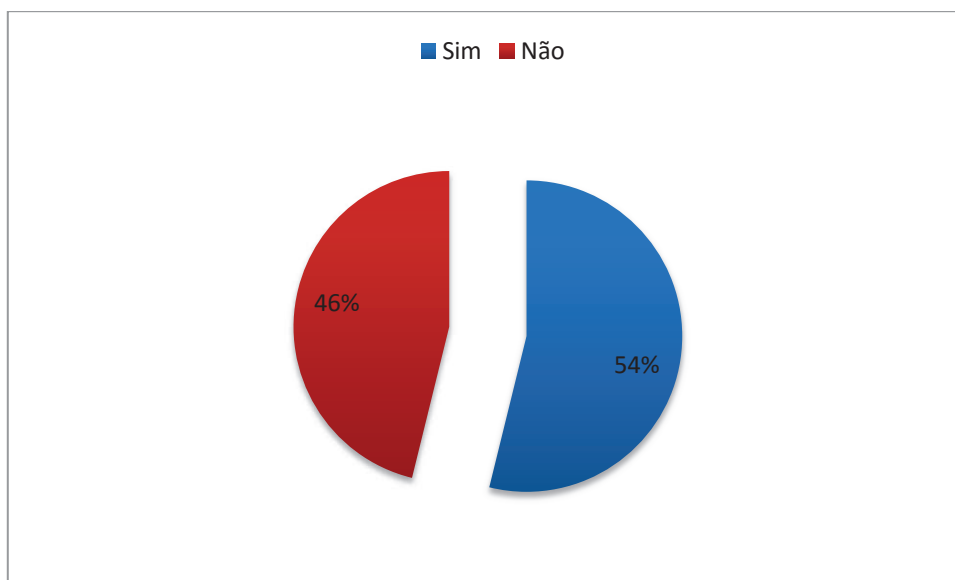
Anexo 21- Cruzamento de variáveis entre o género e o meio de comunicação que os inquiridos, sem assinatura, utilizam para aceder às notícias.

	Acesso					Total
		Imprensa	Rádio	Televisão	Internet	
Género Masculino	16	3	3	9	23	54
Feminino	10	1	1	7	9	28
Total	26	4	4	16	32	82

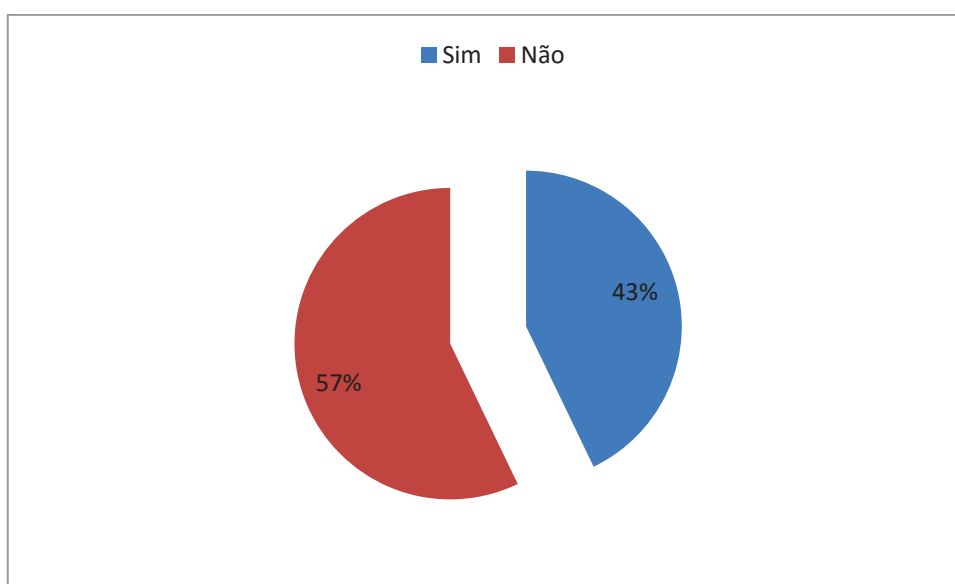
Anexo 22- Questionário realizado para a Dissertação “A Diáspora e a Imprensa Açoriana: O Caso Do “Mercado Noticioso da Saudade””.

1) Quais são os jornais que recebem (colocar cruz nos recebidos)	Açoriano Oriental	Diário dos Açores	Correio dos Açores	Diário Insular	Outros. Quais?	
2) Leem mais jornais em papel						
Leem mais jornais digitais		Quais?				
3) Quantos leem	até 10	de 10 a 50	mais de 50			
4) O que mais gostam de ler	Notícias locais dos Açores	Notícias de política local	Notícias de futebol	Necrologia	Notícias dos Estados Unidos [ou outro país onde está a comunidade]	Outros. Quais?
5) O que mais discutem na comunidade	Notícias locais dos Açores	Notícias de política local	Notícias de futebol	Necrologia	Notícias dos Estados Unidos [ou outro país onde está a comunidade]	Outros. Quais?
6) Que grupos formam	Desportivos	De lazer	Organizam excursões	Ensinam português aos mais jovens	Outros? Quais?	
7) Acham importante receberem jornais açorianos?		Porquê?				

Anexo 23- Percentagem do número de emigrantes que assinam periódicos que pretende regressar ao arquipélago.



Anexo 24- Percentagem do número de emigrantes que não assinam periódicos que pretende regressar ao arquipélago.



Anexo 25- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes com assinatura e o regresso.

		Regresso			Total
			Sim	Não	
Género	Masculino	38	6	10	54
	Feminino	18	8	2	28
Total		56	14	12	82

Anexo 26- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes sem assinatura e o regresso.

		Regresso			Total
			Sim	Não	
Género	Masculino	16	15	23	54
	Feminino	10	9	9	28
Total		26	24	32	82

Anexo 27- Cruzamento de variáveis entre a idade dos migrantes com assinatura e o regresso.

		Regresso			Total
			Sim	Não	
Idade	21-30	4	0	0	4
	31-40	8	2	0	10
	41-50	12	1	0	13
	51-60	17	2	6	25
	+ 61	15	9	6	30
Total		56	14	12	82

Anexo 28- Cruzamento de variáveis entre a idade dos migrantes sem assinatura e a o regresso.

		Regresso			Total
			Sim	Não	
Idade	21-30	0	4	0	4
	31-40	2	6	2	10
	41-50	1	7	5	13
	51-60	8	6	11	25
	+ 61	15	1	14	30
Total		26	24	32	82

Anexo 29- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes com assinatura e o tempo de ausência do território português.

	Regresso			Total
		Sim	Não	
Ausência < 1	3	0	0	3
1-5	4	0	0	4
5-10	7	3	0	10
10-15	1	0	0	1
> 15	41	11	12	64
Total	56	14	12	82

Anexo 30- Cruzamento de variáveis entre o género dos migrantes sem assinatura e o tempo de ausência do território português.

	Regresso			Total
		Sim	Não	
Ausência < 1	0	3	0	3
1-5	0	3	1	4
5-10	3	5	2	10
10-15	0	1	0	1
> 15	23	12	29	64
Total	26	24	32	82

Anexo 31- Principais atores envolvidos na decisão de regressar aos Açores, por motivo do regresso (%).

Quadro 6. 4 – Principais actores envolvidos na decisão de regressar aos Açores, por principal motivo do regresso (%)

Principal motivo do regresso	Principais actores envolvidos na decisão de regressar aos Açores					
	Inquirido	Cônjuge	Filhos	Pais	Decisão conjunta	Outra situação
Saudades da terra	29,0	26,7	11,1	10,2	29,4	-
Para estar próximo de familiares	28,1	18,0	38,9	53,1	20,3	40,0
Motivos de saúde	10,8	15,7	22,2	10,2	14,8	25,0
Educação dos filhos	2,5	3,0	11,1	-	3,6	5,0
Inadaptação ao país de acolhimento	11,2	13,8	5,6	4,1	9,2	-
Desemprego/Dificuldades económicas no destino	1,8	1,5	-	-	1,9	10,0
Reforma	2,6	3,3	-	2,0	2,9	5,0
Acidente de trabalho	0,6	0,7	-	-	1,1	-
Acumulação suficiente de poupanças	10,8	7,6	5,6	-	16,0	-
Para contrair matrimónio	0,5	8,7	5,6	20,4	0,8	15,0
Para acompanhar a família	1,7	0,3	-	-	-	-
Outra situação	0,4	0,8	-	-	-	-
Ns/Nr	0,1	-	-	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Rocha, Gilberta (Coord.); Ferreira, Eduardo e Mendes, Derrick, 2011: 230.